

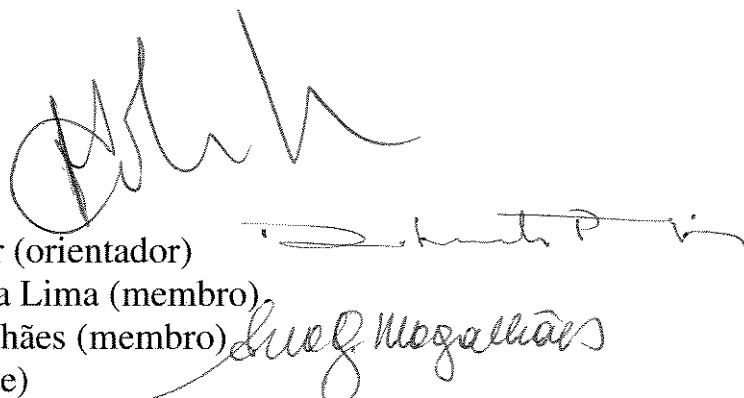
Moisés Poletini

Um Estudo das Obras Sacras de Benedito Calixto

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas sob
a orientação do Prof. Dr. Jorge Sidney
Coli Junior.

Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora em
28/02/2003.

BANCA



Prof. Dr. Jorge Sidney Coli Junior (orientador)

Prof. Dr. Roberto Pastana Teixeira Lima (membro)

Profa. Dra. Ana Gonçalves Magalhães (membro)

Prof. Dr. Marcos Tognon (suplente)

Fevereiro/2003

UNIDADE	BO
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	P758e
V	EX
TOMBO BC	59101
PROC.	124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	29/03/03
Nº CPD	

CM001B4071-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

BIB ID 290956

P758e

Poletini, Moisés

Um estudo das obras sacras de Benedito Calixto / Moisés Poletini. -- Campinas, SP : [s.n.], 2003.

Orientador: Jorge S. Coli Junior.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Calixto, Benedito, 1853-1927. 2. Arte - História. 3. Arte sacra. 4. Pintura - Brasil - Sec. XIX-XX. I. Coli Júnior, Jorge Sidney. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Resumo

O objetivo do presente trabalho foi realizar um estudo das obras sacra do pintor brasileiro Benedito Calixto de Jesus (Itanhaém, 1853; São Paulo, 1927). A pesquisa buscou elaborar um catálogo de todas as suas obras sacras, contendo: características técnicas, localização, histórico, exposições, publicações e obras em referência. Completando este estudo, apresentou-se: sua biografia com, além das obras sacras, suas obras mais importantes de outros gêneros, exposições e premiações; um itinerário crítico com o que de mais importante se escreveu sobre sua obra e trajetória artística; e uma análise da trajetória de sua arte sacra dentro do panorama das artes plásticas no Brasil, na passagem do século XIX para o século XX. Nesta análise observou-se existir dois momentos distintos na sua trajetória: primeiro, a construção da iconografia do Padre José de Anchieta e segundo, a decoração dos grandes templos católicos, principalmente no Estado de São Paulo.

Abstract

The aim of the present work was to perform a study of the sacral painting of Brazilian painter Benedito Calixto de Jesus (Itanhaém, 1853; São Paulo, 1927). Therefore, a catalogue of your all-sacral painting was done. It included technical details, localization, previous knowledge, exhibitions, paintings of reference and publication of studied paintings. Furthermore, the study brought up the biography of painter, where either sacral or the more important non-sacral painting were mentioned, its award and its main exhibitions. In addition, this study showed: a critical itinerary of painting of Benedito Calixto and your artistic trajectory and an analyze of the sacral artistic trajectory of this painter in the design art panorama of Brazil. By this analyze, it could be observed that there are, at least, two different period of artistic trajectory of Benedito Calixto, the first period was the construction of the Priest José de Anchieta iconography and the second was the decoration of the important catholically churches, mainly those located in São Paulo State, BR.

Agradecimentos:

Aos amigos e amigas da pós-graduação, com quem tantas vezes dividi as alegrias e agruras deste nosso caminhar na vida universitária.

Ao CNPq pelo apoio financeiro à pesquisa.

Aos professores, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto, que mais que professores são amigos e me deram todo o apoio sempre que precisei, apoio tecnológico com seus micros, e apoio moral com seus saberes.

À irmã Katerina e Irmã Luca do Colégio Vita et Pax, que gentilmente fizeram a tradução das frases em latim.

Aos familiares de Calixto, que sempre me atenderam tão cordialmente: Gilberto Calixto Rios, Celso Calixto Rios, , Sérgio Calixto e José Carlos Calixto de Jesus e sua esposa Sumaia.

À querida Marli Nunes de Souza, Diretora da Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, de Santos, que tanto me ajudou na busca pelas obras mais difíceis, continuamente interessada em aumentar os conhecimentos sobre a vida e obra de Benedito Calixto, sempre me recebendo com disposição e um sorriso amigo nos lábios.

Ao Sr. Jaime Mesquita Caldas, grande conhecedor da vida de Calixto.

À Lorena Suppa e Eliana Ozores do Museu de Arte Sacra de Santos.

Ao sem número de pessoas que tive a honra de conhecer nestas andanças atrás das obras e que sempre contribuíam, da maneira que podiam, com a pesquisa.

Ao pessoal da secretaria da pós-graduação: Junior, Neide e Lurdinha, sempre dispostos a nos socorrer

Aos membros da Banca, Prof. Lima e Profa. Ana Magalhães, que aliando gentileza com conhecimento, fazem meu despreparo parecer bem menor.

Ao meu orientador, Prof. Jorge Coli, quem primeiro me desvendou o caminho da História da Arte, e até hoje, continua desvendando, com um saber só adquirido pela mais absoluta dedicação e paixão pelo que faz.

À minha grande família: Mãe, irmãos, cunhados, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, o que se pode dizer à vocês, se desde quando eu não sabia nem falar, vocês já me ensinavam a dar os primeiros passos, sempre do meu lado, não importando a jornada.

À minha pequena família: Maristela e Marília, eu as amo, e isto é tudo.

ÍNDICE-

Benedito Calixto – Biografia.....	08
De artesão a professor.....	13
Itinerário Crítico.....	19
Sua trajetória na Arte Sacra.....	20
A Arte Sacra de Benedito Calixto.....	20
Sobre os temas retratados.....	22
Sobre o Catálogo.....	22
Catálogo das Obras Sacras de Benedito Calixto.....	23
Evangelho nas Selvas.....	23
Jesus no Horto.....	23
José de Anchieta e a Fera.....	24
O Gólgota.....	24
Cabeça de Cristo com a corda no pescoço.....	24
O Poema de Anchieta.....	25
O Poema à Virgem Maria.....	25
Padre José de Anchieta.....	26
Santa Ceia.....	26
Naufrágio do Sírio.....	26
Igreja de Santa Cecília.....	27
Estudos para os trabalhos na Igreja de Santa Cecília.....	32
Obras do Antigo Palácio Episcopal de São Carlos.....	33
Matriz de São João Batista- Atibaia SP.....	35
Igreja de Santa Ifigênia.....	35
Palácio São Joaquim – Rio de Janeiro.....	37
Santo Afonso – Aparecida SP.....	38
Catedral de Nossa Senhora do Amparo.....	38
Igreja da Consolação.....	39
Catedral de São Sebastião – Ribeirão Preto SP.....	42
Estudos para Catedral de São Sebastião.....	44
Na Cabana da Pindabuçu.....	45
Matriz de São João Batista – Bocaina SP.....	45
Mosteiro de Santa Tereza D’Ávila – São Paulo SP.....	51
Igreja da Ordem 1 ^a . do Carmo –Convento do Carmo – Santos.....	53
Cristo Benze o Pão Eucarístico – Matriz de Sant’Ana- Itanhaém SP.....	55
Convento de Nossa Senhora da Conceição – Itanhaém SP.....	55
Matriz de São Domingos- Catanduva SP.....	56
Convento de Nossa Senhora da Penha – Vila Velha ES.....	62
Catedral de Santos.....	63
Demais Obras.....	64
Bibliografia.....	67

BENEDITO CALIXTO – BIOGRAFIA

1853 - Em 14 de Outubro, na pequena vila de Conceição de Itanhaém, no litoral sul paulista, nasceu Benedito Calixto de Jesus. Era um dos oito filhos de João Pedro de Jesus e Anna Gertrudes Soares. Nesta época, Itanhaém era apenas um lugarejo semi-isolado do litoral, habitado por poucos pescadores e algumas famílias, remanescentes dos anos de sua maior importância econômica e administrativa. O seu convento encontrava-se em ruínas, em virtude de um incêndio em 1833 e seu último ocupante o deixara em 1844. Benedito Calixto passou a infância entre a escola do mestre João Batista do Espírito Santo e as brincadeiras próprias da infância em cidade pequena. Nos conta Milton Teixeira, um de seus biógrafos: “Sua paixão era desenhar, com barras de carvão que ele mesmo preparava, os aspectos das paisagens do local em que vivia. Ajudava ainda o velho vigário nos misteres da Igreja Matriz, acompanhando-o, rio Preto e rio Branco acima, na sua obra missionária. Pintava ‘ex-votos’ que os fiéis seus amigos penduravam, cumprindo promessas, ao lado dos altares dos santos de suas devoções, na Igreja Matriz”¹.

1873 - Como era costume, Calixto aprendeu o ofício do pai, que além de marceneiro era também ferreiro. Porém Itanhaém oferecia poucas oportunidades de trabalho, segue então o destino do irmão mais velho, João Pedro, e sai à procura de melhores oportunidades em outras cidades mais ativas. Permanece algum tempo em Santos, onde seu ganha-pão é pintar tabuletas de propaganda e composições de paisagens nos casarões santistas da época. Depois vai a Brotas, interior de São Paulo, onde residiam seus tios Antonio Pedro e Joaquim Pedro. Com o primeiro, maestro da banda local, Calixto aprendeu noções de música, já com Joaquim Pedro, que tinha às mãos todo o material e apetrechos de pintura e era quem limpava e pintava as imagens da Igreja Matriz da cidade, Calixto ajudava-o no trabalho. É neste período que pinta suas primeiras telas.

1877 - Com 24 anos, Calixto retorna a Itanhaém para desposar Antonia Leopoldina de Araújo, sua prima, com quem teve os filhos: Fantina, Sizenando e Pedrina. Após o casamento volta a viver em Brotas, agora com seu irmão João Pedro. Começa a pintar retratos e vistas das fazendas locais a pedido dos proprietários.

1881 - Calixto, encorajado por alguns admiradores, realiza sua primeira exposição no saguão do *Correio Paulistano*, e embora obtendo um certo reconhecimento da crítica, não conseguiu vender nenhuma tela. Retorna a Santos, onde executa trabalhos de propaganda, como por exemplo, o mural *Deusa da Fortuna* para uma casa de loterias, além de farmácias e outros comércios. Calixto em artigo de jornal sobre seu colega o poeta Vicente de Carvalho, fala deste período: “Conheci o Vicente ainda menino. Seu velho pai – Hygino Botelho de Carvalho – residente nesta cidade, tinha seu escritório comercial à rua Santo Antonio, próximo ao ‘Beco do Neto’. Nas horas vagas, escrevia versos e sátiras, contra seus adversários políticos. Era homem respeitável e de influência no Partido Conservador. O Hygino Botelho chamou-me um dia a seu escritório, então reformado, para encarregar-me da decoração do saguão de entrada. Esses quatro medalhões, com paisagens e marinhas do porto de Santos, foram os primeiros trabalhos que executei nesta cidade, em 1881”². Pinta *Porto das Naus* e *Desembarque de Martin Afonso de Souza*.

1882 - Ficando conhecido dos santistas, é convidado pelo engenheiro Garcia Redondo, responsável pela construção do novo teatro da cidade, para decorar esta nova sala de espetáculos, o Teatro Guarani. Ficou Calixto encarregado da pintura do teto e do pano de boca. Devido à excelente repercussão destas pinturas, Garcia Redondo solicita ao Visconde de Vergueiro, um dos beneméritos da municipalidade santista, que financiasse os estudos artísticos de Calixto em Paris. O visconde aceita, ficando a cargo da associação comercial e de amigos a provisão da família de Calixto na sua ausência.

1883 - No início do ano, com 29 anos de idade, Calixto parte para Paris. Na Cidade Luz, inicia seus estudos no ateliê de Jean François Raffaelli, porém, segundo alguns de seus descendentes, por não se moldar a sua técnica impressionista, deixa este ateliê³. Por indicação de Victor Meirelles, que também estava na França entra para a *Académie Julian*, onde tem como professores: Tony Robert-Freury, Gustave Boulanger, Jules Lefebvre e William Bouguereau. Estuda composição e desenhos a partir de modelos vivos. Em um concurso de pintura histórica obtém o segundo prêmio com a tela ‘Uma cena do Dilúvio’. Morava em um bairro afastado, Asnières. Gostava de visitar o *Louvre*, *Notre Dame* e *Saint Chapelle*.

¹ Teixeira, Milton. *Benedito Calixto: Imortalidade*. Santos, Editora da UNICEB, 1992.

² Calixto, Benedito. *Um pescador poeta*. Jornal a Tribuna, Santos, 23/01/1925.

³ Alves, Caleb Faria. *Benedito Calixto e a Construção do Imaginário Republicano*. São Paulo, 2000. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letra e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.

1884 – Em fins de 1884, não agüentando de saudade dos ares tropicais, retornou mais cedo do que pretendia, trazendo além da bagagem de mão e da tela ‘Longe do Lar’, um aparelho fotográfico⁴, que tanto o auxiliaria mais tarde no registro de cenas para a elaboração das telas históricas e religiosas. Da sua volta ao Brasil, Calixto se estabelece em Santos, afinal a cidade que financiara na sua ida a Paris. Faz paisagens da cidade e das transformações urbanas pelas quais passa, principalmente o porto, além de retratos das personalidades santistas. Dá aulas de desenho no Colégio Azurara e faz exposições.

1890 – Muda-se para São Paulo, na tentativa de ampliar o seu mercado de compradores. Enpõe na Casa Levy. Recebe sua primeira grande encomenda de pintura histórica que é exposta em 1892, ‘A inundação da Várzea do Carmo’.

1893 – *Evangelho nas Selvas, Proclamação da República*.

1894 – Considerando insatisfatório o resultado financeiro das várias exposições que fizera em São Paulo, retorna ao litoral, agora em São Vicente, onde permaneceria até o fim da vida.

1895 – Publica seu primeiro livro ‘A Vila de Itanhaém’, torna-se sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

1896 – *Jesus no Horto, A Bandeira do Divino* (sobre costumes do Litoral).

1897 – *José de Anchieta e a Fera*. Transfere-se para a residência que construiu, já com um amplo espaço para o atelier, à Rua Martim Afonso, 192. Recebe medalha de ouro de 3ª. Classe na 5ª. Exposição Geral de Belas Artes, da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro com o quadro ‘Panorama do Porto de Santos e do Novo Cais’.

1898 – Pinta *Gólgota*, para a Irmandade dos Passos em Santos. Expõe no Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, recebe medalha de ouro de 3ª. classe.

1900 – *O Poema de Anchieta, Fundação de São Vicente*. Expõe no Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

1901 – *O Poema à Virgem Maria*.

1902 – *Padre José de Anchieta, José Bonifácio de Andrada e Silva, Padre Bartolomeu de Gusmão, D. Pedro I, Capitão Mor de Itu Vicente da Costa Taques Góes Aranha, Brás Cubas*. Inicia sua extensa série de trabalhos para o Museu Paulista (do Ipiranga) sobre o passado histórico do Brasil e, principalmente, de São Paulo. Expõe na 1ª. Exposição de Belas Artes de São Paulo.

1903 – *Domingos Jorge Velho*, para o Museu Paulista. Faz estudos sobre a vida e a obra do Padre Jesuíno do Monte Carmelo.

1904 – *Os Falquejadores* é premiado com medalha de ouro na Exposição Internacional de St. Louis, nos Estados Unidos.

1907 – *O Naufrágio do Sírio*. Expõe em Belém do Pará com excelente resultado financeiro.

1909 – *Santa Ceia*. Início dos trabalhos para a Igreja de Santa Cecília. *O Batismo de São Valeriano, Aparição do Anjo do Senhor, Morte de Santa Cecília, Os Funerais nas Catacumba, Estudos para Santa Cecília perante o Tribunal, Estudo para A Morte de Santa Cecília e Estudo para A Imposição do Véu*. Início dos trabalhos para o Palácio Episcopal de São Carlos, *Tobias e o Anjo*.

1910 – *Pedro Correa Via Damasco ou A Conversão de Pedro Correa, Verdadeira Efigie de São Carlos Borromeu, Leitura*.

1911 – *O Batismo de Cristo, Corpo de Cristo Morto*. Participa da 1ª. Exposição Brasileira de Belas Artes no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo.

1912 – *O Martírio de Pedro Correa*. Trabalhos para a igreja da Santa Ifigênia: *Anunciação à Maria, Deposição de Cristo e A Ceia de Emaús*.

1913 – Obras para o Palácio São Joaquim no Rio de Janeiro: *Conversão de São Paulo e Investidura de São Pedro*.

1915 – *Santo Afonso* para os padres Redentoristas de Aparecida. Publica Memória Histórica sobre a Igreja e o Convento da Imaculada Conceição de Itanhaém. Executa, também para o Palácio São Joaquim no Rio de Janeiro: *Martim Afonso a caminho de Piratininga, Partida de Estácio de Sá*.

1917 – *A imposição do Véu, Santa Cecília perante o Tribunal, Santa Symphorosa e São Tarcísio* (Igreja de Santa Cecília). Inicia os trabalhos para a Catedral de Ribeirão Preto: *Restituição da fala a Neófito Zoé e Serás o Defensor da Igreja de Cristo*. Realiza os seis estudos referentes aos quadros da vida de São Sebastião.

1918 – *A Santa Ceia e o Lava-pés* (de Amparo). Inicia a série de quadros da cidade de São Paulo a partir das fotos de Militão de Azevedo, patrocinadas pelo Museu Paulista sobre a direção de Affonso de

⁴ Idem.

Escrangnole Taunay: *Paço Municipal, Fórum e Cadeia de São Paulo*.. Pinta para a Igreja da Consolação: *São Tarcísio, São Tomás, Santa Clara, Santo Antonio de Pádua, A Caminho de Emaús e A Ceia de Emaús. A Comunhão dos Mártires* (Ribeirão Preto).

1920 – *O Interrogatório de Dioclesiano, Segunda condenação de São Sebastião, Fuga para o Egito e Sagrado Coração de Jesus* (Catedral de Ribeirão Preto). *Marechal Deodoro da Fonseca, Rua da Quitanda Estação da Luz em 1860. Na Cabana de Pindaboçu.*

1922 – *Santos Antiga, Porto de Santos* (várias vistas), *Fundação da Vila de Santos, Panorama de Santos em 1822, Panorama de Santos em 1922.*

1923 – *Martim Afonso de Souza, Braz Cubas.*

1924 – Trabalha para a Matriz de Bocaina: *São João indicando Nosso Senhor ao Povo, Anunciação a Nossa Senhora, Deposição de Cristo, São Pedro, São Paulo, São João Batista perante Herodes, Degolação de São João Batista*. Executa os desenhos sobre a vida de Santa Tereza D'Ávila para seu mosteiro em São Paulo. Decora a igreja da Ordem Primeira do Carmo, no Convento do Carmo, em Santos: *Profeta Elias, Profeta Eliseu, Santo Alberto e Beato Nuno Álvares Pereira*. Publica "Capitanias Paulistas". Faz para a igreja Matriz de Itanhaém o *Cristo benze o Pão Eucarístico* e, para o Convento de Itanhaém, desenhos para vitrais: *Padre Manoel da Nóbrega, Padre José de Anchieta e Padre Leonardo Nunes*. Pelo conjunto de sua obra religiosa, foi agraciado pelo Papa Pio XI com a Comenda e Cruz de São Silvestre.

1925 – Continua com os trabalhos de Bocaina: *Aparição do Anjo a Zacarias, Visitação de Nossa Senhora à Santa Isabel, Encontro de Emaús, Transfiguração de Cristo, Cristo no Horto das Oliveiras e Assunção da Virgem*. Decora a Matriz de São Domingos em Catanduva: *Profeta Elias, Profeta Ezequiel, São Pedro, Santo André, São Jacó Maior, São João Evangelista, São Felipe, São Bartolomeu, São Paulo, São Lucas, São Marcos, São Matias, São Simão, São Judas Tadeu, São Jacó Maior, São Mateus, São Tomás, Batismo de Cristo e São Domingos.*

1926 – Trabalha para o Convento de Nossa Senhora da Penha, Vila Velha- ES: *O Milagre da Seca em 1769, A chegada do Frei Pedro Palácios, A Gruta de Frei Palácios e A Visão dos Holandeses.*

1927 – Faz seus últimos trabalhos sacros para a Catedral de Santos: *Noé, Melquisedeque e Ceia de Emaús*. Morre em 31 de Maio, na casa de seu filho Sizenando em São Paulo. Quando Calixto faleceu estava em negociações com o Arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva para realizar a decoração da Capela do Carmelo das Perdizes em São Paulo e com os frades Capuchinos para a decoração da Igreja da Imaculada Conceição, também em São Paulo⁵.

⁵ Calixto de Jesus Neto, Benedito. Manuscrito sobre as obras sacras de Benedito Calixto na Pasta sobre Benedito Calixto no Museu Paulista/USP.



Itanhaém em meados do séc. XIX.



Calixto no Palácio Episcopal de São Carlos em 1909, com o Bispo D. José Marcondes Homem de Mello.



Calixto em 1907 pintando o 'Naufrágio do Sfrío', podemos observar a parte direita do quadro, já desenhada mas ainda não pintada



Em 8 de Dezembro de 1924 em Itanhaém, Calixto é cercado pela multidão por ocasião da entrega da Comenda e Cruz de São Silvestre que o Papa Pio XI lhe outorgara.



Exposição de Calixto no hall do Coliseu Santista, sem data, com a presença do Presidente do Estado Dr. Carlos de Campos.

Itinerário Crítico

“Vimos hoje expostos na Casa Levy, cinco quadros a óleo do distinto pintor paulista Benedicto Calixto. São todos eles cópias da natureza e primam pela fidelidade com que são retratados os produtos da esplendida vegetação do nosso paiz. Benedicto Calixto é um artista de mérito e os seus trabalhos são dignos de serem apreciados.”

Diário Popular, 17.07.1890.

“... ao contemplar as paisagens de Benedicto Calixto foi, primeiro admiração, depois... piedade o que senti; admiração pelo que há de ter custado ao artista emergir da sua pobreza e da sua obscuridade até o degrau a que ascendeu na escada dos trabalhadores, de talento, que será talvez mediano degrau, mas que fica muito acima do ponto inicial da partida, o que, se já não é uma estação em plena glória, é todavia um posto honroso, o plano superior de um pedestal construído à força de paciência, de estudo e perseverança. Até aqui a admiração; agora a piedade! Piedade por que? Por este martyrio que se chama o talento, numa terra em que não há um artista que possa alimentar um filho com o que a sua arte lhe dá. ... Dizer o que me causaram as telas de Benedicto Calixto, isto digo-o: foi tão agradável que as comprei (para um amigo). E agora, aqui, no repouso da minha sala, revendo-as demoradamente, em tranquilidade, não posso deixar de reconhecer que ellas revelam muito talento e que... decerto ninguém poderá querer que um Meissonier, ou um Raphael custe 200\$000 (duzentos mil réis).”

Mário D'Alma. *Lápis-Lazuli: Benedito Calixto*. Correio Paulistano, 29/07/1890 (sobre exposição de Calixto na Casa Levy).

“Benedito Calixto é um espírito culturalmente paulista, de raça Guarany cruzada com sangue português; tem orgulho, amor às nossas tradições do passado; e tanto se ocupa das cousas de nossa terra, reproduzindo em seus quadros os nossos mares, paisagens e homens, como volta e eleva também seus olhos de contemplativo para as belezas misteriosas do céu, onde estuda as posições das estrelas, as diferentes fases de um eclipse, a marcha elíptica dos cometas, a massa confusa das nebulosas, para depois nos transmitir as emoções colhidas neste trajeto sideral, como ainda há pouco fez, fixando em várias telas a paisagem do último viajor (sic) errante pelo nosso firmamento (padre Bartolomeu de Gusmão, o voador). Este amor acendrado e feticífico (sic) à terra de seu berço é que lhe incute na alma novos e viris impulsos, e que lhe dá essa energia tranqüila e vencedora com que executa superiormente quadros esplêndidos como àqueles a que ora me refiro...”

Alberto de Souza. *Correio Paulistano*, 13.06.1902 (por ocasião da entrega dos quadros “D. Pedro I e ‘José Bonifácio’ ao Museu Paulista).

“Viveu Benedicto Calixto embevecido com as cousas de sua Fé, da sua Arte e da sua Terra. Crente fervorosíssimo, deliciava-se com o estudo das grandes tradições do catholicismo. Empolgavam-no os lances da vida dos Santos e a aspereza dos trabalhos dos nossos primeiros catechistas. Punha todos os recursos da vocação pictorea ao serviço da piedade intensa. Nas belas praias da sua querida Itanhaém, de São Vicente, São Sebastião e Ubatuba, que não se cansava de admirar; em face daquellas matizes do mar que com tanta fidelidade fixava na retina, deleitava-se ora em collocar Anchieta a escrever nas areias o poema a Nossa Senhora, sob a aclamação das revoadas de gaivotas... E como amava collocar nas suas soberbas marinhas as belas caravellas e os bojudos galeões de velas avermelhadas pelo sangue das Cruzes de Christo! Como se sentia feliz ao idear a construção do anecdotario pictoreo dos lances da história primeva do littoral paulista, como com o desembarque de Martim Afonso de Souza, a fundação de Santos, Martim Afonso a caminho do Sertão, a frota de Martim Afonso no porto das Naus e tantos mais assumptos popularizados pela imagem. Não menos agradável lhe foi reproduzir ou imaginar os rostos de vários dos grandes vultos do passado paulista, com o que, por vezes, alcançou assignalados triumphos como no caso do magnífico retrato de Domingos Jorge Velho, realmente felicíssimo como typo racial...”

Conceição, Júlio (amigo e mecenas). *Benedito Calixto – traços biographicos*. 1932.

“Benedito Calixto de Jesus é originário da vila de Nossa Senhora de Itanhaém, em São Paulo, onde nasceu em 14 de Outubro de 1953 e de onde saiu muito criança, para ir trabalhar com o irmão mais velho, na então vila de Brotas. Ali, nas horas de folga, pinta. Aconselhado por amigos, entusiasmados com seus quadros, cai a São Paulo realizar uma exposição – o que faz em 1881, nas salas da redação do ‘Correio Paulistano’. A imprensa o encoraja, mas o sucesso financeiro é nulo e, desalentado rumo para Santos, onde

fixa residência. Viviam ali, humildemente, de decorações, quando Garcia Redondo, construtor do Teatro Guarani, o convidava para pintar o teto do referido teatro. Começou aqui, verdadeiramente, a sua carreira artística. Satisfeito com o trabalho de Calixto, pede Garcia Redondo ao opulento visconde de Vergueiro, então na Europa, proteção para o pintor paulista, e o visconde, num ato de benemerência, convida o artista a ir estudar na Europa, a suas expensas. Assim, em Janeiro de 1883, Calixto deixa a família em Itanhaém e parte para a Europa. Em Paris, vai para o atelier de Jean François Raffaelli, mas não se afazendo ao seu processo impressionista, abandona-o e entra para a Academia Julien. Já em 1884 está de volta, e vai residir com os seus em S. Vicente, onde viveu toda a sua vida completamente entregue à pintura. Dedicou-se aos assuntos da nossa história e abordou motivos sacros; executou a “Fundação de S. Vicente”, adquirida pelo estado, a “Fundação de Santos” e o “Panorama de Santos em 1822”. Suas marinhas, suas paisagens e mesmo suas composições são repassadas por um sentimentalismo ingênuo, simples. São testemunhas do amor, do enlevo e carinho que despertaram todos os aspectos da nossa natureza e todos os momentos de nossa história.”

José M. dos Reis Junior. História da Pintura no Brasil. 1944.

“Calixto foi contemporâneo da gênese dessa Babel presente, quando – uma década antes da Primeira Guerra Mundial, - um grupo de pintores – Matisse, Rouault, e outros, - encabeçados por Picasso – e que se cognominavam ‘Les Fauves’ - acharam-se no dever de retornar o caminho desde onde haviam parado os post-impressionistas, como Gauguin e Cézanne, e proclamar que se pode ignorar totalmente a natureza, e, não obstante, continuar pintando essa mesma natureza. ...É pois certíssimo o conceito que dele (*Calixto*) faz um crítico moderno, quando afirma que ele tinha ‘a consciência artística tão ligada à sua consciência religiosa, que bem se poderia dizer que essas duas modalidades intelectuais ou espirituais se fundiam numa só e brilhantíssima exteriorização’ – resultando daí ‘essa tocante sinceridade que os seus quadros respiram, - esse critério seguro de artista que, sem esforço, naturalmente, se limita ao horizonte que a sua superconsciência delineou.’ ...Houve quem achasse as suas figuras e as suas composições, principalmente as religiosas, ingênuas e simplistas. Nada menos verdadeiro. Todas as suas figuras, todas as suas composições, religiosas ou não, são corretas e bem lançadas. Ingênuos também são considerados Giotto e Fra Angélico. Simplistas foram os artistas medievais que criaram, sem embargo, a maravilhosa estatuária gótica. ... Houve também quem dissesse, sarcasticamente, que Calixto pintava quadros ‘sob medida’, como se sob medida não fossem pintadas todas as grandes obras pictóricas legadas a posteridade. É comum ouvir-se elogios aos artistas que pintam ‘por amor à Arte’ – para satisfação própria, e não para agradar ao público ignorante, que não os compreende, nem para aqueles que encomendam telas aos metros quadrados de paredes disponíveis nas suas estilizadas mansões de novos ricos. É que Benedito Calixto não tinha depósitos no banco, nem dispunha de livros de cheques, instrumentos indispensáveis para que, certos pintores ‘blasés’, possam cometer tranquilamente os seus desatinos artísticos.”

João Pedro de Jesus Neto (*genro de Calixto*). *Em discurso à Associação Paulista de Belas Artes*, por ocasião da passagem do aniversário de nascimento de Benedito Calixto. 1948.

“(Calixto foi)... pintor, decorador, professor e historiador. Transferiu-se ainda jovem para a cidade de Santos, onde passou a dedicar-se à pintura e a decoração. Uma de suas obras, A fortuna, assegurou-lhe trabalhos decorativos no Teatro Guarani. Em 1881, realizou sua primeira individual naquela cidade e, pouco depois, graças ao interesse do Visconde de Vergueiro, conseguiu bolsa do governo estadual para ir estudar na Europa. Em Paris, frequentou a Academia Julian, onde recebeu orientação de Gustave Boulanger, Robert Fleury e Jules Lefebvre, representantes típicos do academismo eclético que então predominava entre os representantes da arte oficial na França. Voltando ao Brasil em 1885, passou a morar em Santos e instalou “atelier” em São Vicente, onde realizou sua numerosa obra de temas religiosos e de acontecimentos da história brasileira, de que se tornaria estudioso, tendo mesmo publicado vários livros, em particular do passado paulista. Fez também marinhas, paisagens e cenas de costumes. No entanto o forte de sua produção é a pintura histórica. Ao lado de Oscar Pereira da Silva e Pedro Alexandrino, forma a tríade dos mestres paulistas vinculados às tradições do realismo acadêmico no primeiro quartel deste século (XX). Participou de coletivas nacionais e estrangeiras obtendo premiações...”

C. Cavalcanti. *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos*, 1973.

“São Paulo continuará a ser como o foi nos séculos coloniais, isolada e amuada, “... trapo de pólo pegado com goma-arábica numa fralda da América...”, no dizer de Castro Alves. A pintura não encontra aqui satisfatória acomodação. Os artistas, poucos na verdade, são esforçados e audaciosos, bem no espírito desta cidade de gênio prático e bandeirístico, mas carente do gênio que produz arte. Limito-me a lembrar: José

Ferraz de Almeida Junior, um dos raros realistas nacionais, e todavia pouco decidido a seguir à tendência, autor de telas de grandes dimensões, fatigantes e cansativas; Benedito Calixto é um mecânico da pintura de todos os gêneros; desbotado, monótono na maioria dos quadros, excetuando-se os dos seus princípios de primitivo panoramista de Santos e de suas praias. ...”

Pietro M. Bardi. *História da Arte Brasileira*. 1975

“Diversos outros artistas brasileiros relacionam-se, de um modo ou de outro, com a “Belle Époque”. Entre eles figura Benedito Calixto de Jesus, paulista de Itanhaém, que entre 1883 e 1885, estudou em Paris. Ao retornar, passou a residir em São Vicente, no litoral de São Paulo. Deixou pinturas religiosas, históricas, cenas regionais, paisagens e marinhas, destacando-se principalmente neste último gênero. “Cais do mercado em 1885”, “Porto de Santos” e “Porto do Bispo” revelam-no em seus melhores momentos.”

Arte no Brasil (coleção). Abril Cultural Editora, 1979.

“É necessário insistir nas características culturais paulistanas, que permaneciam por muitos anos ainda estabilizadas em sérias deficiências provinciais. Na vastidão do crescente espaço urbano, São Paulo se europeizava, sobretudo à feição italiana desde os fins do século XIX, no ecletismo e depois no Art-Nouveau da arquitetura e da decoração (neste último estilo as melhores realizações pertenciam, no entanto, a arquitetos de outras origens), nos hábitos, na própria miscigenação da língua. A cidade, em suma, na sua vivência, peculiarizada pelos contextos étnico-culturais de uma população *sui-generis* (com seus italianos, portugueses, alemães, espanhóis, sírios, etc) adquiria ares de capital, com edifícios públicos e residências de grande porte, a ereção de monumentos escultóricos e a urbanização com áreas ajardinadas.... Entre os mestres mais acatados que atendiam, no seu imobilismo, a uma clientela amante da pintura reprodutora do real, achavam-se Benedito Calixto (1853-1927) e Pedro Alexandrino (1856-1942). Ambos haviam estudado em Paris, Calixto com Gustave Boulanger (1824-88), Alexandrino com Antoine Vollon (1833-1900). O primeiro cultivou um repertório de temas religiosos e históricos, assim como a paisagem e a marinha, e o segundo tornara-se metucioso pintor de naturezas-mortas.”

W. Zanini (org.). *Das origens do Modernismo à Semana de 1922*. in *História Geral da Arte no Brasil*, 1983.

“(sobre a biografia de Calixto) Inicia-se como cenógrafo e recebe bolsa da província para fazer estudos na Europa (1883). Em Paris prefere freqüentar as chamadas Academias Livres, onde recebe lições de Camille Boulanger, Jules Lefèvre e Robert Fleury. Era o academismo eclético dos pintores franceses oficialmente reconhecidos. Já em 1885, fixa residência em Santos, após três anos de estágio no estrangeiro, e logo inicia parte de sua obra dedicada a temas religiosos e históricos. A dedicação à história de sua província o anima a escrever livros sobre o passado de São Paulo. Sua pintura desperta grande sucesso entre seus contemporâneos e encaminha inúmeros discípulos. Obra essencialmente documentária, inclui muitas composições que são cuidadosas reconstituições. Temperamento simples, modesto, deixa isto transparecer em seus trabalhos. ... (sobre pintores de São Paulo) Em São Paulo desenvolveu-se um ponderável núcleo de pintores que correspondem bem ao desenvolvimento cultural que ia tendo a terra bandeirante. Estimulados pela personalidade sempre respeitada de José Ferraz de Almeida Junior, aplicado apaixonadamente a uma técnica e a uma temática do interior (e cabe registrar também a influência regional de Benedito Calixto), os pintores paulistas, ao início do século XX, começam a conformar um ambiente que não cessará de densificar-se até rivalizar com o que se assiste no Rio de Janeiro e culminar com o famoso acontecimento especificamente paulista, que foi a Semana de Arte Moderna de 1922.”

Q. Campofiorito. *História da Pintura Brasileira no séc. XIX*, 1983.

“A necessidade de transcrever uma narrativa, endurece o tratamento dado às telas religiosas em que apenas o céu nos reporta ao artista realista que foi, voltado a um naturalismo que o consagrou. A finalidade a que se destina tal produção possivelmente cerceou seu lado mais expressivo, pois foram-lhe encomendadas para popularizar as passagens sacras, a serem comunicadas. Isto não ocorreu apenas com Benedito Calixto, sendo mesmo usual em seus contemporâneos. Se compararmos ‘A Entrada de Jesus em Kafarnaum’, com ‘Marabá’, de Rodolfo Amoedo, ou ‘Batismo de Cristo’ com ‘Leitura’ de Almeida Junior veremos contraste semelhante, conseqüente da especificidade de temas, a exigir posicionamento particulares dos pintores.”

Maria Cecília F. Lourenço. *Benedito Calixto: trabalhos sobre papel*. Exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1985.

“Retornando ao Brasil em 1885 (sic), Calixto é rigorosamente o mesmo de quando embarcou: imune a influências, impermeável ao fascínio cultural da capital francesa, permanece até o fim um isolado, praticando um tipo de pintura da qual não se arredaria um milímetro, alheio a qualquer inovação ou renovação. ... Outro fator negativo a conspirar contra a arte de Calixto foi o elevado número de encomendas a que teve sempre de atender. Já Vitor Meireles, em fins do séc. passado (XIX), referia-se ao “afogadilho com que pensa e à rapidez com que executa o que pensa”, acrescentando que “vivesse acaso Calixto no Rio, tentaria corrigi-lo, obrigando-o a pintar um trabalho grande, durante dois ou três anos”. Para os últimos anos de vida, sobretudo, transformara-se Calixto numa autêntica máquina de fazer quadros, como se pode observar deste trecho de uma carta remetida em maio de 1919 a um comerciante que se incumbia de lhe vender a produção: “- Peça-lhe o favor de tomar nota das pessoas que querem outros quadros, a fim de que as mesmas se expliquem sobre o tamanho e o gênero que desejam, bem como o ponto ou lugar que devo reproduzir”. Na mesma carta, desencantado, acrescenta: “- Pouco ou nada me adianta, agora que já estou velho, a opinião e conselho dos críticos sobre meus trabalhos. Desejaria apenas, que os jornais dessem notícias dos quadros vendidos, etc., e mais nada, pois não preciso de reclame.”

José R. T. Leite. *Dicionário Crítico da Pintura no Brasil*. 1988.

“... A sua grande produção pictórica gira em torno da paisagem, e de assuntos históricos e sacros... . Antonio Parreiras, no “Diário de Santos” de 25 de Setembro de 1902, escreveu talvez o primeiro artigo importante sobre sua personalidade, onde disse: “Não é de hoje que considero B. Calixto um pintor de merecimento real e sobretudo de uma probidade artística bem digna de ser seguida”. E mais adiante: “Ele, o querido pintor paulista, tudo tem feito para resistir à influência das escolas estrangeiras, divulgadas em nosso país, pela exposição de quadros pintados por brasileiro na Europa, sob a direção de mestres europeus, que de certo e com justiça, não deixam que essas produções feitas sob sua direção, sejam privadas do cunho da escola que eles representam”. E, finalmente: “Se a recompensa monetária dada a Calixto tem sido pequena ou quase nenhuma, em compensação ele pode ter a certeza que os seus trabalhos vão pouco a pouco abrindo caminho – para a imortalidade – que cada vez mais valor vão tendo.”... A profecia de Parreiras realizou-se. Com o tempo tornou-se um dos grandes nomes da pintura paulista dos começos do século XX ao lado de Oscar Pereira da Silva e Pedro Alexandrino. Além das paisagens do litoral paulista, dedicou-se à pintura histórica nas quais trabalhava com verismo e sentimento documental e à arte sacra que fez para decoração de igrejas do Estado de S. Paulo.”

F. Gullar. *150 anos de Pintura Brasileira*. 1989.

“Desde os tempos de minha gestão como diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, venho insistindo na importância de uma reavaliação da pintura do século XIX, inclusive dos acadêmicos e principalmente dos paisagistas. Vistos sem qualquer preconceito, fica nítida sua sólida técnica e sua importância histórica. Em Benedito Calixto é importante o aspecto iconográfico de sua obra, aliando uma visão objetiva da natureza, fidelidade para com o objeto e um compromisso técnico com os materiais e com a fatura, resultado de sua passagem pelo ensino acadêmico. A relação de Calixto com a iconografia é um compromisso com a verdade, não uma verdade dura e estéril, mas artística”

Fábio Magalhães. in *Benedito Calixto*. Revista Galeria, 1989.

“... se obrigatoriamente precisássemos definir um estilo para sua obra, eu diria ter sido ele naturalista, mas de um naturalismo já codificado pelo ensino acadêmico. Porém, como sua passagem pelas academias e ateliers (*em Paris*) foi curta, aproveitou dela sobretudo a técnica. Foi antes de tudo um pintor brasileiro, no sentido de amar e pintar seu próprio entorno: naturalista em sua relação com a natureza. Caiçara capaz de superar as adversidades e faltas de chances, uma inteligência cabocla, dinâmica e imprevisível, às vezes ensimesmada frente ao mar. ... Vista com já um século de distanciamento, passadas as disputas por minúcias e nuances, sua obra aparece cada vez mais representativa e consistente; sua técnica precisa e segura não desabou com o tempo. Trabalhou intensamente, mas não por ambição material ou mundana, ocupado que estava sempre em pintar, escrever, estudar e ensinar, observar os astros, o firmamento e uma convicção religiosa. Pintou muito e rápido, pois gostava de pintar e sabia pintar; se vendeu razoavelmente barato seus quadros, no entender de um crítico que chegou até a ironizá-lo (*Mário D’Alma*), é porque pretendia viver de seu trabalho e soube equacionar sua produção dentro do mercado existente: pintou e vendeu e tornou a pintar, até os últimos momentos de sua vida: se não enriqueceu, também não me consta ter passado por alguma grande agrura financeira. ... A obra de Benedito Calixto não teve fortuna crítica contemporânea. Também foi praticamente ignorada pelos modernistas da Semana, que se apresentam como surgidos de um salto no escuro.

Mesmo ao realizar seu último trabalho, a biografia do Padre Jesuíno de do Monte Carmelo, Mário de Andrade omitiu na bibliografia o trabalho de Benedito sobre o religioso conterrâneo.”

Dalton Sala. *Benedito Calixto – Fragmentos críticos e Biográficos*. in Benedito Calixto: Memória Paulista. 1990.

“Em Santos, Calixto pintou o teto do Teatro Guarani, construído em 1881. Em 1883, seguiu para Paris, onde entrou em contato com Raffaelli e matriculou-se na Academia Julian, sendo aluno de Boulanger, Lefèvre e Fleury. No seu retorno fez escala em Lisboa, e na capital portuguesa, Calixto aclimatou-se às pinturas de Silva Porto e Malhoa. Em 1885, regressou ao Brasil e decorou as igrejas de Santa Ifigênia, Consolação e a Matriz de Bocaina, em São Paulo. Notabilizou-se, sobre tudo, por fixar em um sem número de telas, de imediato consumo, a iconografia da cidade de São Paulo e das marinhas de Santos e de Itanhaém. No âmbito da pintura de temas históricos, esmerou-se em obras-espétaculo, que se inspiravam evidentemente em exemplos prestigiosos da dramaturgia pictórica romântica, não sem causar uma impressão de “tragi-chanchada”, como na cena do “Naufrágio do Sírío” nas costas espanholas.”

Catálogo do Museu de Arte de São Paulo, 1998.

“Há também, naturalmente, o auto-retrato como auto-elogio (*sobre o auto-retrato de Calixto*) ou auto-idealização, nem por isso desprovido de qualidade estética. B. Calixto se pinta como o artista sofisticado (óculos ovais, gravata, bigode comprido e grisalho) e triste (consciente das dores do mundo), revelando este pós-academismo romântico que tanta presença fez na passagem do XIX para o séc. XX no Brasil.”

Daniel Piza. *Auto-retrato: espelho de artista*. Exposição na galeria do Sesi, São Paulo, 2001.

“As obras desses três artistas (*Castagneto, Parreiras e Calixto*) representam o apogeu e a queda do gênero paisagem dentro do contexto da arte brasileira da passagem do século XIX para o século XX. Portanto, merecem e devem ser vistas dentro do universo maior da arte brasileira daquele período. ... Benedito Calixto, mesmo tendo vivido afastado dos meandros do campo artístico carioca, e mesmo tendo sido visto, em 1904 (*por ocasião da sua exposição de paisagens em São Paulo*), como um possível substituto de Castagneto e Parreiras no setor da pintura de paisagem, também se dedicou à produção de pinturas de história e de temas religiosos. Além desses gêneros, o artista voltou-se igualmente para a produção de retratos, cenas de gênero e também para a pintura de “paisagens históricas”- cenas criadas da observação e da imaginação, ou recriadas a partir de fotos que serviram para atualizar o passado da paisagem do litoral paulistano e mesmo da própria Capital do Estado de São Paulo. Neste sentido é possível afirmar que, embora durante toda a sua carreira, o artista tenha sido visto como um paisagista – e daí propenso a ombrear-se com Castagneto e Parreiras -, na verdade ele atuava em todos os gêneros de pintura, tentando suprir a demanda por obras de arte, presente no âmbito da elite paulista – aqui incluindo o clero. Neste sentido, fica testemunhado como já era possível, na passagem do século XIX para o século XX, um artista desenvolver toda a sua carreira no Brasil, com relativo sucesso e reconhecimento, sem o beneplácito da aprovação prévia do Rio de Janeiro. Tal situação, no entanto, não permite, nem ao campo artístico paulista em geral, nem à obra de Benedito Calixto em particular, qualquer espécie de liberdade frente aos ditames da “grande arte” que, vindos dos centros hegemônicos europeus, tinham ecos na Capital Federal e ressonâncias inequívocas, tanto em São Paulo quanto no litoral paulista. ... Essa preocupação com o documental, com a pintura de gênero histórico (voltada para a mera descrição do entorno) e não com a pintura de história – formadora de símbolos -, tenderá a transformar as pinturas desse gênero, produzidas por Almeida Junior, Antonio Parreiras, Benedito Calixto e outros em meras ilustrações, ou encenações onde valores puramente pictóricos cedem lugar, então, ao que seria mais propriamente literário e/ou teatral. ... Imerso na produção de um universo iconográfico para São Paulo e para a Igreja Católica (que se expandia pelo interior do Estado, seguindo a trilha do café), dividindo entre a experiência de pintor paisagista – enternecido com as peculiaridades da paisagem litorânea de São Paulo – e aquela do pesquisador da história de São Paulo e de hagiografia, Calixto, um pesquisador que pinta, desenvolveu uma obra extremamente peculiar.”

T. Chiarelli. *Benedito Calixto: um pesquisador que pinta*. in Benedito Calixto: um pintor à beira-mar. 2002.

“Calixto pinta, justamente, nesse meio caminho entre Araújo Porto Alegre e o movimento modernista. Não que seja possível pensar Calixto a partir da composição de elementos da arte modernista e da arte acadêmica. A sua pintura não é uma bricolagem de tendências artísticas diversas, mas uma solução particular

a tensões específicas do campo artístico. A morte de Araújo Porto Alegre, em 1879, deixa a Calixto duas heranças: a arte como um dos principais elementos através dos quais o povo brasileiro educar-se-ia para adentrar o rol das nações civilizadas, e o Rio de Janeiro como motivo privilegiado para a construção da paisagem nacional. Calixto, sujeito a este passado da arte brasileira, espremido entre a academia e a modernidade, entre a natureza e a escola, entre seu desejo de ser artista e as condições terrivelmente desanimadoras que enfrentou na sua formação, forjou, aos poucos, uma arte que buscava solucionar esses dilemas todos, e que foi ao encontro da sensibilidade paulista.”

Caleb Faria Alves. *Mar Paulista*. In Benedito Calixto: um pintor à beira-mar. 2002

“Benedito Calixto, pintor, decorador, , professor de pintura, historiador, músico, cartógrafo, astrônomo, em suma, um caçara de gênero. Junto com Pedro Alexandrino e Oscar Pereira da Silva, forma a trindade de mestres paulistas vinculados às tradições do realismo, sendo ele quem menos teve influências da estética francesa da época. A pintura de Benedito Calixto é considerada por muitos a mais brasileira e sensível ao meio, até mais que a de Almeida Junior, porque tem uma característica nativa. ... Em 1890, Benedito Calixto expôs em São Paulo na Casa Levy seis quadros que acabaram gerando grande polêmica no nosso acanhado meio cultural. Filinto D’Almeida, crítico de arte de *O Estado de S. Paulo*, comentou , em 23 de julho de 1890, a mostra e atacou violentamente seu trabalho, achando a água dura, amaneirada, o colorido falsíssimo. Ainda disse que o artista não tinha alcançado a ciência da gradação das tintas, que dá os efeitos de distância. O jornalista Alberto de Sousa, como não concordasse, retrucou às críticas. Filinto D’Almeida respondeu e trouxe como defesa de suas idéias o testemunho de Almeida Junior, que também teria achado defeitos na pintura de Benedito Calixto. Almeida Junior, que tinha feito os comentários em simples conversa, sem querer ofender o artista, sentiu-se traído por ver sua opinião publicada no jornal. Escreveu em seguida no *Correio Paulistano*, em 03 de agosto de 1890, uma carta em que reabilitou o colega. Não o considerava um mestre, assim como não o é ninguém no Brasil, e pouquíssimos o são, mesmo na Europa. Fala da dificuldade de se interpretar e reproduzir a natureza brasileira, mas afirma que os quadros de Benedito Calixto revelam muito talento e observação, apesar de certa crueza de tons. Elogia-o por inspirar-se no natural e confirma que os aludidos trabalhos são a melhor coisa que tem visto dele. Considera ainda seu desenho geralmente bom, mas encontra certa dureza nas linhas e uma exagerada nitidez nos primeiros planos, que degeneram em sequidão. Quanto ao colorido, que Felinto D’Almeida achou falso, o ituano defende-o por usá-lo e explica que ele é assim não porque o artista se inspire em oleografias, e sim porque o brasileiro gosta de cores vivas e o público que compra é que as pede.”

Ruth S. Tarasantchi. *Pintores Paisagistas – São Paulo 1890 a 1920*. 2002

De artesão a professor –

Pode-se observar pelo itinerário crítico sobre Calixto, o quanto já se disse dele. Desencontros e disparidades, ataques e elogios, classificações e desclassificações são trazidos tentando determinar e dar um veredicto final sobre sua obra. Talvez uma primeira dificuldade em classificar sua arte: acadêmica, primitivista, realista ou naturalista, dê-se pelo período no qual trabalhou, a passagem do séc. XIX para o XX no Brasil. Estes tempos, apesar da variedade de nomes de pintores que apresenta, continua pouco explorada, ainda ressonância do entendimento dos modernistas, que traçam o panorama da história da arte do Brasil deixando este período de lado.

O final do séc. XIX e início do XX foram, no campo artístico, extremamente fértil, principalmente na Europa, onde os velhos padrões acadêmicos estavam sendo postos em cheque. Millet, Courbet, Manet, os impressionistas e outros estavam questionando as velhas formas consagradas pelas tradições da pintura acadêmica. No Brasil, as mudanças político-sociais, com a república e a abolição, também traziam novos ventos. Porém, em nosso país, estes novos ventos viriam mexer com velhos ares, mais difíceis de serem dissipados. O embate para mudanças no campo das artes seria longo e penoso. O grande baluarte das artes no país, desde a chegada da Missão Artística Francesa, a Academia Imperial de Belas Artes, na década de 1880 procurava mostrar uma arte contemporânea brasileira, que iria desde as origens da instituição até os grandes quadros de Batalha⁶ (Guararapes, Avahí). Mas isto não satisfazia os críticos mais afoitos. Mesmo com novos espaços que se abriram para exposições (Glacê Elegante, Galeria de Wilde) e novos artistas expondo com temáticas diferentes, como Thomaz Annuniação e Bordalo Pinheiro, a Academia se revigora, sob a direção do escultor Rodolfo Bernardelli, e continua a impor um controle sobre a produção artística⁷.

Para chegar a ser um pintor de destaque no Brasil, continuava valendo a velha regra: passar pela Academia do Rio de Janeiro e conseguir, por méritos ou premiação, uma bolsa na Europa. Calixto chegará a Europa, mas por uma via diferente. Embora apontem algumas diferenças, principalmente quanto às datas, as biografias de Calixto são unânimes em afirmar ser ele um autodidata. Quando criança, fazia desenhos de ex-votos da igreja Matriz de Itanhaém. Muito provavelmente também aprendera o ofício do pai, marceneiro, o que o encaminhava para o artesanato. Depois, em Brotas acompanhando o tio que restaurava imagens na igreja local, começa a fazer seus primeiros quadros. Nestes primeiros trabalhos, e mesmo depois em Santos, trabalhava como pintor-artesão. Nessa condição que iria trabalhar na oficina de obras do mestre Tomás, empreiteiro de obras, onde teve a oportunidade de pintar o teto do Teatro Guarani. Somente assim, teria a oportunidade de estudar em Paris, onde não conseguiu conviver por muito tempo, apesar da insistência do seu patrocinador, o Visconde de Vergueiro, desejoso que ficasse mais tempo. Como este período de autodidata e a posterior ida à Europa marcaram sua obra? Mais um ponto de divergência para seus críticos.

De volta ao Brasil, Calixto paga tributo à cidade que o financiara; enquanto o Visconde lhe bancava em Paris, sua família, em Santos, era mantida por amigos e a Associação Comercial. Interessante notar este esforço da cidade em ter um pintor estudado na Europa. Esta cidade que através do dinheiro do comércio do café, sofria rápidas mudanças, desejava ver-se retratada como cidade moderna, livre dos trapiches e pântanos⁸. Calixto, ao mesmo tempo em que retrata a cidade, dá aulas de desenho no Colégio Azurara em Santos. São Paulo, a Capital e o Estado, também pujantes com a riqueza do café, desejavam terem seus passados transportados para as telas, para a construção imagética da história paulista, seus heróis e mitos. Como nos diz Tadeu Chiarelli: “Apesar de todas precariedades, a Capital de São Paulo, no final do século XIX, dava sinais de possuir um público consumidor muito peculiar: uma elite econômica e política ávida por financiar aqueles que estivessem dispostos a criar mitos que enaltecessem sua diferença em relação às outras elites do país, assim justificando sua dominação em relação às mesmas”⁹. A par disto, também a Igreja, engajada na beatificação do jesuíta Anchieta, precisava de um artista com verniz acadêmico, para lhe contar a história. Calixto veio de encontro a todos esses anseios.

⁶ Migliaccio, Luciano. O Século XIX. In Mostra do Redescobrimento: Século XIX. São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

⁷ Idem.

⁸ Alves, Caleb Faria. *Benedito Calixto e a Construção do Imaginário Republicano*. Tese apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Ori. Prof. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda. São Paulo, 2000.

⁹ Chiarelli, Tadeu. *Benedito Calixto: um pesquisador que pinta*. in *Benedito Calixto: um pintor a beira-mar*. Pinacoteca Benedito Calixto, Santos, 2002.

Porém, há que se destacar, o projeto pessoal de Calixto, tornar-se um grande pintor dentro do cenário artístico nacional, podendo viver condignamente de sua arte. Ele poderia ter recusado se colocar à disposição destes projetos. Mas, ao contrário, sua sede de história, e o caráter documental que apresentava nas obras, a disposição para a pesquisa e suas ligações históricas com os locais e temas a serem retratados, propiciaram um casamento perfeito entre ambos, Calixto e o projeto iconográfico paulista.

Para se fazer conhecido, nos dez, quinze anos, após sua volta ao Brasil, Calixto expõe muito em São Paulo, vai ao Rio de Janeiro e participa até de uma exposição internacional. Trabalha incansavelmente para o Museu Paulista, tecendo retratos e cenas do passado de São Paulo. Pinta Anchieta enfrentando índios bravios e até onças. Sempre engajado no estudo histórico, participando de amplas discussões sobre reconstituições precisas do passado brasileiro, principalmente paulista e litorâneo. No entanto, o tão esperado reconhecimento não veio da forma como esperava. Em meados da década de 1910, com a aproximação do centenário da Independência, e o aumento das verbas do Museu Paulista para esta comemoração, sua direção opta, para as encomendas mais importantes, por artistas de maior repercussão nacional, como por exemplo, Oscar Pereira da Silva. Também as críticas ao “estilo” de Calixto e por considerarem-no um isolado, imune às novas tendências em arte, vão arrefecer suas ambições.

Sua Trajetória na Arte Sacra –

As primeiras pinturas religiosas de Calixto são para as irmandades da cidade de Santos, acompanhando os demais trabalhos que realizava para a cidade. Depois passa por um importante ciclo de pinturas sobre a vida do padre jesuíta José de Anchieta. Em meados da década de 1890 a igreja paulista está, particularmente empenhada, na beatificação de Anchieta junto ao Vaticano¹⁰. Seu processo de beatificação se iniciara cinco anos após sua morte (1593), é até aquela data, por problemas políticos dos jesuítas com autoridades governamentais, o marquês de Pombal, por exemplo, e mesmo com o Vaticano, não se efetivara. Então, já que se fazia a recuperação do passado paulista, seria importante resgatar a história de Anchieta, principalmente de seus feitos milagrosos, a fim de contribuir para São Paulo, e o Brasil, ter seu primeiro Beato. Porém em 1910, o Vaticano arquivou o processo novamente, só sendo retomado na década de 1970.

Após este período anterior, com a diminuição da encomendas sobre Anchieta e o arrefecimento de seus projetos de pinturas históricas junto ao Museu Paulista, Calixto vislumbra um novo mercado para seu trabalho: a decoração de igrejas, principalmente na capital e no interior paulista. Pelo gosto desta clientela, este trabalho só poderia ser feito por um pintor já consagrado por retratar à maneira ‘acadêmica’ motivos sacros ou históricos. Ainda quanto ao gosto deste mercado paulista, Chiarelli afirma que Parreiras, já um consagrado pintor de paisagem, quando expõe em São Paulo no início da década de 1910, quer se distanciar da imagem de um pintor naturalista e paisagista, para ser visto também, como um pintor de temas históricos e religiosos, ou seja, podemos observar a permanência da hierarquia dos gêneros de pintura, dos mais dignos e edificadores, os temas históricos e religiosos, e aos decorativos, menos dignos, a paisagem, continua muito forte¹¹.

Assim, a partir de meados da década de 1900, principalmente após a feitura do “Naufrágio do Sírío”, Calixto vai trabalhar arduamente para a Igreja católica. Claro que seu posicionamento religioso pessoal, e seu relacionamento, de antiga data, com importantes autoridades eclesiásticas corroboraram para que este caminho fosse seguido. Além das telas, também fica ao seu encargo a decoração interna das igrejas. Surgem, desta feita, as decorações para a Santa Cecília, Santa Ifigênia e Consolação, na Capital. No interior, realiza numerosos trabalhos em São Carlos, Bocaina, Catanduva e Ribeirão Preto, além de outras cidades com trabalhos menos numerosos.

A Arte Sacra de Benedito Calixto –

Para tentar entender a arte sacra que Calixto nos deixou, acho que deveríamos partir de pontos que são de consenso entre seus críticos: sua primeira formação autodidata, seu gosto pela pesquisa histórica, seu verismo documental ao retratar e seu sentimento religioso.

¹⁰ Viotti, Pe. Hélio Abranches. Anchieta, o Apóstolo do Brasil. Editora Loyola, São Paulo, 1968.

¹¹ Chiarelli, Tadeu. Opus cit.

A faceta de historiador de Calixto é bem conhecida. Através de suas várias publicações sobre a história do passado paulista, suas pesquisas como astrônomo e etnólogo amador, sua amizade com estudiosos, como Capistrano de Abreu e Afonso Taunay, sua inserção no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, lhe trouxeram a fama como historiador e ele utilizava muito destas pesquisas para realizar uma pintura a mais próxima possível da ‘verdade histórica’.

Seu caráter religioso também é bem conhecido. Vindo de uma família de católicos, a origem do sobrenome Jesus (Benedito Calixto *de Jesus*) foi uma escolha de seu pai, que preteriu o sobrenome dos seus antepassados ao nome do filho de Deus¹². Calixto desde criança acompanhava de perto as atividades da igreja e do padre de Itanhaém. Teria feito, na adolescência, o primeiro presépio da cidade, em madeira. Depois de adulto, mesmo não morando mais na pequena vila, todos os anos, por ocasião da Semana Santa, para lá se dirigia sendo responsável por toda decoração e encenação das passagens daquela data. Daí também vêm seus estreitos laços de amizade com os senhores da igreja, que posteriormente ajudariam na sua indicação para diversas obras.

Pode-se afirmar que na sua formação, o gosto pela pintura, pela pesquisa e a importância da sua religiosidade foram se fundindo. Calixto se tornou um pintor católico que pesquisa.

Agora passamos a considerar pontos de discordância: o quanto do seu passado autodidata teria influenciado o seu fazer artístico, e como sua estadia em Paris mudara seu trabalho?

Quando Calixto parte para a Europa, tem 29 anos de idade, é homem feito, pai de família e na bagagem leva, pelo menos, 10 anos de experiência como pintor-artesão, sem ter frequentado nenhuma escola especializada em artes. Sobre sua estada na França, Caleb Faria Alves afirma: “O fato de Calixto ter ido para os ateliês de desenho de modelos vivos assim que entrou para a academia e já estar pintando e fazendo composições em menos de um ano, revela que passou muito rápido por certos estágios do aprendizado”¹³. Sobre o professor de Calixto, Bouguereau, Caleb assegura: “Não há qualquer dúvida, a pintura de Bouguereau foi marcada pelo estudo prolongado e aprofundado da arte da estatúaria. O desenho ‘arredondado’ de suas figuras e a impressão de relevo criada por um modelado sábio, a falta de integração entre a forma e o fundo, sobretudo nas obras do começo, vêm de um hábito de ver e de sentir que não pertence ao mundo ‘pictórico’. Bouguereau frequentou o ateliê de Guillaume Fulconis, escultor, e foi amigo de Francisque Joseph Duret, outro escultor. A influência do segundo é direta e d’Argencourt nos mostra, em seu artigo, a presença de uma série de telas de Bouguereau onde se pode reconhecer a escultura inspiradora”¹⁴. O fato de Calixto ter progredido rapidamente pelas etapas do aprendizado afirma que sua prática anterior deve lhe ter sido muito útil. Então quanto lhe teria influenciado este período que passou em Paris.

No meu entendimento, Calixto guardou da sua formação de artesão um profundo senso prático do seu ofício: fazer da melhor forma possível, como Calixto entendia, técnica e esteticamente uma obra. Isto significa executá-la de acordo com o gosto dominante do público e mesmo seu. Já a estada na França proporcionou-lhe um aprimoramento na técnica de pintar, um melhora nos saberes que já possuía: desenho, composição, cor e luz, e para além, um cabedal de modelos dos grandes mestres. E, mais ainda, uma admiração e respeito pela arte acadêmica, e destes grandes mestres, que lhe deixava bem à vontade para imitá-los, passando do Leonardo da “Santa Ceia” para Maderno da “Morte de Santa Cecília”, indo de pinturas que lembram os afrescos do *quattrocento* italiano como dos discípulos na Matriz de Catanduva, até os mestres brasileiros, usando o “Batismo de Cristo” de Almeida Junior, para fazer o “Batismo” de Catanduva, ou pedindo conselhos para seu amigo Vitor Meirelles sobre a composição do seu “A fundação de São Vicente”. No entanto, não podemos nos esquecer de sua capacidade inventiva, sempre calcada minuciosamente na história, como nas cenas da vida de São Sebastião, no “Naufrágio do Sírio” e nas cenas da vida de Anchieta.

Talvez por esta profusão de fontes, se torne mais difícil tentarmos classificar tal obra. Ainda que aqui não discutimos sua produção de paisagens e marinhas, onde, sem dúvida, apesar das aplicações de regras da pintura acadêmica, considera-se mais à vontade, deixando as pinceladas mais soltas e a composição mais livre.

Porém um quadro sacro de Calixto é um Calixto. Os corpos representados são sempre bem volumosos e marcados, talvez influência de Bouguereau e sua pintura ‘escultórica’, mas de fato são sempre bem

¹² Teixeira, Milton. Opus cit.

¹³ Alves, Caleb F. Opus cit.

¹⁴ Idem, citando Louise d’Argencourt, “Bouguereau et l’art de son temps” in: Louise d’Argencourt e Mark Steven Walker. William Bouguereau. Catalogue de l’exposition organisé par le Musée de Beaux-Arts de Montreal, La Ville de Paris et le Wadsworth Atheneum de Hartford, 1984.

modelados, se sobressaindo, quase se descolando do plano da tela. Embora esta marca, deixem-os um tanto estáticos, isto acentua a importância das circunstâncias (o cunho religioso). A composição é sempre bem estudada e equilibrada, marcando o acontecimento central de forma harmônica, às vezes elimina a decoração de fundo ou a faz muito simples, dando-nos um fundo chapado, enaltecendo o caráter escultórico da obra, até a natureza da paisagem, que lhe é tão cara, nunca chega a competir com o motivo principal. Suas cores são comedidas, com muita clareza e pouco saturadas. Nas personagens segue sempre a tradição, o Cristo de branco ou com seu manto vermelho, a Virgem com o seu azul. Seu desenho marcante, vai de passagens muito rebuscadas, como nas cenas de Santa Cecília, até uma acentuada simplificação, dando vez ao modelado da tinta como no “Corpo do Cristo Morto” de Atibaia, ou nos discípulos de Catanduva. No entanto, talvez, o que seja a característica mais marcante de sua obra, que ultrapassa suas obras sacras, e marca suas outras obras, é a qualidade da sua luz. É esta luz que muitas vezes dá-nos a unidade da tela, ajudada pela clareza das cores, faz perpassar uma atmosfera serena nas obras, mesmo em momentos dramáticos, o que cria um contraste e nos remete a uma comisseração contemplativa, talvez propósito que Calixto tinha em mente ao pintá-las. Uma luz suave, moderada, mas abrangente, envolvente, que ajuda ainda mais o modelado das formas.

Sobre os temas retratados –

Além dos temas clássicos extraídos dos textos bíblicos, e das biografias dos santos, já consagrados pelas artes ao longo da história, temos neste catálogo alguns temas novos, ligados à história dos representantes da igreja católica no Brasil, em particular dos Jesuítas.

Nestes novos assuntos, Calixto, como fizera com a construção da imagem dos colonizadores, recorreu as suas famosas pesquisas, a fontes literárias, ou mesmo etnográficas, que tinha às mãos, chamando, por exemplo, índios da aldeia vizinha a Itanhaém para retratá-los nos quadros. Assim criava a imagem de Anchieta enfrentando as adversidades da terra bravia, Pedro Correia sendo martirizado e os Bispos se resignando com o naufrágio do Sírio.

As telas de Anchieta, são as que mais a natureza participa da composição, uma natureza sombria, inhospita, representando às dificuldades dos primeiros desbravadores, a figura franzina de Anchieta só conta com as forças divinas para se defender, e assim o faz. É Calixto contribuindo para a construção do imaginário paulista. Nestas telas é difícil denotar onde o aspecto historiográfico, mítico e sacro se delimitam. São obras de reconstituição do passado paulista, com um claro objetivo de simbolizar a existência de ações sobrenaturais, milagres, e que pelo seu afastamento no tempo, as ações se passaram no séc XVI, nos remetem a uma mitologia fundadora do espírito paulista, a floresta densa, escura, com seus perigos, ajudam a reforçar este espaço atemporal.

No “Naufrágio do Sírio”, uma passagem transcorrida a apenas um ano da sua feitura, Calixto procura retratar o contraste entre o desespero dos viajantes tentando se salvar, e a resignação do Bispo D. José de Camargo Barros que morreria no naufrágio, abençoando seus companheiros. Aqui Calixto mostra sua versatilidade e criatividade frente a um tema nunca retratado. Deixa o barco em uma perspectiva completamente inusitada, colocando até uma figura, que saindo da tela, aparece pela metade. Esta tela deve ter agradado em muito os mandatários da igreja em São Paulo, que logo em seguida lhe contrataria para decorar a igreja de Santa Cecília. Calixto, muito provavelmente, sabia que o sucesso desta tela frente às autoridades eclesiásticas, lhe possibilitaria outros trabalhos para a igreja, um mercado que ele tinha bons relacionamentos, conhecia e ia de encontro com sua opção religiosa pessoal.

Sobre o Catálogo –

O Catálogo com as obras sacras de Calixto foi feito a partir dos vários catálogos existentes de suas obras, desde os mais antigos aos mais recente. O desencontro sobre obras, datas e localizações é muito patente. Além destes cruzamentos entre os vários catálogos, a pesquisa *in loco*, a entrevista com os descendentes de Calixto e com pessoas que tem documentos a seu respeito, além dos vários arquivos e museus visitados, proporcionaram um maior número de informações e dirimiram muitas dúvidas. No entanto, nem todas as obras tiveram um contextualização satisfatória, deixando em aberto, ainda, mais trabalho a ser feito.

CATÁLOGO DAS OBRAS SACRAS DE BENEDITO CALIXTO

Legendas –

CIE – com indicação de expertise.

S/assin. - obra não assinada.

S/d – sem indicação de data na obra.

(F_) - Indica o número da fonte utilizada.

-Optou-se por colocar as fontes logo ao final do histórico das obras, com o intuito de facilitar ao leitor a verificação de onde provém a informação.

-Quando na obra não há data grafada, sua datação é dada pelas fontes documentais.

-A localização da obra vem logo depois das suas especificações técnicas.

-No final do histórico das obras, quando houver alguma obra em referência, existe a indicação “ver:___”.

-Nas obras em referência foi incluído o nome do autor apenas quando não se tratava de obra de Benedito Calixto.

1- Evangelho nas Selvas

Óleo/tela; 58,5x70cm; assinado - B. Calixto, 1893.

Pinacoteca do Estado de São Paulo



Apesar do ano em que foi feito, este quadro permaneceu no ateliê de Calixto em São Vicente até a sua morte, 1927, ficando depois com sua família. Em 1953, ano do centenário do nascimento do pintor, sua filha Pedrina Calixto de Jesus Henriques propõe à Pinacoteca do Estado que adquira a obra, já que esta pretendia dar, a uma de suas salas, o nome de Calixto, mas só possuía três telas de sua autoria. Após avaliação da proposta por uma comissão instaurada para este fim, adquiriu-se a obra por cinquenta mil cruzeiros. Segundo Pedrina “o motivo (*do quadro*) foi inspirado numa poesia de Castro Alves, ‘Os Jesuítas’, cujo trecho se acha inserto (*sic*) na parte inferior da moldura, e que diz:

*Depois as solidões surpresas vião
Esses homens inermes que surgirão*

*Pela primeira vez
E a onça recuando s'esgueirava
Julgando o crucifixo alguma clava
Invencível...talvez”*

Sofreu restauração em 1975, de Agosto a Janeiro, por Maria da Glória de Almeida Siqueira.

Exposições: 1977/ Jan a Fev. – “Fundação da Cidade de São Paulo”, no metrô São Bento, São Paulo SP.

1984/ Ago. “Benedito Calixto: trabalhos sobre tela e papel”. Pinacoteca do Estado.

1995/ Mar a Mai. “O Acervo e Obra de Benedito Calixto”. Pinacoteca do Estado.

Ver: *José de Anchieta e a Fera*, Museu de Arte Sacra de São Paulo, 1897.

Fontes: 1-Setor de Documentação do Serviço de Museologia da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

2-Petrella, Yara L. M. M. *A Linguagem da Cores nas Paisagens Urbanas e Marinhas de Benedito Calixto*. São Paulo. FAU-USP, 1999. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1999.

Publicado: 1-Pinacoteca do Estado de São Paulo. Catálogo Geral da Obras. São Paulo, IMESP, 1988.

2-Petrella, Yara L.M.M., Opus cit.

2- Jesus no Horto

Óleo/tela; 89x129cm; assinado - B. Calixto, 1896.

Museu de Arte Sacra de Santos – SP



De propriedade da Mitra Diocesana de Santos, este quadro foi feito a pedido da Irmandade Bom Jesus dos Passos de Santos. Decorava a Igreja de Nossa Senhora dos Passos de Santos, de onde veio, em 1982, para o Museu de Arte Sacra de Santos, sob custódia. Retrata a passagem bíblica onde Cristo ora no Monte das Oliveiras: “então, lhe apareceu um anjo do céu que o confortava. E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra (Lc 22.43-44)”. É um dos raríssimos quadros de Calixto com um tema noturno.

Ver: *Cristo no Horto das Oliveiras*, Bocaina, 1925.
Fonte: Museu de Arte Sacra de Santos.

3 – José de Anchieta e a Fera

Óleo/tela; 130x100cm; assinado - B. Calixto, 1897.
Museu de Arte Sacra de São Paulo



Da mesma temática de “O Evangelho nas Selvas”, esta obra pertencia ao Seminário de Nossa Senhora da Glória, São Paulo, sendo doada à Cúria Metropolitana de São Paulo, vindo, então fazer parte do acervo do Museu de Arte Sacra.

Ver: *O Evangelho nas Selvas*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1893

Fonte: 1-Museu de Arte Sacra de São Paulo

2-Petrella, Yara L.M.M. Opus cit.

Publicado:1- Revista Veja, Ed. Abril, 06/02/1980.

2- Museu de Arte Sacra de São Paulo,
Catálogo das Obras, São Paulo, 1992.

3-Petrella, Yara L.M.M. Opus cit.

4 - Gólgota (reprodução de parte de fotografia do ateliê de Calixto onde é retratado o esboço do grande painel)

Características do painel original: Óleo/pano: 1000x600cm (aprox.), 1898.

Museu de Arte Sacra de Santos



Este grande painel, representando a cena do Gólgota, lugar do suplício de Cristo na cruz, foi pintado em Itanhaém, no chão da nave da velha Matriz de Sant'Ana. Destinava-se a Igreja do Carmo de Santos, onde era usado como pano de cena. Era exposto, tomando toda à frente do altar mor, por ocasião da tradicional procissão santista do Passos. Atualmente encontra-se encaixotado, não sendo possível fotografá-lo, já que o seu manuseio é difícil e seu estado de conservação ruim.

Fontes: 1-Calixto de Jesus Neto, Benedito.

Manuscrito sobre as obras sacras de Benedito Calixto na Pasta sobre Benedito Calixto no Museu Paulista/USP.

2- Museu de Arte Sacra de Santos.

5 - Cabeça de Cristo com a Corda no Pescoço

Óleo/cetim; 66x53cm; com inscrição “pintado por B. Calixto”, s/d.

Museu de Arte Sacra de Santos



Esta obra, de propriedade da Irmandade dos Passos de Santos, encontra-se no Museu de Arte Sacra desde 1983, sob custódia. Era usada como estandarte por ocasião das procissões da Semana Santa, talvez em conjunto com o pano de cena do “Gólgota”, o que faz crer que seja de data bem próxima, pois, além de servirem a mesma finalidade, de figuração na ‘semana santa’, pertencem à mesma Irmandade. Curiosamente o rosto representado apresenta feições bem angulosas, marcantes, e sem o ar de serenidade que juntamente com os traços mais suaves são a marca dos rostos dos Cristos que Calixto faria mais tarde, ou mesmo no anterior, “Jesus no Horto”.

Fonte: 1- Museu de Arte Sacra de Santos

6 - O Poema de Anchieta

Óleo/tela; 48x69cm; assinado - B. Calixto, 1900, CIE

Com inscrição: “o poema de Anchieta”

Particular: Museu Reginaldo Bertholino – São Paulo –SP



Este quadro foi adquirido, por meio de compra em 1984, pelo Museu Reginaldo Bertholino. Era procedente da Sra. Nair Maragliano Guimarães. Foi restaurado por Marisa Savoia (não se tem a data da restauração). Participou da Exposição Comemorativa do mês de Aniversário de Benedito Calixto em Santos, de 01 a 20/10/1987.

Ver: *O Poema à Virgem*, Museu do Pátio do Colégio, 1901

Exposição: Dan Galeria expõe – Benedito Calixto obras inéditas – 05 a 20/12/1984

Fonte: 1-Museu Reginaldo Bertholino.

Publicado: 1-Petrella, Yara L.M.M., Opus cit.

7 - O Poema à Virgem Maria

Óleo/tela; 69x98cm; assinado - B. Calixto, datado, 1901.

Museu do Pátio do Colégio – São Paulo – SP



De propriedade do Colégio São Luis de São Paulo, este quadro veio de Itu, interior de São Paulo, onde a Ordem dos Jesuítas mantinha um colégio. Hoje, está emprestado em comodata ao Museu do Pátio do Colégio, onde está em exposição. Com a mesma temática da anterior, esta obra retrata uma passagem da vida do Padre José de Anchieta, figura importante para a história paulista. Foi o Padre Nóbrega, a pedido das autoridades portuguesas, tentar a pacificação dos Tamoios, que ameaçavam destruir os estabelecimentos lusitanos das Capitânicas de Santo Amaro e de São Vicente. Levou consigo, para intérprete, Anchieta. Em Maio de 1563, após difíceis negociações, ficou Anchieta como refém dos índios como garantia das promessas dos portugueses, tendo Nóbrega regressado a São Vicente. Nos três meses seguintes, cumprindo um voto, compôs seu segundo poema latino, com mais de 5.700 versos, enaltecendo a vida e as glórias da Virgem Maria.

Ver: *O Poema de Anchieta*, Museu Reginaldo Bertholino, 1900.

Fonte: 1-Arquivos do Colégio São Luis de São Paulo.

8 - Padre José de Anchieta

Óleo/tela; 140x100cm; assinado - B. Calixto, 1902.
Museu Paulista/USP



Em 25 de Fevereiro de 1902 o Museu do Ipiranga recebia dois quadros encomendados a Benedito Calixto, “D. Pedro I” retratado a partir de um medalhão que pertenceu a Marquesa de Santos, e este “Padre José de Anchieta”.

Fonte: 1- Museu Paulista/USP

2- Petrella, Yara L.M.M. Opus Cit.

Publicado: 1-Petrella, Yara L.M.M. Opus cit.

9 - Santa Ceia

Óleo/tela; 100x197cm; com inscrição “À matriz de São Vicente off. B. Calixto e seu filho”; s/d
Museu de Arte Sacra de Santos



Antes na Matriz de São Vicente, este quadro foi decerrado em 26/09/1909, por ocasião da visita do Arcebispo de São Paulo Dom Duarte Leopoldo e

Silva as paróquias das cidades litorâneas. Sobre esta visita há, nos arquivo da cúria metropolitana de São Paulo, uma carta de Calixto ao Bispo.

São Vicente, 01 de Novembro de 1909

Envio ainda uma vez as minhas sinceras felicitações e homenagens de gratidão pela auspiciosa visita Pastoral que V. Rv. acaba de fazer as três paróquias do nosso litoral – Santos, São Vicente e Itanhaem.

Foi restaurado entre 2000/2001.

Calixto usou a ‘Santa Ceia’ de Leonardo da Vinci como modelo para o quadro. A arquitetura, perspectiva, atitudes e até a decoração da mesa, foram retirados da obra mais consagrada sobre esta temática. Mais tarde, com a ‘Santa Ceia’ que pintou para a Matriz de Amparo, a cena será bastante alterada.

Ver: Leonardo Da Vinci, *Santa Ceia*, Mosteiro de Sta Maria Delle Grazie, Milão
Santa Ceia, Matriz de Amparo

Fonte: 1- Museus de Arte Sacra de Santos

2- Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo

Publicado: 1- Petrella, Yara L.M.M.Opus sit.

10 - Naufrágio do Sírío

Óleo/tela; 164x229cm, assinado - B. Calixto, datado, 1907

Museu de Arte Sacra de São Paulo



Fixando os últimos momentos de Dom José de Camargo Barros, Bispo de São Paulo, o quadro representa o naufrágio do vapor Sírío, ocorrido em 04 de Agosto de 1906, na costa da Espanha. No dia anterior Dom José e seus companheiros, haviam embarcado no vapor em Gênova, para regressar ao Brasil. O acidente foi atribuído à embriaguez dos tripulantes, que tinham participado da festa de aniversário do navio e não conseguiram evitar uma pequena e conhecida rocha, provocando assim o acidente. A obra foi encomendada para ornar o

Palácio Arquiepiscopal de São Paulo, onde deveria ficar simétrica à outra ampla tela, esta do italiano Carlo de Serui: “O Bispo Dom Alvarenga ministra a extrema-unção aos pestíferos de Piracicaba”.

Escreve Benedito Calixto de Jesus Neto: “Este quadro foi pintado de acordo com descrição e ornamentação feitas por Dom José Marcondes Homem de Mello, que foi Arcebispo de Belém do Pará e Bispo de S. Carlos, e que se encontrava no “Sírio” por ocasião do naufrágio. É a figura do Bispo que segura o salva-vidas ao lado do Bispo de S. Paulo Dom José de Camargo Barros, que morreu no desastre. Os outros sacerdotes são dois monges beneditinos. O de solidéu, ajoelhado em frente a Dom José de Camargo Barros, era o Abade de Bukfast, na Inglaterra, e também morreu no desastre. O outro beneditino, ajoelhado ao seu lado, era Dom Anscário Vornier, que secretariava o abade que morreu, e que voltando para a Abadia de Bukfast, foi eleito abade para substituir o que havia falecido no naufrágio.

Dom Vornier notabilizou-se nos meios beneditinos pela construção do novo mosteiro de Bukfast, por volta de 1936, e pelos seus escritos sobre “espiritualidade beneditina”.

Dom José Homem de Mello viajava no ‘Sírio’ como arcebispo eleito de Belém do Pará, em visita a Santa Sé. Chegou a Roma sem a cruz peitoral e o seu anel, insígnias de seu alto cargo, perdidas no naufrágio. Assim apresentou-se ao Santo Padre Pio X, desculpando-se pela falta das insígnias, naquele tempo ornamento importante na indumentária de um arcebispo. Pio X acolheu-o paternalmente, tirando sua própria cruz peitoral e seu próprio anel e colocando-os em Dom José Homem de Mello. Estas duas preciosas jóias, até pouco tempo atrás, podiam ser vistas no antigo Museu da Cúria Metropolitana de São Paulo, para onde foram recolhidos por vontade expressa de Dom Homem de Mello após a sua morte.

Dom José Marcondes Homem de Mello, renunciou ao Arcebispado de Belém do Pará, aceitando, por insistência de Pio X, o Bispado de S. Carlos em São Paulo.

Deste quadro Calixto executou uma cópia menor (*sem mais referências*) para a Catedral de Curitiba, cidade onde Dom José de Camargo Barros foi Bispo antes de ser transferido para São Paulo. Esta cópia foi encomendada por Duarte Leopoldo e Silva, então Bispo de Curitiba.”

Crê-se que esta obra alterou o percurso de Calixto como pintor de temas religiosos, deixando de lado a temática de Anchieta e pequenas encomendas das cidades do litoral paulista, partindo para trabalhos de maior vulto em outros lugares. A maneira com que tratou o tema, a dramaticidade do contexto

contrastando com a resignação dos representantes da religião católica, sua atividade de pesquisa histórica e verismo documental para as pinturas (o manuscrito de seu neto foi feito a partir de anotações suas), sua própria religiosidade, aliada com sua amizade com Dom Homem de Mello (futuro Bispo de São Carlos) e Dom Duarte Leopoldo e Silva (Arcebispo de São Paulo) possibilitaram seus trabalhos de maior calado em outras cidades dos estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo (F 3).

Exposição: Bienal Brasil séc. XX, São Paulo, 1994.

Fonte: 1-Calixto de Jesus Neto, B. opus cit.

2-Arquivo do Museu de Arte Sacra de S. Paulo

3-Entrevistas: Gilberto Calixto Rios

José Carlos Calixto de Jesus

Publicado: Petrella, Yara L.M.M. Opus cit.

11- Igreja de Santa Cecília – São Paulo SP

Nesta igreja encontra-se o maior número de obras de Benedito Calixto. São seis painéis sobre a vida de Santa Cecília, dois sobre o Jesuíta Pedro Correa, doze sobre os Papas Mártires e mais trinta representando os Primeiros Mártires da Eucaristia e os Bispos da cidade de São Paulo. Além das telas de Calixto, ali também se encontram trabalhos de Oscar Pereira da Silva, como a “Imaculada Conceição” e os “Esponsais de São José”.

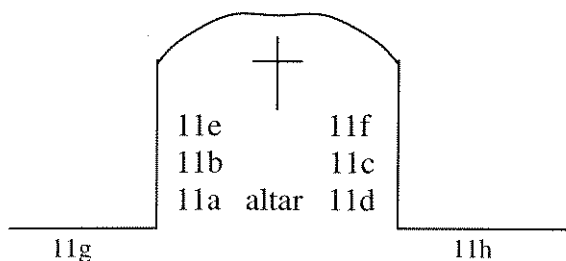
A Paróquia de Santa Cecília foi criada em 1895, por Dom Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti, no mesmo lugar onde havia sido construída uma primeira capela em 1861, sendo nomeado para o vicariato o Pd. Duarte Leopoldo e Silva, futuro Arcebispo de São Paulo. Permaneceu durante seis anos no cargo, idealizando o templo definitivo, que não conseguiu realizar. Somente com seu terceiro vigário, o Padre Pedrosa, que permaneceu durante 25 anos à frente da paróquia, conseguiu-se construir e decorar a igreja como se desejava e como ela se encontra hoje (F1). Conforme relata Benedito Calixto de Jesus Neto: “Primeiro trabalho de fôlego que Calixto executou no campo da arte sacra. A encomenda foi feita por Dom Duarte Leopoldo e Silva, então Bispo de São Paulo, sendo vigário da paróquia de Santa Cecília Monsenhor Morandes Pedrosa, que mais tarde ingressou no mosteiro de S. Bento em São Paulo, tornando-se “religioso” beneditino, onde morreu como abade. Calixto tomou a peito a empreitada da decoração e para estabelecer a temática dos painéis atirou-se de “corpo e alma” ao estudo da vida de Santa Cecília e sua época. A temática dos painéis abrange cenas da vida de Santa Cecília e sua época (os painéis maiores se encontram na capela mor da matriz) e

personagens de sua época (mártires e pontífices) nos painéis menores que estão colocados nos nichos superiores da nave principal e capela mor. Completam a temática os dois painéis do transepto que ilustram a “Conversão e o Martírio” do jesuíta Pedro Correa e a galeria dos bispos de São Paulo até Dom Duarte Leopoldo e Silva, nos núcleos do transepto. Para a execução do trabalho, Calixto escreveu várias monografias abordando a vida e a época da Santa, abrangendo a parte Histórica e a parte da Arqueologia Cristã. Sem nunca ter ido a Roma, sem ter visto jamais uma catacumba cristã, Calixto conseguiu, nos seus painéis, reproduzir com notabilidade, os ambientes, a indumentária, os utensílios e mobiliários da época. Contava Monsenhor Martins Ladeira, que foi Presidente do Cabido Metropolitano de São Paulo, e que estudou em Roma, que para surpresa sua, numa aula sobre arqueologia cristã, na Faculdade Gregoriana Romana, exibiram fotografias dos painéis de Santa Cecília para ilustrar a aula”.

Os primeiros quadros sobre a vida de Santa Cecília foram encomendados em 1907 e entregues em 1909. Em 1910 e 12 vieram os de Pedro Correa, cuja vida de martírio traça paralelo com a da Santa. Em 1917 surgem os dois últimos sobre a vida de Cecília, quanto aos painéis sobre os Mártires e os Bispos de São Paulo não há referência de data. Lê-se em escritos da Cúria de São Paulo dedicado ao Arcebispo Dom Duarte: “Salão Dom Duarte e Capela Mor – A par e passo que Santa Cecília se tornava a paróquia eucarística de hoje, o templo se ia materialmente embelezando. A 19 de Março de 1909, inauguravam-se as obras do ‘Salão Dom Duarte’. Iria servir de consistório da Matriz. Um salão graciosamente decorado. E a 2 de Maio, desvenda-se a Capela mor, devidamente revestida e adornada, onde figura o pincel primoroso do pranteado Benedito Calixto. Celebrou missa neste dia, o já então, Arcebispo Metropolitano de S. Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva”.

Vale dizer que a decoração interna da igreja também foi desenhada por Calixto, deixando preparados principalmente os nichos onde ficariam suas obras, dando noção de espaços internos que se abrem onde as cenas da vida da Santa aconteciam.

Disposição das Obras:



11a – O Batismo de São Valeriano

Óleo/tela; 350x190cm; assinado - B. Calixto, datado, 1909; inscrição: “AB VRBANO ISCOPO VALERIANO BAPTIZATVR VBI PETRVS BAPTIZABAT” (Valeriano esta sendo batizado, pelo Bispo Urbano, no lugar onde Pedro Batizava)

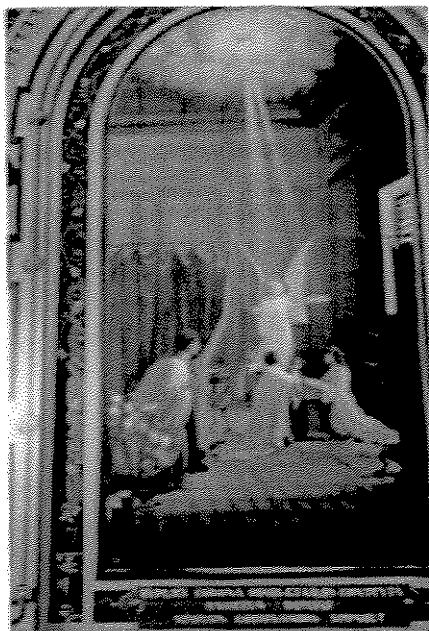


Primeiro quadro na capela mor à direita de quem entra, atualmente, infelizmente, está parcialmente encoberto por uma tela.

Cecília, jovem nobre e rica, ia diariamente assistir à missa celebrada pelo Papa Urbano nas catacumbas da via Ápia. Era aguardada por uma multidão de pobres, conhecedores da sua generosidade. Noiva de Valeriano, no dia das núpcias, segundo sua *paixão*, enquanto os órgãos tocavam (daí teria origem o patrocínio de Cecília sobre a música) chegando à noite, disse a Valeriano: “nenhuma mão humana pode me tocar, pois sou protegida por um anjo. Se você me respeitar, ele amará você, assim como me ama”(F5). O esposo seguiu o conselho de Cecília. Fez-se instruir e batizar pelo papa Urbano, sendo assistido e abençoado por Cecília. É este o momento representado no quadro.

11b – Aparição do Anjo do Senhor

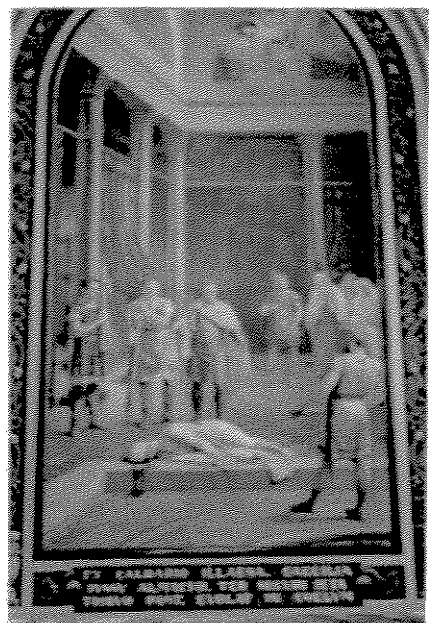
Óleo/tela; 350x190 cm; assinado - B. Calixto, datado, 1909; inscrição: “DVPLICI CORONA ROSIS ET LILIS CONTEXTA ANGELVS DOMINI SPONSIS CORONANDIS APPARET” (O anjo do Senhor preparou uma coroa dupla de rosas e lírios entrelaçados para coroar os noivos)



Aqui Cecília e Valeriano, orando na noite de núpcias, recebem a aparição do anjo do Senhor, que lhes traz coroas de rosas e lírios, símbolo da pureza que possuem, surpreende a cena o irmão de Valeriano, Tibúrcio, que também se tornará cristão e santo mais tarde.

11c – Morte de Santa Cecília

Óleo/tela; 350x190cm; assinado - B. Calixto, datado, 1909; inscrição: “EX CALDARIO ILLAESA, CAECILIA IVSSV ALMACHI, TER SECVRI ICTA TRIDVO, POST, EVOLAT IN COELVM” (Saída ilesa de seu calvário, Cecília, a mando de Almachi, três vezes batida com um machado, três dias depois vai voando para o céu)



O terceiro quadro mostra-nos o quarto de banhos onde a sentença de morte contra Cecília foi executada. Ela foi condenada a decapitação por incitação ao cristianismo e ajuda aos cristãos. Cecília está deitada na posição em que a encontraram depois do suplício, com o rosto selado pelos fartos cabelos. No pescoço vêem-se os largos cortes abertos pelas espadadas, recebeu três golpes do algoz sem que sua cabeça caísse. Ela havia pedido e obtido a graça de rever o papa Urbano antes de morrer. Enquanto aguardava esta visita, ela continuou ainda três dias professando a fé. Não podendo proferir palavras expressou com os dedos seu credo no Deus cristão. É nesta atitude que Maderno a esculpiu (F6) e que Calixto usou como modelo.

Ver: Maderno, Santa Cecília, Santa Cecília em Trastevere, Roma, 1600.

11d – Os Funerais nas Catacumbas

Óleo/tela; 350x190cm; assinado - B. Calixto, datado, 1909; inscrição: “PLAVDENTE FIDELIUM TVRBA SVPRA CORPVS CAECILIAE VRBANVS SACRV M PERAGIT” (Enquanto a turba de fiéis aplaudia, Urbano, sobre o corpo de Cecília, celebra a missa)



Benedito Calixto de Jesus Neto comenta: “deste painel existe uma fotografia da montagem com os modelos. Os modelos que posavam para Calixto eram os seus familiares e agregados, que ele ‘vestia’ com indumentária feita a propósito e por ele desenhada. Na série Santa Cecília, o modelo mais

usado, portanto a vítima principal, foi seu sobrinho, João Jaques. Neste painel a senhora ajoelhada no primeiro plano à esquerda é a sua filha Fantina, e o garoto é o seu neto Benedito Calixto.”

Vemos o papa Urbano ministrando os funerais de Cecília, que é velada pelo esposo devoto e os cristãos que tanto ajudara. Os lírios que aparecem são sinal da sua pureza e as palmas, do seu martírio.

11e- A Imposição do Véu

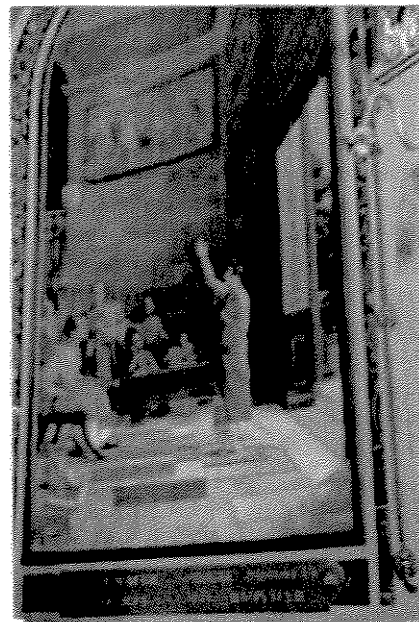
Óleo/tela; 350x190cm; assinado - B. Calixto, datado, 1917; inscrição: “CAECILIAE VRBANVS EPISCOPVS SACRVVM FLAMMEVM IMPONIT” (O Bispo Urbano coloca o sagrado véu na cabeça de Cecília)



Temos aqui a imposição do véu, símbolo da pureza e virgindade, feita à Cecília pelo papa Urbano nas catacumbas, onde depois seria sepultada. Cecília é exaltada como modelo mais perfeito de mulher cristã, que por amor de Cristo professou a virgindade e sofreu martírio (F5).

11f – Santa Cecília Perante o Tribunal

Óleo/tela; 350x190cm; assinado - B. Calixto, datado, 1917; inscrição: “IN ALMACHI TRIBVNAL PRODVCTA CAECILIA MORTI DAMNATVR” (Levada ao Tribunal de Almachi Cecília é condenada a morte)



Cecília comparece ao tribunal sendo inquirida sobre suas atividades na religião proibida pelo estado romano. Para surpresa de todos, ela não nega sua fé, ao contrário exalta o glorioso Deus cristão. É condenada a morte por decapitação.

Sobre estes dois últimos quadros, “A Imposição do Véu” e “Santa Cecília Perante o Tribunal”, o Livro Tombo da paróquia reporta: “Novos Painéis – no dia onze de Maio corrente (1917), inauguraram-se mais dois painéis de Benedito Calixto, colocados na capella mor, um do lado do evangelho, outro do lado da epístola; ambos sobre a vida de Santa Cecília, de conformidade com os outros painéis já colocados na mesma capella mor. O primeiro representa a imposição do véu (flammeum Christo) feita pelo bispo Santo Urbano. A cena se passa no interior das Catacumbas da Via Appia em Roma, na segunda metade do séc. II, da era de Christo, sob um arco-solium e ante um altar onde o Santo Bispo officiara; o segundo representa o interrogatório: Santa Cecília comparece perante Alinadris, Pretor de Roma, para ser inquirida e condenada a morte. A cena se passa em uma sala do atrium do Fórum Romano. Esses dois painéis completam a série dos quadros relativos a vida e martyrio de Santa Cecília que morreu em 178 ante o império de Aurélio.”

11g- Pedro Correa Via Damasco ou A Conversão de Pedro Correa

Óleo/tela; 300x500cm aprox.; assinado - B. Calixto, datado, 1910; inscrição: “O Caminho de Damasco de Pedro Correa – Ouvindo as admoestações do Pd. Leonardo Nunes (o Abarebebe), Pedro Correa o terrível escravizador de índios, se arrepende e faz-se também missionário da Companhia de Jesus. A ação

se passa em frente a ilha de Guarahú, em Itanhaem, ano 1550.”



11h- O Martírio de Pedro Correa

Óleo/tela; 300x500cm aprox.; assinado - B. Calixto, datado, 1912; inscrição: “PEDRO CORREAE MARTIRIUM COMITISOUÉ JOPO ANNIS DOEU SOUZA.



Ambos os quadros, “Pedro Correa via Damasco” e “O Martírio de Pedro Correa”, são alusivos a episódios da vida do mercador e escravizador de índios, que chegará com os primeiros colonizadores, Pedro Correa. No primeiro quadro, o nome “via Damasco” faz alusão ao local onde ocorrera a conversão de São Paulo, antes um feroz inimigo e caçador de cristãos, que a caminho de Damasco ouve o Senhor e se converte. Também Pedro Correa, ouvindo o Padre Leonardo, pára suas ferocidades e passa a propagar o evangelho. A segunda obra é a representação de seu martírio, onde vem a perecer, vítima dos índios que antes caçara. Há um paralelo entre o martírio, aqui sofrido

por Pedro Correa, e o martírio de Santa Cecília e os vários mártires retratados na igreja. Interessante a introdução de uma temática brasileira dentro das demais histórias dos santos estrangeiros.

Benedito Calixto de Jesus Neto escreve sobre estas obras: “Os índios que figuram no painel (*O Martírio*) são índios da aldeia do ‘Bananal’ de Itanhaém, que Calixto mandou buscar e hospedou em sua casa em S. Vicente para lhe servirem de modelo. O padre, tanto deste painel como do outro, semelhante na forma, colocado do outro lado do transepto ‘A conversão de Pedro Correa’, foi posado pelo padre Afonso Chiaradia que trabalhava em Santos por esta época e que faleceu em S. Paulo como ajudante do Capelão da ordem 3^a do Carmo Mms. Manfredo Leite. Calixto costumava montar suas composições e fotografá-las. Existe uma fotografia do painel ‘A Conversão de Pedro Correa’ com o padre Afonso, os índios e demais figurantes.”

11i – Santa Symphorosa

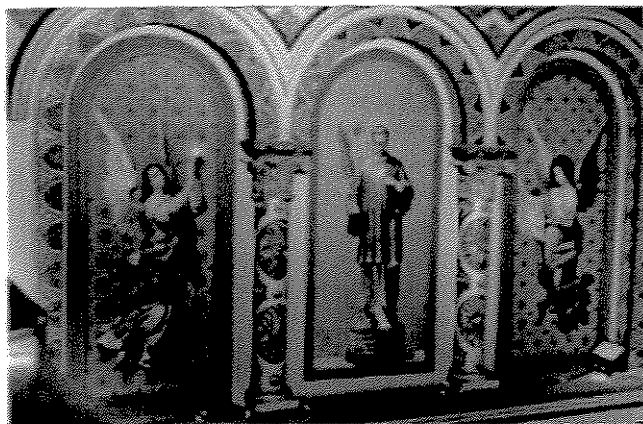
Óleo/tela; 176x82cm; s/assin. e s/d; com inscrição: “S. SYMPHOROSA VIDVA ET MARTYR ANNO DOMINI CVI” (Santa Symphorosa, viúva e mártir no ano do Senhor de 106)



Desenhada como uma matrona romana, pois era viúva do tribuno Getúlio e mãe de sete filhos que, após ela também foram todos martirizados, Santa Symphorosa foi martirizada em Tivoli por se negar, quando convocada pelo imperador, a oferecer sacrifícios aos deuses romanos e negar seu Deus único cristão.

11j – São Tarcísio

Óleo/tela; 176x82cm; s/assin. e s/d; com inscrição: "S. THARCISIUS MARTYR ANNO DOMINI CCLVII" (São Tarcísio mártir no ano do Senhor de 257)



Aparece aqui o jovem imberbe Tarcísio, que sofrera seu martírio aos 12 anos de idade. Quando, secretamente, tentava levar a hóstia sagrada aos cristãos presos e condenados ao sacrifício, foi descoberto pelos romanos, sendo morto a pedradas.

Ver: *São Tarcísio*, Igreja da Consolação, 1918.

São Tarcísio e Santa Symphorosa são os três primeiros painéis (contando com os anjos) de cada lado no início da nave principal, para quem entra na igreja, estando como os demais painéis dos outros mártires e bispos a uma altura bem elevada. Suas fotografias foram possíveis porque foram tiradas do coro da igreja, o que, porém, para os demais era inviável. Ficando, assim os dois, como uma amostra de como é esta galeria da nave principal. A arquitetura das colunas e arcos acentua o efeito do nicho, onde as telas se encontram, além do que, os pedestais colocados sob as figuras dos mártires também contribuem para um efeito tridimensional de estátuas.

Fonte: 1- Arroyo, Leonardo. *Memória e Tempo das Igrejas de São Paulo*. São Paulo. Cia Ed. Nacional/Edusp.

2- Calixto de Jesus Neto, B. opus cit.

3- Cúria Metropolitana de São Paulo. *Escritos sobre Dom Duarte*, na pasta Benedito Calixto no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

4- *Livro Tombo no. 1*, da Igreja de Santa Cecília, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

5-Sgarbossa, M. *Um Santo para cada dia*. São Paulo, Paulus, 1983.

6-The Dictionary of Art. Jane Turner Editor, New York, 1996, vol. 24.

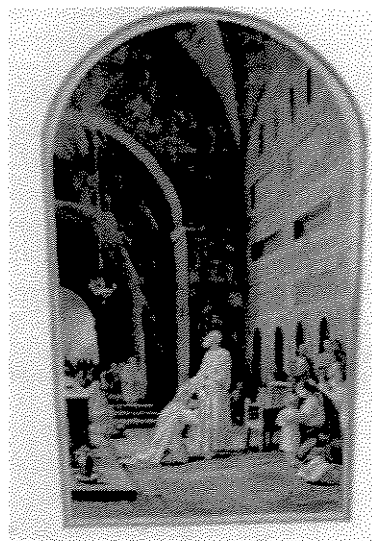
12 – Estudos para os Trabalhos na Igreja de Santa Cecília.

Para executar as grandes telas sobre a vida de Santa Cecília, hoje no altar mor daquela igreja, Calixto realizou, além de fotografias com as cenas montadas com atores, pequenos estudos a óleo. Nota-se nos esboços que a parte superior das pinturas é ligeiramente mais larga que a parte inferior. Nas telas grandes, Calixto utilizou-se desse recurso para diminuir o efeito da perspectiva para quem as vê de baixo. Pois devido à altura das mesmas, Calixto assim procedendo, aumenta a sensação ilusória, para o observador, da cena transcorrer ali, na frente dele. Dos esboços para os trabalhos definitivos na igreja podemos perceber várias alterações. No “Santa Cecília perante o Tribunal”, Calixto inverteu o quadro, como se olhássemos o esboço no espelho, na “Morte de Santa Cecília” a santa não está com o dedo ‘apontando’ como Maderno a esculpiu, e há palmas pelo chão, além do local não ser a luxuosa casa de banhos e sim as catacumbas.

12a – Estudo para “A imposição do Véu”

Óleo/tela; 33x20cm; assinado - B. Calixto; s/d.

Prop.: José Carlos Calixto de Jesus



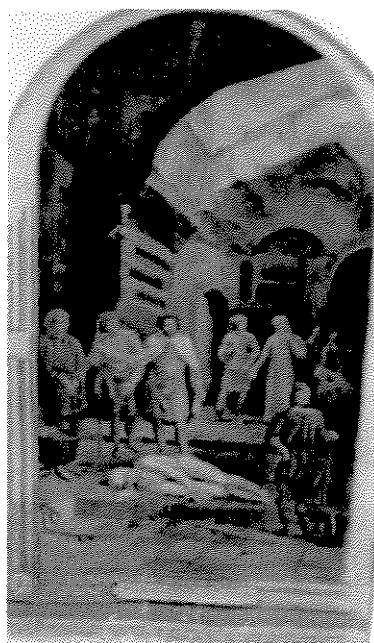
12b – Estudo para “Santa Cecília perante o Tribunal”

Óleo/tela; 33x20cm; s/assin.; s/d.

Prop.: José Carlos Calixto de Jesus



12c- Estudo para “A morte de Santa Cecília”
Óleo/tela; 33x20cm; assinado - B. Calixto; s/d.



Com inscrição: Martyrio e Morte de Santa Cecília – Este 1º. croquis foi completamente modificado e substituído por outro conforme se vê na Igreja (sic) de Santa Cecília em S. Paulo.

Prop.: José Carlos Calixto de Jesus

Fonte: 1- Calixto de Jesus Neto, B. Opus cit.

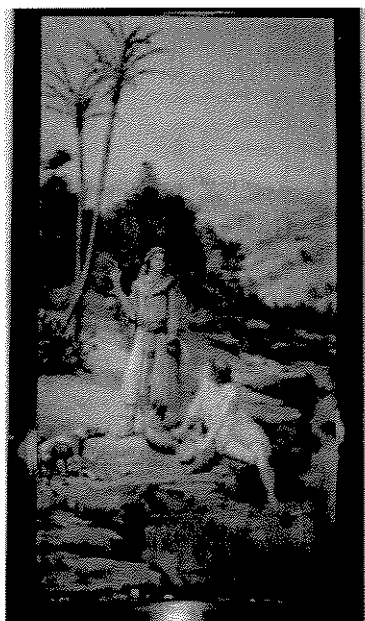
2- Entrevista: José Carlos Calixto de Jesus

13- Obras do Antigo Palácio Episcopal de São Carlos - SP

Em 1909, o então Arcebispo de São Carlos Dom José Marcondes Homem de Mello, encomendou a Calixto a decoração do Antigo Palácio Episcopal de São Carlos. Calixto faria lá cinco murais e uma tela, e seu filho, Sizenando, outros 3 murais. Os motivos eram paisagens rurais e temas religiosos (F2). No final da década de 1970, com a troca da sede episcopal para outro local, o prédio deste antigo palácio ficou abandonado. Devido à inviabilidade de sua recuperação e a valorização do terreno onde se encontrava, foi deixado ao sabor das intempéries. Estava para ruir em 1980. Não foi demolido pura e simplesmente porque as obras de Calixto, no seu interior, estavam tombadas pelo CONDEPHAT. Então a Cúria local se viu obrigada a providenciar a retirada dos murais para poder se desfazer do imóvel. Em julho de 1980, foi chamado para realizar o trabalho de retirada dos murais o pintor de Ribeirão Preto, Orfeo Branchini (F1). Ele realizou o transporte das pinturas, removendo-as da parede e aplicando-as a novos suportes móveis, constituídos de aglomerado de madeira. A técnica, destas pinturas, era a do óleo sobre reboco. Foram removidas pela técnica de ‘stacco’, em que se retira da parede a camada pictórica e a última camada de reboco fino, ou calfinagem, junto com a policromia e sua imprimatura (base de preparação). A transferência para o novo suporte trouxe, entretanto, uma série de problemas de conservação, pois os materiais originais das obras e o novo suporte possuem um coeficiente linear e planar diferente.

13a- TOBIAS E O ANJO

Óleo/tela; 311x127cm; sem assinatura e data; 1909.
Palácio Episcopal de São Carlos



Das obras de Calixto e seu filho Sizenando em São Carlos, esta era a única tela. Ficava no teto da sala de jantar do antigo palácio, hoje está na parede da sala de estar da atual sede do episcopado. Representa Tobias e o Arcanjo Rafael, que lhe apareceu como um guia, quando Tobias viajava pelo Egito. Acompanhou-o e protegeu-o até a volta nos braços de seu pai (F3).

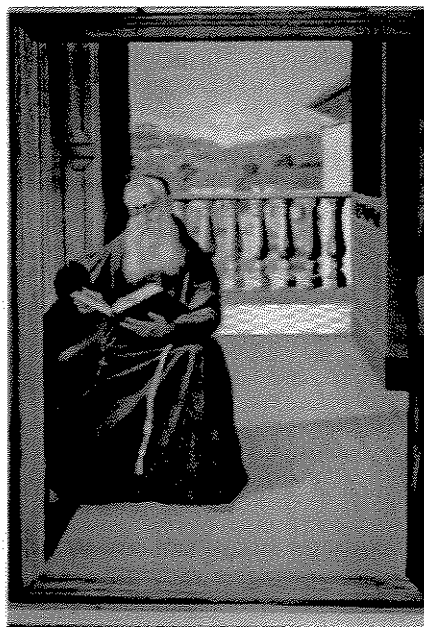
13b- Verdadeira Efigie de São Carlos Borromeu
Óleo sobre reboco; 171x116cm; assinado - B. Calixto, datado, 1910.
Prefeitura Municipal de São Carlos



São Carlo Borromeu foi Bispo de Milão no séc. XVI, por isto aparece na parte inferior do quadro as torres da Madonina de Milão. Quando da encomenda da obra, o Arcebispo Dom José Marcondes Homem de Mello solicitou a Calixto que os anjos deste painel fossem 'retrato fiel' de suas duas sobrinhas.

13c – Leitura

Óleo sobre reboco; 181x124cm; s/assin.; s/d, 1910
Prefeitura Municipal de São Carlos



Esta obra foi pintada para ornar um fundo de corredor do palácio, fazendo o efeito ilusório de continuidade do mesmo. Frei Vicente, irmão Franciscano menor, serviu como modelo. Ele era um grande amigo de Calixto e todos os anos iam juntos para Itanhaém, tomar parte e ajudar nas festas de Nossa Senhora.

Fontes: 1-Arquivo da Cúria Metropolitana de São Carlos

2-Calixto de Jesus Neto, B. Opus cit.

3-Sgarbossa, M. Opus cit.

4-Correio Paulistano, São Paulo, 13.01.1910.

14- Matriz de São João Batista – Atibaia SP

A igreja Matriz de Atibaia, dedicada a São João Batista, data de 1719. Depois de grandes reformas na pequena capela que existia naquele local, constituiu-se a Paróquia de São João Batista. O Edifício passaria, em 1858, por outra reforma e ampliação, dando-lhe o aspecto atual. Calixto, em 1911, foi passar umas férias em Atibaia, seria talvez para se restabelecer de uma forte gripe que o acometera. Era muito amigo do vigário local, Padre Kohly, este, um exímio musicista. Havia sido professor no antigo seminário de São Paulo, e durante alguns anos, vigário de Santos. Padre Kohly era figura obrigatória nas festas do Divino em Itanhaém, sempre levado para lá por Calixto (F1). O pintor, porém só teria dinheiro para permanecer na cidade por uns dez dias. Então executou três obras para a cidade em troca da estadia, permanecendo em Atibaia mais de um mês, executando seus trabalhos. Realizou o grande quadro 'O Batismo de Cristo', e 'Vista de Atibaia' (este atualmente encontra-se no clube social ao lado da Matriz). Estas obras foram ofertadas para a Igreja pelo atibaiano Jacinto Leite e sua esposa Olímpia Leite, que doaram a quantia de dois contos e quinhentos mil réis. A última obra é o 'Corpo de Cristo Morto', que foi oferecimento de Calixto à igreja. As obras foram, festivamente desvendadas ao povo, na noite de Páscoa, em 15 de Abril de 1911 (F3).

14a- O Batismo de Cristo

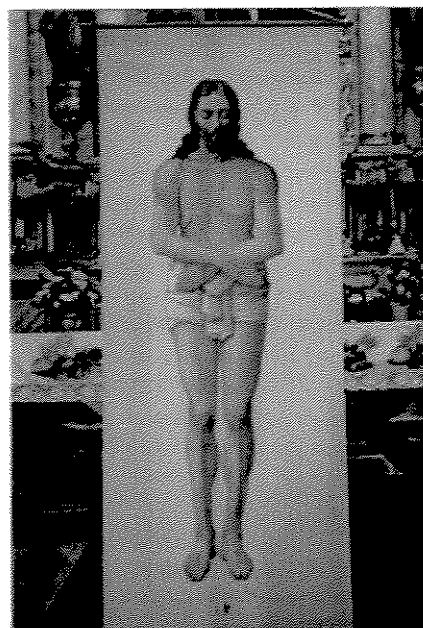
Óleo/tela; 560x285; assinado - B. Calixto, datado, 1911



Este trabalho é o maior quadro que Calixto realizou com um tema sacro, se levarmos em conta que o "Gólgota" do Museu de Arte Sacra de Santos é um pano de cena. Pelo seu tamanho, o "Batismo de Cristo", não tem chassi, o que facilitava seu manuseio e transporte. Permanecendo assim até hoje, sua tela fica presa por uma trave na parte superior e outra na inferior. É emoldurado pelo belo altar em estilo barroco da Matriz.

14b- Corpo de Cristo Morto

Óleo/tela; 200x80cm; datado 1911; com inscrição: 'Ofertado por B. Calixto à Matriz de Atibaia'.



Tal como o quadro maior do Batismo, esta tela também não tem chassi, pelo motivo e característica da mobilidade, lembra o 'Santo Sudário'. Era usada nas procissões da semana santa como estandarte.

Fontes: 1-Calixto de Jesus Neto, Opus cit.

2-Calixto Rios, Gilberto. Entrevista com.

3-Paróquia de São João Batista, Revista Comemorativa dos 340 anos. Atibaia, 2002.

15 – Igreja de Santa Ifigênia – São Paulo SP

Foi em 1911, quando era vigário da paróquia o Monsenhor João Evangelista Pereira Barros, que constituiu-se uma comissão para angariar fundos para a reforma e ampliação do antigo templo, deixando-o com o aspecto que hoje vemos. As reformas foram iniciadas em 1912. A igreja de Santa Ifigênia teve funções de catedral provisória,

enquanto não se terminavam as obras da igreja da Sé (F1). Calixto foi então convidado para decorá-la com três telas. Temos no livro tombo da igreja: “Capela e Altar do Santíssimo Sacramento e Sagrado Coração de Jesus – Aos sete de Junho deste anno de mil novecentos e doze, nesta matriz, teve lugar a inauguração da capela do SS Sacramento e SS Coração de Jesus. A decoração da dita capella é obra do italiano Sr. Gino Cattani, sendo que o painel representando a aparição de Emaús é obra do pintor brasileiro Sr. Benedito Calixto. O altar de mármore foi feito na casa Tomagnini, Fratello e Cia. Toda a decoração e altar foi oferecida pelo Sr. Comendador Felinto de Brito. Celebrou ahí a primeira missa nesse dia o abaixo assinado - B. Calixto vigário da parochia, havendo muitas comunhões e zellos. Cantos durante a missa, no qual tomou parte saliente a apresentação das orações desta parocchia e representantes de outros cantos da capital. Importou em 12;000\$000 (doze contos de reis) o serviço de pintura e altar da capella.- Altar e Capella Mor - ... O Altar mor foi executado no “Institut Royal” de Moyex e Cia em Munich, foi uma doação da Exma. Sra. D. Anna do Amaral Borges e seu marido Sr. José L. Borges, tendo custado 18 mil marcos, posto no porto de Santos. A decoração é trabalho do artista Luis Cattani. Os painéis representando a Anunciação e Piedade são obras do pintor brasileiro Benedito Calixto, sendo doado o primeiro pela Exma. Sra. D. Anna Pratis Baptista da Costa e o segundo pela Exma. Sra. D. Josephina Monteiro...”.

15a-Anunciação à Maria

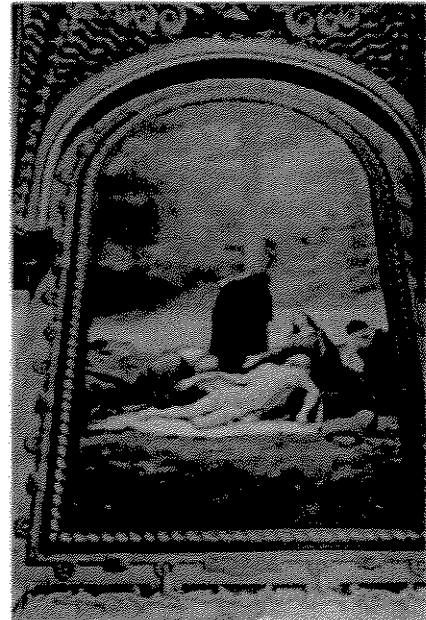
Óleo/tela; 410x230cm; assinado - B. Calixto, datado, 1912.



Ver: *Anunciação a Nossa Senhora*, Bocaina, 1924.

15b- Deposição de Cristo

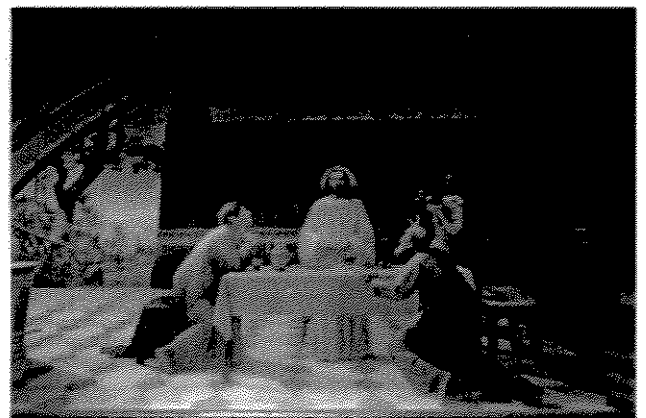
Óleo/tela; 410x230cm; assinado - B. Calixto, datado, 1912.



Ver: *Deposição de Cristo*, Bocaina, 1924.

15c- A Ceia de Emaús

Óleo/tela; 153x422; assinado - B. Calixto, datado 1912.



Esta obra localiza-se na capela do Santíssimo Sacramento, à direita da capela mor. Narra o evangelho de Lucas 24.30,31. Jesus, ressuscitado, acompanhara dois de seus discípulos até Emaús, sem dizer-lhes quem era e interrogando-os sobre

suas tristezas. Chegando até a cidade, os discípulos o convidam, sem saber que se tratava de Cristo, para cear com eles. Enquanto ceavam, Jesus se revela. E este o momento representado, o espanto e a admiração tomam conta dos discípulos, por se verem novamente diante do Senhor.

Ver: *Ceia de Emaús*, Igreja da Consolação, 1918
Ceia de Emaús, Catedral de Santos, 1927.

Fontes: 1- Arroyo, L. Opus cit.

2- *Livro tombo no. 1*, da Igreja de Santa Ifigênia, no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo.

16- Palácio São Joaquim - Rio de Janeiro RJ.

Localizado na rua da Glória e projetado pelo arquiteto Morales de Los Rios, o Palácio São Joaquim foi construído, em 1912, para abrigar o primeiro Cardeal do Brasil e da América do Sul, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, substituindo a antiga residência no morro da Conceição. Além das obras de Calixto, possui também pinturas de Carlos Oswald e Francisco Arguarone (FI). No arquivo de Celso Calixto Rios (Bisneto do pintor) existem recortes de jornais (sem referências), explicando a origem das obras de Calixto que se encontram neste palácio: "HOMENAGENS DA ARCHIDIOCESE DE S. PAULO – S. Paulo, a primeira Diocese que recebeu os labores do episcopado fecundo, cujo vigésimo quinto aniversário ora se celebra, quis ter um lugar saliente nas manifestações de apreço ao Emmo. Cardeal Brasileiro.

Das homenagens dos paulistas foi portador o preclaro Arcebispo daquela Archidiocese. Discurso do Sr. Arcebispo de S. Paulo – No dia 25 de Outubro (1913), durante a recepção do Clero, S. Exma. O Sr. D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de S. Paulo, tomando a palavra, disse que pedia um modesto lugar para vir também em nome dos seus diocesanos suplicar as bênçãos que naquele momento recebiam os representantes do clero fluminense. S. Paulo não podia deixar de ser solidário com aquelas brilhantes homenagens tributadas ao seu antigo e amado bispo, que alli iniciou a sua fecunda e brilhante carreira episcopal. Para comemorar esse glorioso jubileu, o clero paulista enviou ao Palácio S. Joaquim, afim de serem colocadas ao lado do Throno Episcopal, as telas que representam S. Pedro e S. Paulo, sendo que o primeiro foi o 1º. apóstolo da nossa religião e o segundo lembra a data da descoberta daquela terra. Desta forma, ligando essas duas épocas tão

gratas á Egreja, S. Paulo se associou ás homenagens prestadas ao Sr. D. Joaquim Arcoverde. Uma prolongada salva de palmas cobriu as últimas palavras do ilustre prelado de S. Paulo.

O presente da Archidiocese paulista – São dois lindos painéis do pintor paulista Benedicto Calixto, representando o da direita "São Paulo depois da visão maravilhosa, sendo curado da cegueira por Ananias"; do outro lado, "Jesus entregando as chaves da Egreja a S. Pedro".

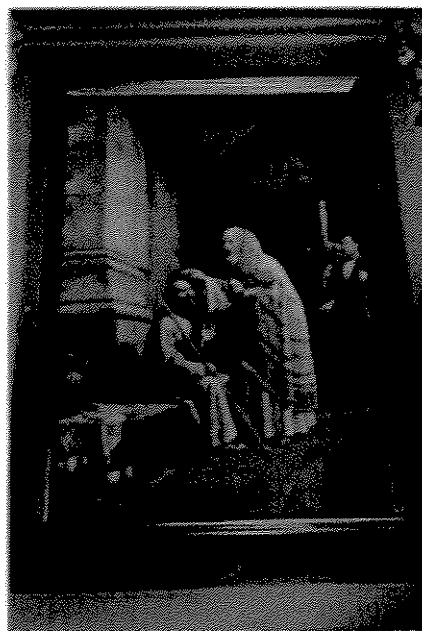
Nas outras paredes, outros dous painéis; o da esquerda representando o Padre Manuel da Nóbrega abençoando ao Padre José de Anchieta, na ocasião de sua partida com Estácio de Sá, do porto de Bertioga, em Santos, para vir ao Rio de Janeiro defendel-o da invasão franceza.

Á direita, outro painel representa a partida de Martim Affonso, do porto fluvial de Piassaguera, para os campos de Piratininga, onde se assenta hoje a linda capital de S. Paulo. João Romalho, ao lado do chefe Tibyriçá, ensina o caminho aos viajores .

É perfeita a obra de Benedicto Calixto. Deante dos seus painéis, que ornem a Sala do Throno, o nome do notável pintor é pronunciado sempre num cortejo de interjeições, a revelarem o entusiasmo de todos. Eis ahi o presente offerecido a Sua Eminência pela Federação das Associações Catholicas de S. Paulo!"

16a- Conversão de São Paulo

Óleo/tela; 215x135cm; s/assin. e s/d; 1913.



16b- Investidura de São Pedro

Óleo/tela; 215x135cm; s/assin. e s/d; 1913.



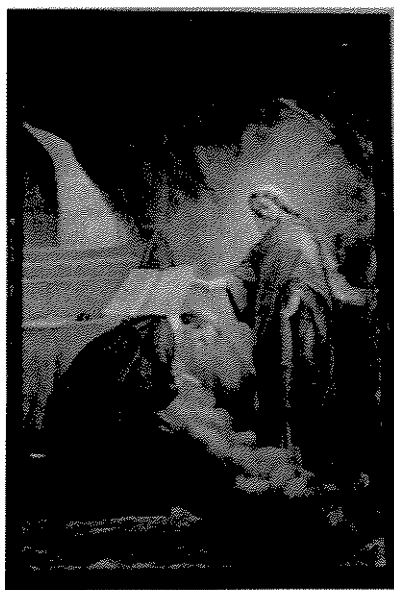
Fontes: 1-Arquivo do Palácio São Joaquim no Rio de Janeiro.

2- Calixto Rio, Celso. Arquivo pessoal de.

17- Santo Afonso

Óleo/tela; 303x200cm; assinado - B. Calixto, datado, 1915.

Convento dos Padres Redentoristas de Aparecida – SP.



Este quadro foi pintado para a capela do antigo convento dos Padres Redentoristas em Aparecida. O Prédio do antigo convento ainda existe, situado na praça da antiga Basílica de Aparecida. O convento, porém foi transferido para outro prédio, bem maior e construído para este fim, onde o quadro encontrase atualmente da sala de encontros. Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787) deixou Nápoles, sua cidade natal, indo para Scala. Aí tem contato com os marginalizados e pobres da região. Vai muito a uma gruta para orar e meditar, principalmente quando esta escrevendo as normas da Congregação do Santíssimo Redentor, congregação que criou. Nesta gruta, que ficou conhecida como Gruta de Scala, o santo tinha visões da Virgem Maria, que o instruíu sobre a Congregação e sobre coisas da vida. É neste momento que Calixto retrata Santo Afonso. Este quadro, segundo Benedito Calixto de Jesus Neto, teve como modelo um quadro de um pintor alemão, mas não cita qual. No livro que Santo Afonso escreve podemos ler: 'REGULAE CONGREGATIONIS SANTISSIMI REDEMPTORIS – FINIS INSTITUTI SANTISSIMI REDEMPTORIS ET EXEMPLA JESUS CHRISTI IMITARI' (O objetivo da regra da congregação do Santíssimo Redentor e do Instituto do Santíssimo Redentor é imitar o exemplo de Jesus Cristo).

Fonte: 1- Calixto de Jesus Neto, B. Opus cit.

2- Sgarbossa, M. Opus cit.

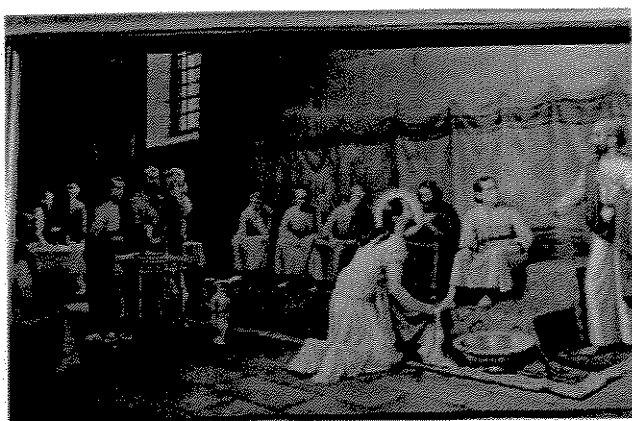
18- Catedral de Nossa Senhora do Amparo – Amparo SP

Foi por volta de 1850 que começou a ser construída a Matriz de Nossa Senhora do Amparo. Foi edificada sobre o pátio que servia à antiga capela e o cemitério contíguo. Fato curioso: quando se escavou a terra do pátio para colocá-la nas paredes de taipa, encontraram-se os ossos dos antigos habitantes. Como não havia cemitério abençoado, os ossos foram colocados com a terra para preenchimento das paredes de taipa. Em 1871, foi celebrada a primeira missa na capela mor. Somente em 1878 que o vigário, Antônio José Pinheiro, benzeu a nova Matriz e a entregou para o culto público (f1). As telas de Calixto tratam das cenas da Santa Ceia e do Lava-pés. Como estas cenas aconteceram na mesma noite e local, podemos observar, pela arquitetura do local, que se trata da mesma sala em ambos os quadros, os mesmos personagens e vestimentas. Em 'A Santa Ceia' vemos a hora em que Jesus prenuncia que algum discípulo irá traí-lo, um momento de surpresa e de

espanto contido perpassa os presentes. No 'Lava-pés' temos do evangelho de João: "(Jesus) Depois (da ceia) lançou água numa bacia, e começou , e começou a lavar os pés dos discípulos, e a limpar-lhos com a toalha com que estava cingindo. Veio, pois a Simão Pedro. E Pedro disse-lhe: Senhor, tu lavar-me os pés? Respondeu-lhe Jesus, e disse-lhe: O que eu faço, tu não sabes agora, mas sabe-lo-ás depois. Disse-lhe Pedro: Não me lavarás jamais os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça. Disse-lhe Jesus: Aquele que se lavou não tem necessidade de lavar senão os pés, pois todo ele está limpo. E vós estais limpos, mas não todos. Porque sabia qual era o que o ia entregar, por isso disse: Não estais todos limpos."

18a-A Santa Ceia

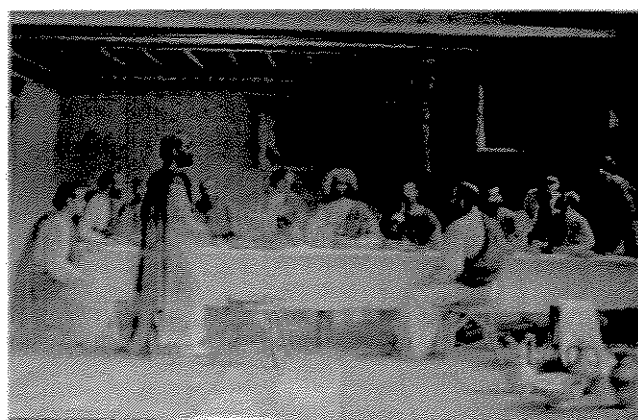
Óleo/tela; 150x255cm; assinado - B. Calixto, datado, 1918.



Ver: *Santa Ceia*, Museu de Arte Sacra de Santos, 1909.

18b- O lavapés

Óleo/tela; 150x255cm; assinado - B. Calixto, datado, 1918.



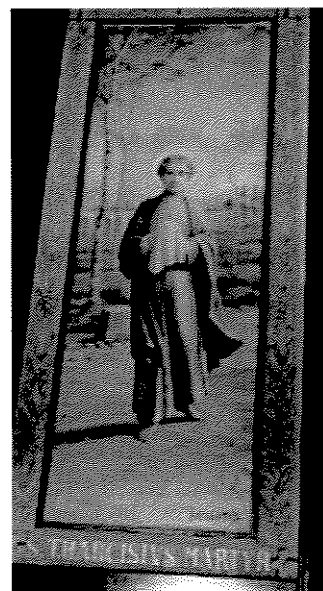
Fonte: 1-Lima, Roberto Pastana Teixeira. *Guia da Catedral de N. S. do Amparo*. Amparo, Secretaria de Desenvolvimento Cultural e Turístico de Amparo, 2002.

19- Igreja da Consolação – São Paulo SP

A construção da igreja da Consolação data de 1799, sendo reformada em 1840, para em 1907 ser novamente derrubada para dar lugar ao seu prédio atual, cuja planta, é de autoria do engenheiro Maximiliano Hehl, o mesmo que desenhou a planta da Catedral da Sé e de Santos. A igreja é toda decorada por Edmundo Cagni. Nela, além das obras de Calixto, encontramos também quadros de Oscar Pereira da Silva. Os quadros de Calixto estão na capela do Santíssimo Sacramento. Infelizmente nos livros tombo da igreja não há nenhuma passagem referente às telas de Calixto.

19a- São Tarcísio

Óleo/tela; 270x78; assinado - B. Calixto, datado, 1918, inscrição: "S. THARCISIVS MARTYR" (São Tarcísio Mártir)



Este São Tarcísio difere muito daquele que Calixto pintou em Santa Cecília. Aqui temos o adolescente na ação, indo a caminho de sua missão, pela via Apia, levar a comunhão aos cristãos condenados. Depois seria descoberto e morto.

Ver: *São Tarcísio*, Igreja Santa Cecília, s/d.

19b- São Tomás

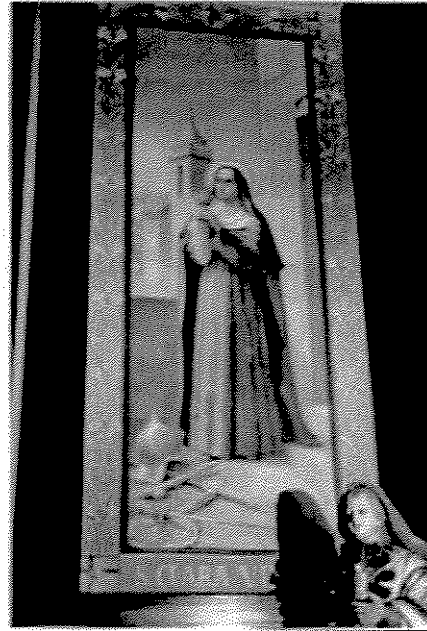
Óleo/tela; 350x92cm; assinado - B. Calixto, datado, 1918; inscrição: "BENE SDRIPSISTI DE ME – THOMA" (Tu escreveste bem de mim Tomás)



São Tomás, nascido em Londres em 1177, foi colaborador de Teobaldo, arcebispo de Canterbury. Com a morte deste, assumiu seu lugar por indicação do rei Henrique II, com quem se indisporia mais tarde devido a decretos de direitos régios abusivos, que já estavam em desuso. Refugiou-se na França por seis anos. Anistiado voltou para a Inglaterra. Como primeiro ato, ao retornar, repudiou os bispos que apoiaram os decretos reais. Mesmo avisado de que seria morto, não fugiu, esperou seus algozes, deixando-se apunhalar sem opor resistência, em nome de Jesus e da Igreja.

19c- Santa Clara

Óleo/tela; 270x78cm; assinado - B. Calixto, datado, 1918; inscrição: "S .CLARA VIRGEM" (Santa Clara Virgem)



De família rica e abastada, nascida em 1193 em Assis, Santa Clara quis seguir os passos de São Francisco e seus frades, fugindo de casa aos dezenove anos e fazendo votos de pobreza, castidade e obediência. Foi conduzida ao paupérrimo convento de São Damião, destinado às monjas da Ordem Segunda Franciscana, onde mais tarde também seriam admitidas a mãe e irmãs de Clara. Pediu e obteve o "privilégio da pobreza", o que a impedia de ter qualquer coisa de seu. Quando São Francisco morreu, viu projetadas nas paredes de sua cela imagens do santo. É retratada quando ergue o ostensório em direção aos mouros, que assim são afugentados de Assis, deixando na fuga, suas armas ao chão.

19d- Santo Antonio de Pádua

Óleo/tela; 350x92cm; assinado - B. Calixto, datado, 1918; inscrição: "SAPIENTIAM EJUS ENARRABUNT GENTES" (Os povos contarão a sabedoria de Jesus)



Nascido em Lisboa, em 1195, exerceu seu ministério apostólico no sul da França. Mas foi em Pádua, na Itália, que desenvolveu seu apostolado, e onde teve lugar, segundo a tradição, a famosa aparição do menino Jesus, que a iconografia cristã, mais comumente associa à sua imagem. Amigo de São Francisco, que o chamava de “o meu Bispo”, aqui é representado com seus báculo e chapéu de bispo.

19e- A Caminho de Emaús

Óleo/tela; 270x128cm; assinado - B. Calixto, datado, 1918; inscrição: “QVI SVNT HI SERMONES QVOS CONFERTIS AD INVICEM AMBVLANTES? LVC. XXIV, 17” (De que vocês estão falando no caminho? Lucas 24, 17)



Este quadro, como no seguinte, é um dos raros casos em que Calixto cita a passagem evangélica inspiradora do tema – Lucas 24, 17 : ‘Então, lhes perguntou Jesus: Que é isto que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais? E eles pararam entristecidos.

Ver: *Encontro de Emaús*, Bocaina, 1925.

19f- A Ceia de Emaús

Óleo/tela; 270x128cm; assinado - B. Calixto, datado, 1918; inscrição: “ET APERTI SVNT OCVLI EORVM ET COGNOVERVNT EVM ET IPSE EVANUIT EX OCVLIS EORVM. LUC. XXV, 31.” (Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram e ele mesmo desapareceu de suas vistas. Lucas 25, 31)



Aqui novamente evangelho segundo Lucas, porém há um engano no número do capítulo, já que o evangelho de Lucas vai até o capítulo 24, e ,aí sim, o versículo é o 31: ‘então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles.’ Calixto pintaria mais uma vez esta cena, para a Catedral de Santos, que se assemelha em muito a esta da Consolação, mudando-se apenas a paisagem ao fundo, já que Cristo e os apóstolos estão nas mesmas posições e atitudes. A ‘Ceia’ da Igreja de Santa Ifigênia é diferente de ambas, Cristo nos aparece de frente, em pé sendo ladeado pelos apóstolos atônitos pela sua revelação.

Ver: *Ceia de Emaús*, Santa Ifigênia, 1912.

Ceia de Emaús, Catedral de Santos, 1927.

Fontes: 1-Arroyo, L. Opus Cit.

2- Sgarbossa, M. Opus cit.

20- Catedral de São Sebastião – Ribeirão Preto SP

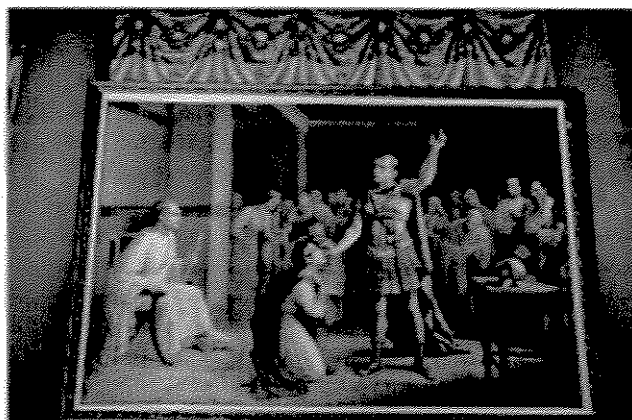
Monsenhor Dom João Lauriano, Arcebispo de Ribeirão Preto em 1970, concedeu, nesta época, entrevista ao Jornal “A Cidade”, de Ribeirão Preto, contando a história das telas de Calixto na sua Catedral. Pouco depois, esta entrevista juntou-se a uma coletânea sobre a história da Arquidiocese. Relata-nos: “Conheci Benedito Calixto, no princípio deste século vinte, entre os anos de 1901 e 1904, quando eu estudava para ser sacerdote, no Seminário Episcopal de São Paulo. Naquele tempo esse grande pintor freqüentava o nosso Seminário, amigo que era de nossos professores. Quando tínhamos que levar à cena alguma peça dramática e lírica, em nosso teatrinho, era ele quem preparava os cenários, de acordo com o motivo da representação. E nós assistíamos admirados por ver como, com sua brocha amarrada num caniço longo, iam aparecendo na tela, estendida no chão, pinturas perfeitas, que no soalho pareciam simples borrões. Nesse tempo, o que mais tarde foi nosso querido bispo diocesano, então senador Monsenhor Alberto José Gonçalves, nas suas freqüentes viagens do Rio de Janeiro para Curitiba e vice-versa, visitava nosso Seminário, em São Paulo. Foi numa dessas ocasiões que Monsenhor Alberto conheceu o nosso grande Benedito Calixto, do qual se lembrou, mais tarde, quando precisou de alguém que lhe decorasse a parte já pronta da nossa Catedral.”

Calixto executou os trabalhos de Ribeirão Preto entre 1916 e 1922, recebendo pelo total das obras trinta e um contos e quinhentos mil réis. Suas telas sobre a vida de S. Sebastião (seis no total) decoravam as paredes da nave principal da Catedral para onde foram concebidas. Hoje, porém, encontram-se na capela mor, três de cada lado do Altar, dificultando um pouco para os freqüentadores da igreja apreciarem as obras. Ele usou como modelo para São Sebastião o jornalista de S. Vicente, Edson Teles de Azevedo que tinha, na época, 21 anos. Em 1961 as telas foram restauradas pelo artista ribeirão-pretano Orfeu Branchini, o mesmo que removera as obras de Calixto do antigo Palácio Episcopal de São Carlos.

São Sebastião, milanês de nascimento, ingressou no exército romano e fez carreira militar. Pela nobreza e lealdade de seu caráter, conquistou a admiração e amizade do Imperador Dioclesiano, que o elevou ao honroso cargo de chefe de sua guarda pretoriana. Como soldado cumpria seu dever, como cristão era caridoso, estimulava e confortava seus irmãos de fé, para suportarem as punições aplicadas aos que se negavam a adorar os deuses romanos.

20a- Restituição da Fala a Neófito Zoé

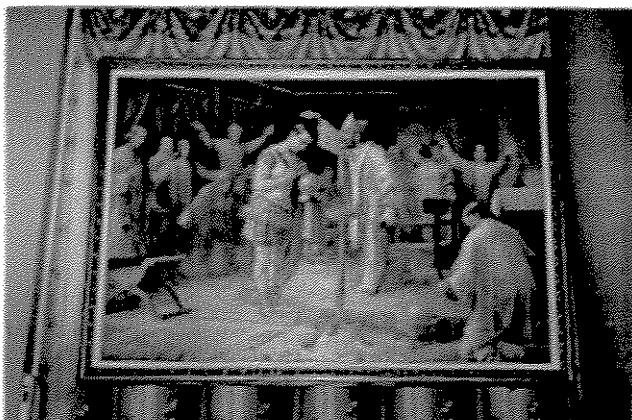
Óleo/tela; 170x270cm; assinado - B. Calixto, datado, 1917.



Esta tela retrata o milagre de São Sebastião, restituindo a fala a Zoé, esposa de Nicóstrato, que, por este fato, se converteu ao cristianismo, sendo nessa conversão acompanhado pelos seus familiares e amigos.

20b- Serás o Defensor da Igreja de Cristo

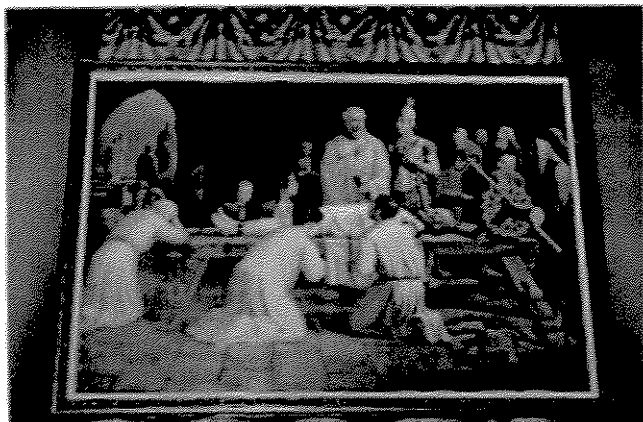
Óleo/tela; 170x270cm; assinado - B. Calixto, datado, 1917.



São Sebastião recebe a benção do Papa Santo Caio, que o confirma defensor dos Cristãos.

20c- A comunhão dos mártires

Óleo/tela; 170x270cm; assinado - B. Calixto, datado, 1918.



Vemos aqui São Sebastião dando assistência a São Caio, em missa celebrada sobre o corpo de um mártir, nas masmorras do Coliseu, onde os cristãos recebiam a eucaristia e assim preparados se dispunham, espiritualmente, para sofrerem as crueldades impostas diante da multidão.

20d- O Interrogatório de Dioclesiano

Óleo/tela; 170x270cm; assinado - B. Calixto, datado, 1920.



Quando interrogado pelo imperador Dioclesiano, São Sebastião confirma ser seguidor da doutrina de Cristo. O imperador tenta demove-lo de sua fé, mas não consegue, condena-o a ser amarrado a uma árvore para ser flechado até a morte.

20e- Primeiro Martírio de São Sebastião

Óleo/tela; 170x270cm; assinado - B. Calixto, datado, 1920.



Cumprindo-se a sentença de Dioclesiano, São Sebastião foi flechado e dado como morto, então seus algozes abandonaram o local. Uma bondosa senhora, de nome Irene, notando que ainda vivia, carrega-o para a sua casa e trata-o até sua cura completa.

20f- Segunda condenação de São Sebastião

Óleo/tela; 170x270cm; assinado - B. Calixto, datado, 1920



Recuperado, São Sebastião apresenta-se novamente a Dioclesiano. Reconhecendo seu antigo soldado redívivo, o imperador espanta-se com tal visão e irritado condena-o novamente a morte, agora através de bastonadas sendo depois lançado a uma cova. Porém, Lucina, uma senhora cristã, teve a visão de São Sebastião que indicara o lugar onde estava seu corpo, esta trata de o retirar deste lugar e de sepultá-lo onde se ergue hoje a suntuosa igreja dedicada a São Sebastião, a qual tem em seus subsolos as catacumbas que trazem o nome de São Sebastião, na via Ápia.

20g- Fuga para o Egito

Óleo/tela; 110x225cm; s/assin. e s/d.



Encimando a entrada do corredor que dá acesso à sacristia, há este quadro da Sagrada Família em fuga para o Egito. Nesta obra, como na seguinte, além de traços característicos de Calixto, como neste a paisagem ao fundo e no seguinte os azulejos coloridos do chão, também encontramos costumes diversos, como em ambos, os decaimentos longos das vestes como uma excessiva inclinação em 'S' dos corpos, principalmente de Nossa Senhora no primeiro e de Cristo, no quadro seguinte. Estes fatos são indícios de uma segunda participação na feitura das obras, talvez de Sizenaldo, filho de Calixto, que já colaborara com ele em outras obras, como a 'Santa Ceia', no Museu de Arte Sacra de Santos. A Falta da assinatura característica de Calixto em ambos, acentua a hipótese de dupla autoria das obras. Apesar da não indicação de data, estas duas obras devem pertencer ao período posterior à conclusão dos painéis de São Sebastião (1920), e a conclusão dos trabalhos de Calixto em Ribeirão Preto (1922), como pintura de cortinados e vasos de flores diretamente na parede da capela mor e o retrato do Arcebispo local, Monsenhor Alberto José Gonçalves.

20h- Sagrado Coração de Jesus

Óleo/tela; 110x225cm; s/assin. e s/d.



Esta obra, sobre a entrada da capela do Santíssimo, representa a aparição do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria Alacoque. Mostrando-lhe o coração rodeado de uma coroa de espinhos, disse-lhe: "Eis o meu coração que tanto ama os homens e pelos quais é tão pouco amado".

Fontes: 1-Caldas, Jaime Mesquita. Entrevista com.

2-Lauriano, Mons. João. *Bispos e Arcebispos de Ribeirão Preto*. Public. da Cúria Metropolitana, Ribeirão Preto, 1972.

3-Sgarbossa, M. Opus cit.

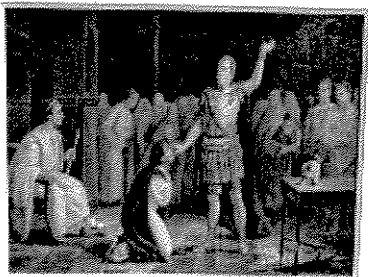
21- Estudos para a Catedral de São Sebastião

Recentemente, em Dezembro de 2000, a Pinacoteca Benedito Calixto, em Santos, adquiriu de seu neto, Sr. José Carlos Calixto de Jesus, os estudos para as telas sobre a vida de São Sebastião pintadas para a Catedral de Ribeirão Preto. Embora não estejam datados, pertencem ao período que Calixto esteve empenhado na decoração daquela Catedral, ou seja, 1916-1922. Estes trabalhos foram restaurados entre Setembro e Outubro de 2001 por Yara Lúcia M. M. Petrella.

21a- Estudo para 'Restituição da Fala a Neófito Zoé'

Óleo/tela; 25x38cm; assinado - B. Calixto; s/d.

Pinacoteca Benedito Calixto – Santos SP.



21b- Estudo para 'Serás o Defensor da Igreja de Cristo'

Óleo/tela; 25x38cm; assinado - B. Calixto; s/d.
Pinacoteca Benedito Calixto.



21e- Estudo para 'O Primeiro Martírio de S. Sebastião'

Óleo/tela; 25x38cm; assinado - B. Calixto; s/d.
Pinacoteca Benedito Calixto



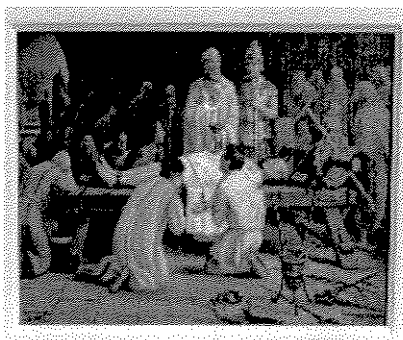
21c- Estudo para 'A Comunhão dos Mártires'

Óleo/tela; 25x38cm; assinado - B. Calixto; s/d.
Pinacoteca Benedito Calixto



21f- Estudo para 'A Segunda Condenação de S. Sebastião'

Óleo/tela; 25x38cm; assinado - B. Calixto; s/d
Pinacoteca Benedito Calixto



21d- Estudo para 'O Interrogatório de Dioclesiano'

Óleo/tela; 25x38cm; assinado - B. Calixto; s/d.
Pinacoteca Benedito Calixto



Fonte: Arquivo da Pinacoteca Benedito Calixto

22- Na Cabana de Pindabuçu

Óleo/tela; 43x66cm; assinado - B. Calixto, datado, 1920.

Particular: Museu Reginaldo Bertholino – São Paulo SP.



Sobre esta obra existe um texto de Benedito Calixto explicando seu tema: “O Padre Nóbrega e Anchieta vão ao aldeamento dos Tamoyos, em Ubatuba, negociar a paz com esses selvagens, inimigos ferozes dos portugueses. Achavam-se hospedados na maloca do grande chefe Pindabossu, transformada em capela provisória onde, as vezes, se reuniam os Morubixabas para discutirem as bases da paz com os missionários. Tinham estes conseguidos acalmar os ânimos dos indômitos índios, apesar das terríveis ameaças daqueles que ainda estavam aliados aos calvinistas franceses da Guanabara, que pretenderam por vezes destruir o pacto estabelecido, pela eliminação das vidas dos inermes missionários da paz.

Foi com este propósito que aportou, um dia, às praias de Iperoig, o truculento e jovem chefe Paranaguassu, filho de Pindabossu, vindo do Rio de Janeiro, com firme propósito de destruir as bases do armistício promovido por seu pai e, tirar a vida aos missionários vindos de São Vicente.

Nóbrega e Anchieta, que se achavam na praia, ao verem a atitude hostil dos recém chegados, que deles se aproximavam, subiram prestes a Jundu e foram pedir a proteção do velho Pindabossu, mas este se achava ausente da maloca. Ajoelharam-se então ante o altar dispostos a “receber a morte aos pés de Deus”.

O jovem tamoyo exultou a ter conhecimento da auzencia de seu pai; entrou, resoluto, com seus índios na humilde capela e vendo ali prosternados os dois sacerdotes, ergueu a pesada clava para descarregar-la sobre a cabeça sobre a cabeça do Padre Nóbrega, mas... nesse instante ergueu-se diante dele a figura esguia e pálida de Anchieta!

O doce e fascinante olhar do taumaturgo fê-lo estremecer! E, à proporção que a palavra vibrante e fluentemente articulada no vernáculo tupy, ia saindo dos lábios do Apóstolo, os músculos retesados iam

amolecendo e os braços de Paranaguassu foram descendo,... descendo,... até que a clava – o tacape de piúva – escapando-lhe da crispada mão, caiu pesadamente ao solo.

É nesse momento que, à porta da cabana, assoma o vulto do venerando Pindabossu que estaca ante a cena que ali se desenrola: o seu filho estava desarmado! Era mais um trunfo pela paz, conquistada pelo Pagé-guassu!

Quando o grande chefe penetrou na capela, já o seu truculento e soberbo filho, estava ajoelhado ante o altar de Cristo ao lado do Padre Nóbrega, que recitava ainda o ofício divino.”

Aqui Calixto volta ao tema, por um tempo esquecido, dos acontecimentos da vida de Anchieta e do passado paulista.

Exposição: Dan Galeria expõe – Benedito Calixto obras inéditas – de 05 a 20/12/1984.

Fonte: 1-Calixto, João Benedito. Acervo particular
2- Museu Reginaldo Bertholino

Publicado: 1- Revista Veja, São Paulo, Ed. Abril, 06/02/1980.

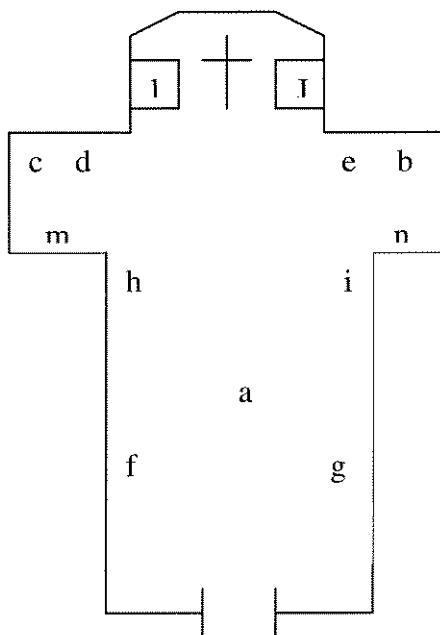
23- Igreja Matriz de São João Batista – Bocaina SP

Esta é, dentre as igrejas com obras de Calixto, a que possui o histórico mais completo de todo o processo de decoração, desde a contratação, acertos de prazos, temas, localização, arquitetura, preços, pagamentos, etc. Baseado nas cartas trocadas entre Calixto e o vigário da Matriz da Bocaina, Pe. José Maria Alberto Soares, Benedito Calixto de Jesus Neto, elaborou um extenso trabalho sobre este processo, trabalho este que usaremos aqui, alguns trechos, para ilustrar esta história: “Em Outubro do ano de 1923, Benedito Calixto recebe em São Vicente uma carta do Revmo. Pe. José Maria Alberto Soares, então vigário da Igreja Matriz de São João da Bocaina SP, convidando-o para executar painéis, projetar e dirigir a decoração da Matriz de Bocaina, cujo edifício se encontrava em fase de acabamento e, no dizer do Pe. Soares, era o momento exato para se pensar na decoração do interior do novo templo. Calixto aceita o convite do Pe. Soares e viaja para Bocaina para, no local, tomar conhecimento do problema proposto e ouvir a opinião e os desejos do padre e dos membros que compunham a comissão de obras... sugere (*Calixto*) uma série de modificações no interior da igreja, cuja arquitetura não lhe agradava. Em acordo com a Pe. Soares, os Senhores Guilherme Francisco da Silva e Bento Prado de Almeida Ferraz (*da comissão de obras*), resolvem entregar ao arquiteto Sizenaldo Calixto, filho do pintor, a incumbência de apresentar um novo de todo o interior do templo com as modificações sugeridas por Benedito

Calixto. Para a parte ornamental da futura decoração Calixto indicou o decorador Bruno Sercelli como artista competente e de sua confiança". Tudo acertado, ficou firmado que Calixto faria 8 painéis para a igreja, pela quantia de 20:000\$000, vinte contos de réis, sendo que três contos seriam pagos adiantadamente para a compra do material. Pe. Soares envia nova carta a Calixto confirmando os termos do compromisso, dizendo que a carta que ora lhe enviava serviria como documento do que ficara acertado verbalmente. Seguiram-se confirmações com o decorador Bruno Sercelli, do estucador Magnani e do arquiteto Sizenaldo Calixto. O estucador teve de esperar o término das reformas estruturais do prédio para iniciar seu trabalho, o decorador, por sua vez,, esperou o trabalho do estucador e por último seriam afixadas as telas de Calixto. "Sercelli não havia ainda submetido a Calixto o seu projeto de decoração. Pe. Soares insiste com o decorador para que apresente com urgência o seu projeto para não ocasionar maiores atrasos. Por esta época (*Maio de 1924*) Calixto expõe em Santos os painéis de Bocaina acabados, que são recebidos pela crítica paulista com as referências as mais elogiosas. Pe. Soares deseja ter a coleção dos jornais com as notícias para mostrar às pessoas gratas da paróquia. Calixto sente-se doente e queixa-se a Pe. Soares desses incômodos de saúde que não o deixam trabalhar como desejava e que talvez até impeçam a sua viagem a Bocaina programada para o mês de Maio. A comissão havia decidido entregar a Calixto quando de sua vinda a Bocaina, dez contos de réis por conta dos contratos dos painéis, porém se o pintor não pudesse viajar, essa quantia ser-lhe-ia remetida para São Vicente... Em Agosto deste ano (*1924*), a Comissão de Obras por intermédio do Pe. Soares, encomendou-o mais quatro painéis, que iriam completar o complexo decorativo da Igreja. Destes quatro novos painéis, dois deveriam representar cenas da catequese dos índios pelos padres Nóbrega e Anchieta, cuja temática ficaria a escolha de Calixto. Os outros dois deveriam representar a "Visitação de Nossa Senhora a sua prima Isabel" e a "Aparição do anjo a Zacarias Anunciando o Nascimento de João Batista". Para esta temática recomendou Pe. Soares a Calixto que o estudasse no evangelho de São Lucas e pedia ao pintor que dissesse a época em que ficariam prontos estes novos painéis. Calixto receberia por esta nova encomenda a quantia de 16:000\$000."(f1). Pouco depois, em nova carta, Pe. Soares solicitou a substituição dos motivos da catequese dos índios para as cenas do "Encontro de Emaús" e da "Transfiguração de Cristo". Em Fevereiro de 1925,

Calixto informa ao Pe. Soares que três, das quatro novas telas encomendadas, já estavam prontas. Então o padre encomenda-lhe mais duas telas: "Cristo no Horto das Oliveiras" e "Assunção da Virgem", por 8:000\$000, diz o padre: "Queremos absolutamente que o nosso pequeno museu de arte sacra seja todo de Benedito Calixto, temos nisto o máximo empenho". Logo Calixto remete as telas restantes, apressam-se os serviços finais da decoração para a inauguração da Matriz em 24 de Junho de 1925, quando foi entregue para a comunidade com a presença do Bispo Dom Mamede. Infelizmente Calixto não pôde comparecer, devido ao grande número de encomendas em que estava trabalhando, impossibilitado, assim, de verificar como ficou a Matriz cuja decoração coordenou. também o Pe. Soares que tanto empenho fizera para ver sua igreja concluída como gostaria, dois meses antes da inauguração, em São Carlos, quando retornava de viagem para tratar de assuntos referentes à finalização das obras da Matriz, sofrera uma 'congestão cerebral', ficando com uma parte do corpo paralisada e permanecendo na Santa Casa daquela cidade, onde viria a falecer meses mais tarde.

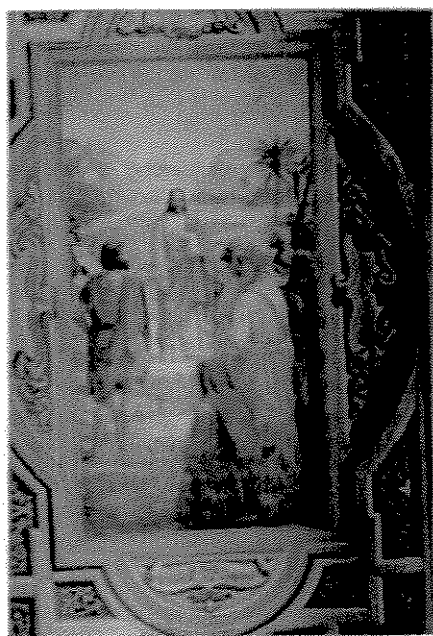
Distribuição das obras na Matriz de Bocaina:



Os painéis de Calixto foram restaurados entre 1977 e 1980 por Renato Magalhães Gouveia – Escritório de Arte. Na restauração trabalharam conjuntamente técnicos e especialistas de várias nacionalidades: brasileiros, poloneses, tcheco, alemão, italiano e inglês (f2). Existe na praça de Bocaina, em frente a Matriz, um busto de Calixto com os dizeres: ‘Homenagem do Banco Novo Mundo ao Grande Mestre da Pintura – Benedito Calixto – 1853 – 1927, Bocaina, Maio de 1972.

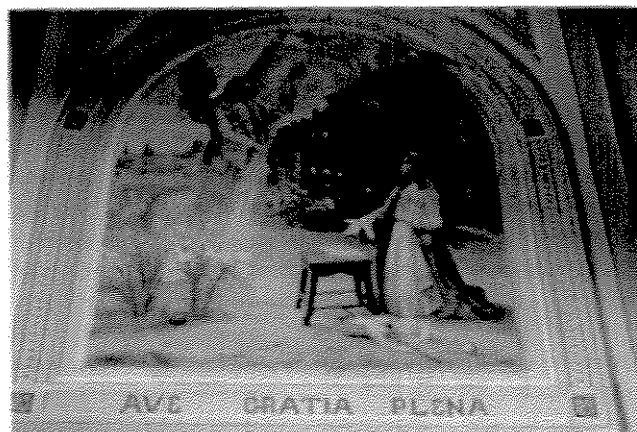
23a- São João indicando Nosso Senhor ao Povo

Óleo/tela; 300x160cm; assinado – B. Calixto, datado, 1924; inscrição: “ECCE QUI TOLLIT PECCADO MUNDI” (Eis quem tira o pecado do mundo)



23b- Anunciação da Nossa Senhora

Óleo/tela; 170x170cm; assinado – B. Calixto, datado, 1924; inscrição: “AVE GRATIA PLENA” (Salve cheia de graça)



Ver: *Anunciação à Maria*, Igreja de Santa Ifigênia, 1912.

23c- Deposição de Cristo

Óleo/tela; 170x170cm; assinado – B. Calixto, datado, 1924; inscrição: “VELVT MARE CONTRITIO TVA” (a tua miséria é como o mar)



Esta tela, embora em menores proporções, apresenta o mesmo desenho utilizado por Calixto para a ‘Deposição do Cristo’ da igreja de Santa Ifigênia.

Ver: *Deposição do Cristo*, Igreja de Santa Ifigênia, 1912.

24d- São Pedro

Óleo/tela; 160x60cm; assinado – B. Calixto, datado, 1924; inscrição: “ET TIBI DABO CLAVES RECI NI COELORVM” (E Eu te darei as chaves do reino dos céus)



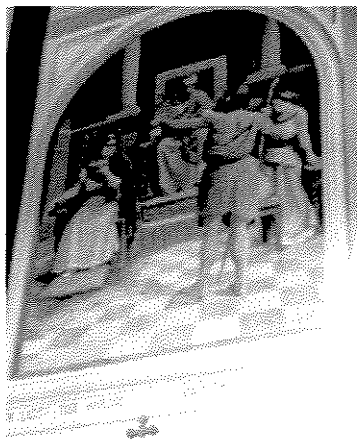
23e- São Paulo

Óleo/tela; 160x60; assinado - B. Calixto, datado, 1924; inscrição: "BONVM CERTAMEN CERTAVI" (Combati o bom combati)



3f- São João Batista Perante Herodes

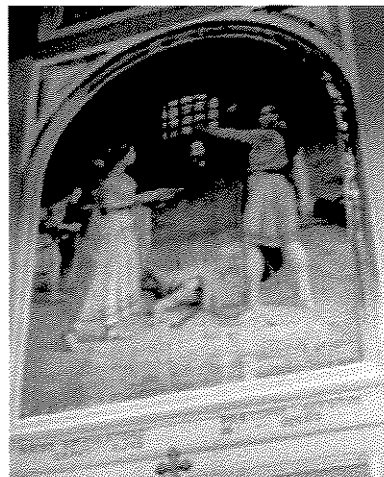
Óleo/tela; 190x160cm; assinado - B. Calixto,



datado, 1924; inscrição: "NON LICET TIBI HABERE VXOREM FRATIS TVI" (Não te é lícito possuir a esposa do teu irmão)

23g- Degolação de São João Batista

Óleo/tela; 190x160cm; assinado - B. Calixto, datado, 1924; inscrição: "MISSO SPECVLATORE PRAECEPTIT AFFERRI CAPVT EJVS IN DISCO" (Enviando seu ajudante de ordens, mandou trazer a cabeça dele numa bandeja)



23h-Aparição do Anjo a Zacarias Anunciando o Nascimento de São João Batista

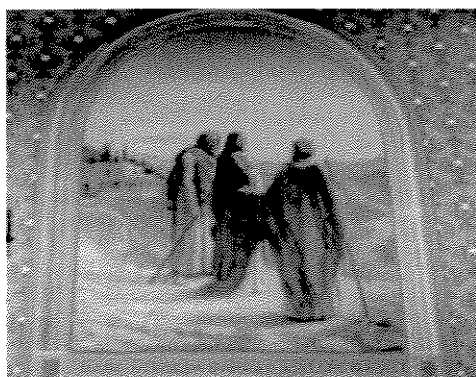
Óleo/tela; 190x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925; inscrição: "NE TIMEAS ZACHARIA QVONIAM EXAVDITA EST DEPRECATIO TVA" (Não temas, Zacarias, porque foi ouvida tua oração)



23i- Visitação de Nossa Senhora à Santa Isabel
Óleo/tela; 190x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925; inscrição: "BENEDICTA TV INTER MULIERES ET BENEDICTVS FRUTUS VENTRIS TUI" (Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre)



23j- Encontro de Emaús
Óleo/tela; 230x190; assinado - B. Calixto, datado, 1925; inscrição: "MANE NOBISCVM 'QVONIAM ADVESPE RASCIT' " (Fique conosco porque já declina o dia)



Em carta ao Pe. Soares, Calixto escreve a respeito deste quadro: "o considera como uma das melhores coisas que no gênero já tinha executado. Julga ainda excelente a escolha do texto evangélico que servia de motivo para sua composição, e julga ter interpretado bem o assunto, tendo conseguido uma ambientação fora do comum para dar realce a 'hora vespertina' em que se desenvolve o motivo."(f1). Se compararmos este quadro com o "Caminho para Emaús", da Igreja da Consolação, veremos que o desenho dos personagens é quase idêntico, porém a

paisagem e principalmente a luz, como afirma Calixto, faz deles quadros bem diferentes.
Ver: *A Caminho de Emaús*, Igreja da Consolação, 1918.

23L- Transfiguração de Cristo
Óleo/tela; 230x190cm; assinado - B. Calixto, datado, 1925; inscrição: "RESPLENDIT FACIES EJVS SICVT SOL" (O rosto dele resplandeceu como o sol)



Calixto afirma que neste quadro "não quis propositalmente, copiar ou inspirar-me nas obras dos grandes mestres clássicos da pintura religiosa, que figuram o divino Mestre suspenso, nas nuvens, no ato da transfiguração, eu quis cingir-me estritamente ao que dizem os Evangelhos. Neles, Jesus ao ser transfigurado diante dos seus três discípulos – Pedro, João e Tiago – não se havia elevado ao Céu, nem havia deixado de pisar a Terra, onde estavam seus amigos discípulos. O Céu é que se abria para cobri-lo de glória. O divino Mestre não se afastara do labor! Moisés e Elias, estes sim, aparecem na visão suspensos entre nuvens ao lado de Jesus. Jesus ergue a mão direita apontando para o Céu, ao passo que a mão esquerda – lado do coração – baixa para amparar e abençoar a Terra. O Céu é radiante de glória! A figura de Jesus é porém mais brilhante que a própria glória(F1)".

23m- Cristo no Horto das Oliveiras
Óleo/tela; 170x170cm; assinado - B. Calixto, datado, 1925; inscrição: "PATER SE VIS TRANSFER CALICEM ISTVM A ME VERVNTAMEN NON MEA VOLVNTAS SED TVA FIAT" (Pai, se é de teu agrado, afaste de mim este cálice, todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua)



Ver: *Jesus no Horto*, Museu de Arte Sacra de Santos, 1896.

23n- Assunção da Virgem

Óleo/tela; 170x170cm; assinado - B. Calixto, datado, 1925; inscrição: "ASSVNTA EST MARIA IN COELOVM GAVDET EXERCITVS ANGELORVM" (Maria é assumida no céu, o exército dos anjos se alegra)



Última das obras da Matriz a ser executada. Depois da troca de vigários em Bocaina, devido à enfermidade do Pe. Soares, o pagamento do restante dos valores devidos a Calixto, sofreram vários atrasos, sendo a última parcela, de 2:000\$000, paga somente em 1927, no mês seguinte a morte de Calixto, servindo para pagar as despesas do funeral
Fonte: 1- Calixto de Jesus Neto, B. Opus cit.

2- *Benedito Calixto em Bocaina*. Secretaria de Estado da Cultura. Edição comemorativa por ocasião da restauração das obras, São Paulo, 1980.

24- Mosteiro de Santa Tereza D'Ávila – São Paulo SP

Em 1924, Calixto fez sete desenhos de passagens da vida de Santa Tereza D'Ávila para serem pintados no azulejo. Foram feitos a pedido de Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo. Eram destinados para a galeria externa do Carmelo de Santa Tereza das Perdizes, hoje edifício sede da PUC- São Paulo (F1). Os desenhos foram compostos para azulejos azul-branco, ao estilo português colonial, que foram executados pelo velho Conrado Sogernicht, e durante muitos anos ornaram a referida galeria. Quando de lá saíram as Carmelitas para o Jabaquara, onde atualmente se encontra o Mosteiro, e se fez a reforma do edifício para adaptá-lo a sede da PUC, os azulejos foram destruídos (f1). Na nova sede os desenhos foram novamente reproduzidos em azulejos, agora confeccionados pela Fiança Battistini de Maria de Portugal de Lisboa, em 1949. Infelizmente, não se conseguiu localizar os desenhos, fica aqui para ilustração a reprodução dos azulejos. Calixto, como de costume, depois de esboçar suas composições, montava ao vivo as cenas imaginadas, tendo como modelos parentes e amigos, depois as fotografava, para então executar os desenhos e ou pinturas definitivos. Assim ele fez com os desenhos sobre a vida de Santa Tereza.

24a- Santa Tereza ouvindo a leitura da "Vida dos Santos"

Inscrição: "Santa Theresa e seus jovens irmãos assistem à leitura da 'Vida dos Santos' feita por seu pae D. Affonso Sanches D Sepeda-Avila, em Castella-Velha, terra natal de Santa Thereza, 1543."



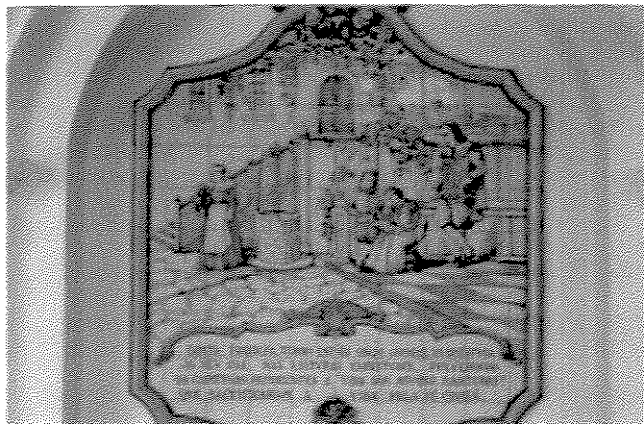
24b- Santa Tereza e o irmão tentam partir para a Terra Santa

Inscrição: “Santa Theresa e seu irmão Rodrigo, inspirados nas leituras espirituais, resolvem abandonar a casa paterna para ir a ‘Terra dos Mouros’ em busca do martyrio. Já em caminho encontraram seu tio – irmão de sua mãe – que os reconduz a casa”.



24c- Santa Tereza nas leituras espirituais

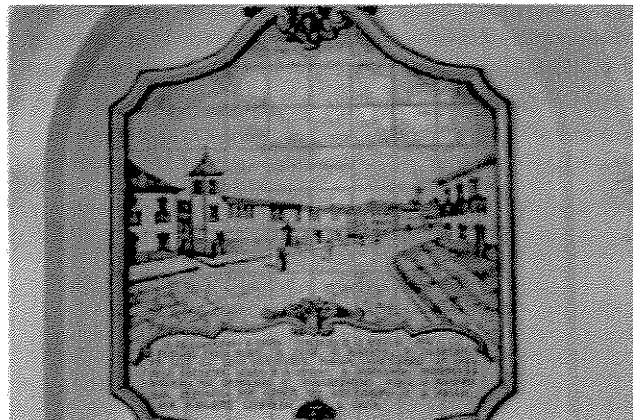
Inscrição: “Santa Theresa, tendo então onze annos, substituiu já seu pae nas leituras espirituas, preferindo os capítulos referentes à ‘Vida dos Jovens Mastyles’ que sacrificavam a vida pela fé cristã”.



24d- O Recolhimento de Santa Tereza em São Paulo

Incrição: “O Recolhimento de Santa Thereza de S. Paulo foi fundado pelo Bispo D. José de Barros de Alarcão em 1865. Os seus estatutos foram concebidos em 1746, pelo primeiro Bispo de S. Paulo D. Bernardo Rodrigues Nogueira. Foi

demolido e transferido para o bairro das Perdizes por ordem do Arcebispo de S. Paulo Snr. D.Duarte Leopoldo e Silva.”



24e- Santa Tereza e o irmão se penitenciando nas cabanas

Inscrição: “Vendo os dois jovens irmãos a impossibilidade de ganhar a ‘coroa do martyrio’ resolveram ‘fazer-se ermitães’, fabricaram então na vasta área do parque da casa paterna duas toscas cabanas, com ramos de árvores e palmas, onde faziam penitência e rezavam o terço”.

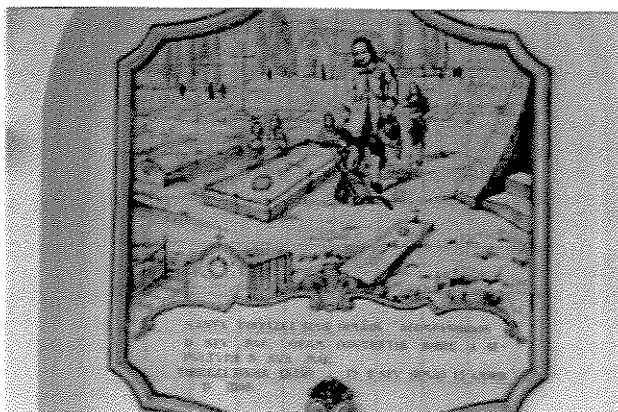


“Santa Tereza, menina ainda, costuma retirar-se com um garoto para o campo, onde armava um rancho de palha, levantava uma toska cruz de madeira e iam brincar de ‘eremitas’. O seu pai intrigado com estas saídas, segue-a um dia e a surpreende na surpreendente (sic) diversão” (F1). Calixto montou esta cena no quintal de sua casa de S. Vicente: “os ranchos de esteira e folhas de palmeira, a cruz de pau roliço, enfim, toda a montagem foi feita por Calixto, que representou o pai de S. Tereza, olha estático e admirado por trás

da jambola, para maior realismo da cena arregaça as calças”(F 1).

24f – Santa Tereza ora sobre a sepultura de sua mãe

Inscrição: “Santa Thereza e seus irmãos acompanhados de seu pae, oram constrictos sobre a sepultura de sua mãe. Thereza tinha então 12 e seu irmão 15 annos de idade.”



24g- Santa Tereza entrando para o convento vestida de noiva

Inscrição: “Tendo terminado sua infância e vencido os perigos e combates da adolescência, Santa Thereza entra – aos vinte annos de idade – com firme resolução para o Convento das Carmelitas D’Ávila, a 2 de Novembro de 1553.”

“ ‘Fiança Battistini’ de Maria de Portugal – Rua de São Domingos à Lapa no. 8, Lisboa – ano 1949.”



Sobre a foto montada para esta cena: “Nossa prima (de Calixto de Jesus Neto) Carula é levada por seu pai, representado por Calixto, que enverga a indumentária da época: jaleco e calção, gola de renda, meias de seda e escarpins de couro. Essa indumentária fazia parte do seu ‘guarda-roupa’ guardado numa grande arca no seu ateliê. Era um costume seiscentista, jaleco de veludo negro de mangas bufantes todo bordado de lantejoulas e missangas de azeviche. Havia naquela arca inúmeras peças deste gênero. ..A Madre superiora

do Carmelo de Ávila é minha irmã Maria Júlia, que enverga uma autêntica indumentária de carmelita tirada da arca do ateliê. Ao lado da noiva, sua filha Fantina. Segurando a cauda, sua neta Ione. Para lembrar o pórtico do convento, de um lado uma colina da coleção do ateliê e do outro alguém segura uma tábua. O rico tapete sobre o gramado foi mandado tirar da sala de visitas. Na janela da varanda, sua filha Pedrina olha desconfiada.”

Fonte: 1- Calixto de Jesus Neto, B.

25- Igreja da Ordem Primeira do Carmo - Convento do Carmo – Santos

Localizada a Prç. Barão do Rio Branco em Santos, a Igreja da Ordem Primeira do Carmo, apresenta uma característica pouco comum, divide seu campanário com a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, construída 150 anos mais tarde. Assim podemos passar, atravessando uma porta, de uma igreja a outra. Interessante é a fachada das duas igrejas com uma torre no meio que serve de campanário para as duas igrejas. As obras de Calixto decoram a Igreja da Ordem Primeira. Esta igreja, juntamente com o convento a que serve, começaram a ser construídas em 1599. Os profetas e santos aqui retratados são, historicamente, os inspiradores, profetas Elias e Eliseu, fundador, Santo Alberto, e difusor, Beato Nuno Álvares Pereira, da ordem dos Carmelitas.

25a- Profeta Elias

Óleo/tela; 190x115cm; assinado - B. Calixto, datado, 1924; inscrição: “Propheta Domini e genere sacerdotali et tribu Levitica... Fundator et Carmelitarum Ordinis Pater dixit: Zelu zelatus sum pro Domino Deo exercituum.. 3 Reg.XIX,16” (Profeta do Senhor e de geração sacerdotal e da tribo de Levi. Fundador e Pai da Ordem dos Carmelitas, disse: com zelo procuro ardentemente servir ao senhor dos exércitos)



Elias, cujo nome quer dizer meu Deus é Javé, desafiou os quatrocentos profetas fenícios que a rainha Jezebel trouxera quando se casou com o Rei Acab, dos Judeus, em X aC. Elias, vendo a idolatria na Palestina, anunciou um período de três anos de seca sobre a região, desafiou os ímpios profetas e seus deuses para, no Monte Carmelo, dirimirem a seca. “Quando só sobre o altar erguido por Elias acendeu-se prodigiosamente a labareda, e a água desceu pondo fim à seca, o povo explodindo de alegria linchou os sacerdotes idólatras” (F2). Apesar das labaredas do quadro, não parece ser este o episódio representado. Segundo o profeta Eliseu, discípulo de Elias, e que seria o único vidente do seu fim, este teria sido arrebatado por um carro de fogo. Esta sim parece ser a cena retratada.

Ver: Profeta Elias, Matriz de Catanduva, 1925.

25b- Beato Nuno Álvares Pereira

Óleo/tela; 190x115cm; assinado - B. Calixto, datado, 1924; inscrição: “BEATUS NONIUS ALVARES PEREIRA – Serenissimae Familiae Brigantinae Fundator; Comes stabilis Portugalliae regni et Laicus Carmelitidis Ordinis” (BEATO NUNO ÁLVARES PEREIRA – Fundador da sereníssima família Bragantina; conde firme do reino de Portugal e membro leigo da Ordem dos Carmelitas)



Nuno Álvares Pereira foi um líder militar português do séc. XIII, participando de várias batalhas para manutenção do reino, mandou construir o mosteiro Carmelita de Lisboa, para onde se retira deixando a

vida de guerras, e dedicando-se somente a Deus. Através de sua filha Beatriz, foi antecessor da Dinastia de Bragança.

25c- Santo Alberto

Óleo/tela; 190x115cm; assinado - B. Calixto, datado, 1924; inscrição: “SANCTVS ALBERTVS - Ordinis Carmelitarum, thaumaturgus Sicilianus Messanae obiens, inchoantibus Angelicis choris Missam ‘Os Justi’, ab ipso DOMINO adscriptus est catalogo Sanctorum” (SANTO ALBERTO – da Ordem dos Carmelitas, taumaturgo da Sicília visitando Messana, enquanto os coros angélicos entoaram a missa, “os justos”, foi inscrito pelo Senhor mesmo no catálogo dos santos)



Alberto era um dos eremitas que por volta do ano de 1200 se dirigiram, junto com as cruzadas, para a Terra Santa. Lá se estabeleceram no Monte Carmelo. Foi lá que Elias e Eliseu fizeram suas pregações e onde os carmelitas pretendiam levar uma vida de eremitas. Em 1209 escreve Alberto as Regras para que aqueles monges se tornassem uma nova ordem.

25d- Profeta Eliseu

Óleo/tela; 190x115cm; assinado - B. Calixto, datado, 1924; inscrição: “ELISEUS- Propheta Domini, Servus Eliae et Carmelitarum pater secundus, egressus ad fontem aquarum, misit in illum sal, et ait: “Haec dicit Dominus: sanavi aquas has, et non erit ultra in eis mors, neque sterilitas.”⁴ Reg. II, 21.” (ELISEU – Profeta do Senhor, servo de Elias e segundo Pai dos Carmelitas, saindo para a fonte das águas, dispersou sal nela e disse: ‘Isto diz o Senhor: curei estas águas, e não haverá mais morte nelas, nem esterilidade’)



Discípulo de Elias, Eliseu continuou sua tarefa de profecia. Aqui é representado quando, a pedido dos moradores de Jericó, purifica as águas do rio que lhes servem, deitando uma jarra de sal sobre o rio e invocando o Senhor.

Ver: Profeta Ezequiel, Matriz de Catanduva, 1925.

Fonte: 1-Arquivo do Convento do Carmo de Santos
2- Sgarbossa, M. Opus cit.

26- Cristo Benze o Pão Eucarístico

Óleo/tela; 120x100cm; assinado - B. Calixto, datado, 1924; inscrição: "APPERTI SUNT OCULI EORUM ET COGNOVERUNTEUM" (Os olhos deles se abriram e eles o reconheceram)



Igreja Matriz de Sant'Ana – Itanhaém SP

Cidade natal de Calixto e local para onde ia por ocasião das festas religiosas, Itanhaém tem na sua praça principal a Igreja Matriz de Sant'Ana. Foi concluída em 1761, substituindo a igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição como capela principal de Itanhaém. Não foram encontrados mais documentos sobre este quadro, além do Manuscrito de Calixto de Jesus Neto. Como este indica, a feitura do 'Cristo Benze o Pão Eucarístico' deu-se no mesmo ano em que foram ofertados os desenhos para o Convento de N.S. da Conceição, da mesma cidade, portanto, talvez também tenha sido uma oferta de Calixto para a Matriz, como aqueles desenhos o foram para o Convento.

Fonte: 1 – Calixto de Jesus Neto, B. Opus cit.

2 -Arquivo da Prefeitura Municipal de Itanhaém

27 – Convento de Nossa Senhora da Conceição – Itanhém SP

Localizado no alto do Morro de Itaguaçu, o Convento de Nossa Senhora da Conceição foi construído em 1563, embora tenha sua origem na ermida dedicada à Santa, erguida em 1532, ano de fundação da cidade. A escolha do morro deveu-se à estratégia de defesa, tanto de ataques do mar, quanto da terra. Em 1639, com a chegada dos franciscanos, o prédio foi reformado e aumentado. No séc. XVIII com a descoberta do ouro em Minas, Itanhaém viu migrarem seu comércio e moradores para outras paragens, ficando o convento como noviciato, mesmo assim com pouquíssimos ocupantes. Na década de 1920, com o governo estadual de Washington Luiz, iniciaram-se reformas de recuperação do Convento. Em 1924, Calixto fez desenhos para três vitrais para a capela do Convento de Itanhaém, sendo que a execução dos mesmos foi de Conrado Sorgenicht. A obra foi oferta dos dois artistas. "Depois da morte de Calixto ninguém mais cuidou dos vitrais que acabaram se estragando e retirados pelo SPHAN quando da restauração feita no convento" (F1). Estas restaurações citadas são de 1952. As reproduções aqui apresentadas são das fotos dos desenhos que estão na Pasta Benedito Calixto do Museu Paulista/USP e deles não se conhece a técnica ou tamanho.

27a- Padre Manoel da Nóbrega



Superior dos Jesuítas que aqui desembarcaram em 1549 com Tomé de Souza. Depois de permanecer algum tempo em Salvador, veio para São Paulo onde juntamente com Anchieta e outros jesuítas, faria extensa obra de catequização dos índios, administrativa (criação de várias catequeses/colégios, dentre eles o de Piratininga), e manutenção das crenças católicas dos portugueses.

27 b e c -Padre José de Anchieta e Padre Leonardo Nunes – o Abarebebê



Grande companheiro de Nóbrega que o usava como intérprete junto aos índios, Anchieta é retratado escrevendo nas areias da praia seus poemas à Virgem Maria. O Padre Leonardo Nunes, também jesuíta, chegou ao Brasil com Nóbrega, e com ele veio ao litoral sul. Realizou catequese em S. Vicente e em Itanhaém, participou também de apaziguamento de conflitos entre colonos e índios, chegando uma vez a salvar várias mulheres de colonos portugueses raptadas pelos Tamoios. Devido a sua capacidade de se locomover com rapidez no meio inóspito, ficou conhecido dos índios como o Abarabebê, que em tupi significa 'Padre Voador'.

Fonte: 1- Calixto de Jesus Neto, B. Opus cit.

2- Museu Paulista/USP, Pasta Benedito Calixto

28- Igreja Matriz de São Domingos – Catanduva SP

O início da construção da Matriz de São Domingos deu-se em 1919, aproveitando-se parte da antiga capela existente no local e seguindo a planta do engenheiro Krug, aprovada pelo então Bispo de São Carlos D. José Marcondes Homem de Mello (F1). Por indicação do primeiro Juiz da Comarca, Dr. Mergulhão Lobo, que era de São Paulo, o empenhado Pe. Albino contactou Calixto para realizar as pinturas na Matriz, e por sua indicação, o decorador Colucci, que tinha como ajudantes seus dois filhos (F2). Calixto esteve em Catanduva apenas um dia, 11 de Fevereiro de 1925, tomando as medidas e estudando a colocação dos quadros. Conta-nos Pe. Albino uma passagem sobre este dia: "Como não me foi possível no dia de sua chegada ir a estação esperá-lo, como contava, fui contudo ao hotel Central, a fim de lhe reservar lugar e devo ter dito então, com simplicidade, que o hóspede era 'o pintor' da igreja. No hotel, entretanto, o tomaram por um simples pintor, vale dizer, por um troca-tintas vulgar...Ah! o nosso homem se desgostou, pôs-se de mau gênio com a confusão, e tão logo se encontrou comigo foi dizendo:

- Escute, padre, pintor não. Sou professor. Sou o professor Benedito Calixto, da Escola de Belas-Artes"(f2). Ainda, segundo o Pe. Albino, a filha de Calixto, Pedrina, teria ajudado ao pai na pintura dos quadros. De acordo com a rigorosa contabilidade do Pe. Albino, que anotava até o valor de cada galinha doada para a construção da igreja, todo o

custo dos trabalhos de Calixto somou 24:270\$000, vinte e quatro contos e duzentos e setenta mil réis, sendo que os 270\$000 são os gastos com a viagem e estadia de Calixto em Catanduva (F2).

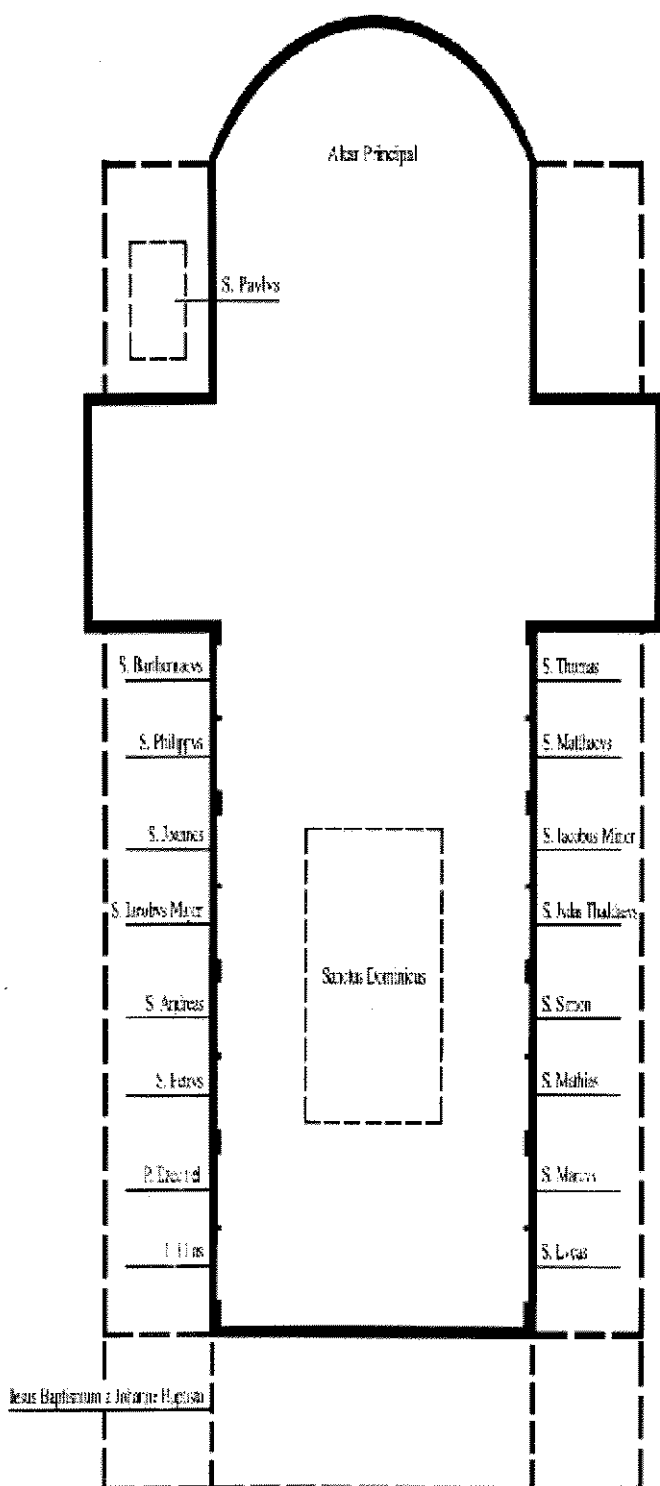
As telas de Calixto foram restauradas em 1996, por iniciativa da comunidade catanduvense e da

prefeitura municipal.

28a e b- Profeta Elias e Profeta Ezequiel

Óleo/tela; 200x100cm (cada tela); assinadas e datadas, 1925.

Distribuição das telas na Igreja

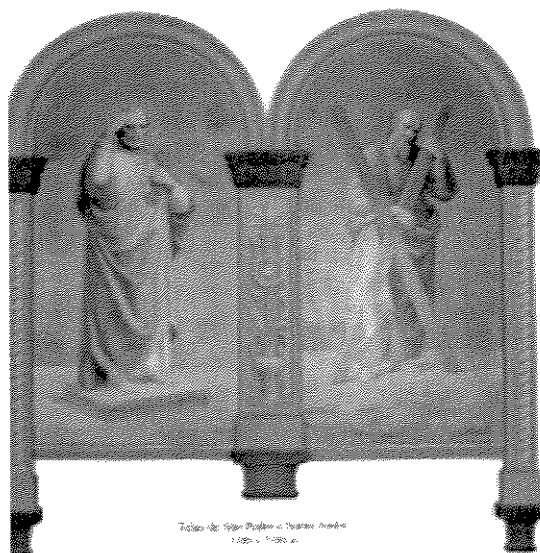


As duas primeiras telas, à esquerda de quem adentra a nave principal, trazem, respectivamente, o mesmo desenho dos Profetas Elias e Eliseu, do Convento do Carmo de Santos, feitos um ano antes. Não admira que Calixto, já idoso, não se sentindo bem de saúde e trabalhando para satisfazer várias encomendas, terminava Bocaina e pintava para particulares, se utiliza em alguns trabalhos, com o mesmo tema ou próximo, os mesmos desenhos.

Ver: *Profeta Elias e Profeta Eliseu*, Convento do Carmo, Santos, 1924.

28c e d- São Pedro e Santo André

Óleo/tela; 200x100cm (cada tela); assinadas; s/d; 1925; inscrição no 'São Pedro': "ET SUPER HANC PETRUM AEDIFICABO ECGLESIAM MEAM" (E sobre esta pedra edificarei minha Igreja)



Seguindo à esquerda, encontramos São Pedro e Santo André caracterizados, o primeiro com a chave e os dizeres de Cristo: 'e sobre esta pedra edificarei minha Igreja'. O segundo, André irmão de Pedro, com a cruz em X, com a qual sofrera seu martírio em Patrae. Foi amarrado e não pregado, demorando mais para morrer, o que aumentou seu sofrimento. Ver: *São Pedro*, Bocaina, 1924.

28e- São Jacó Maior

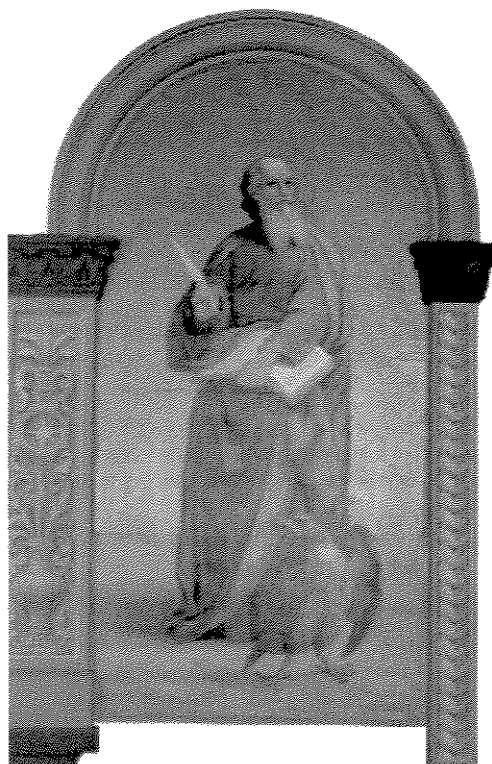
Óleo/tela; 200x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925



Jacó era filho de Zebedeu e irmão de João. A tradição diz que Jacó pregou inicialmente em Jerusalém e depois na Espanha. Foi decapitado por Herodes Agripa. É o único apóstolo cuja morte é mencionada na escritura (atos 12: 2).

28f- São João Evangelista

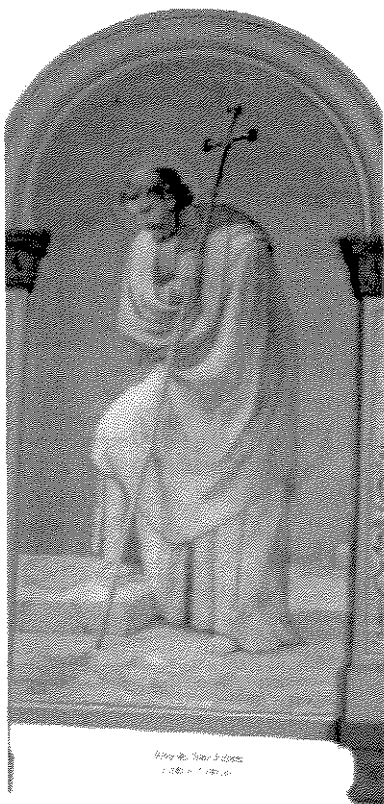
Óleo/tela; 200x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925



João era o mais novo dos apóstolos, por isso é as vezes representado como um jovem imberbe, como na 'Santa Ceia' em Santos, porém como morreu idoso, também se apresenta como um Senhor a escrever o evangelho, como é o caso.. Irmão de Tiago, esteve presente nos momentos mais importantes da vida de Cristo, inclusive a crucificação. Apesar de muito perseguido, não sofreu martírio, morrendo nonagenário de morte natural. É representado com a águia que simboliza a majestade do evangelho.

28g- São Felipe

Óleo/tela; 200x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925



Apóstolo presente no milagre da multiplicação dos pães, foi pregador e bispo, também sofreu martírio.

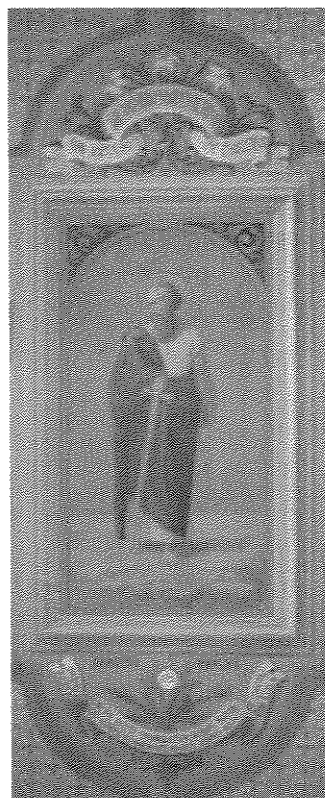
28h- São Bartolomeu

Óleo/tela; 200x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925

(não se tem a reprodução)

28i- São Paulo

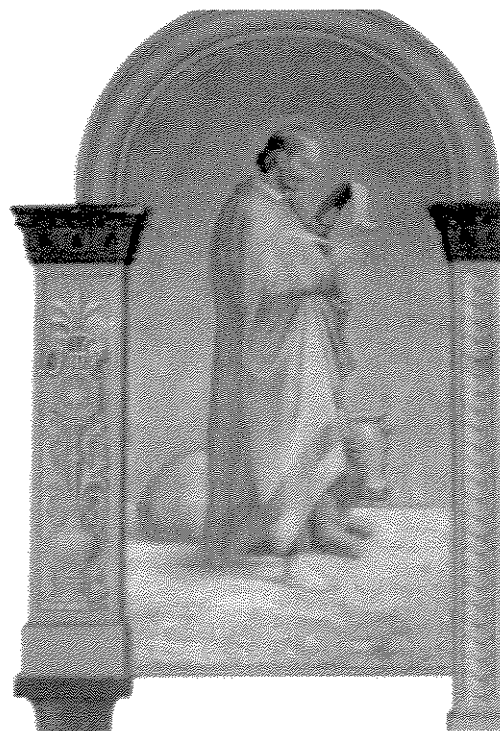
Óleo/tela; 200x100cm; assinado - B. Calixto;s/d ; 1925



Única tela ao lado do altar, encerra a galeria da esquerda. É São Paulo soldado: antes da conversão, do exército romano, depois, da igreja de Cristo. Ver: *São Paulo*, Bocaina, 1924.

28j-São Lucas

Óleo/tela; 200x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925

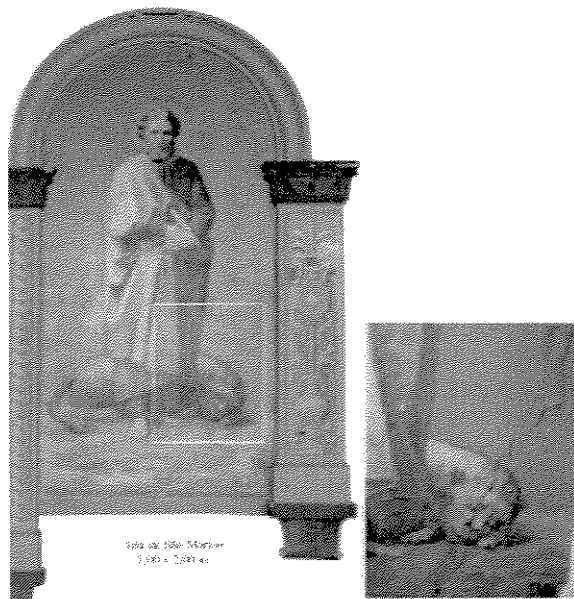


Iniciando a galeria da direita, encontramos São Lucas escrevendo o evangelho. Nascido em Antioquia, médico de profissão, foi convertido por S. Paulo, tornando-se seu fiel companheiro. Foi morto martirizado. É sempre representado com um boi.

28L- São Marcos

Óleo/tela; 200x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925

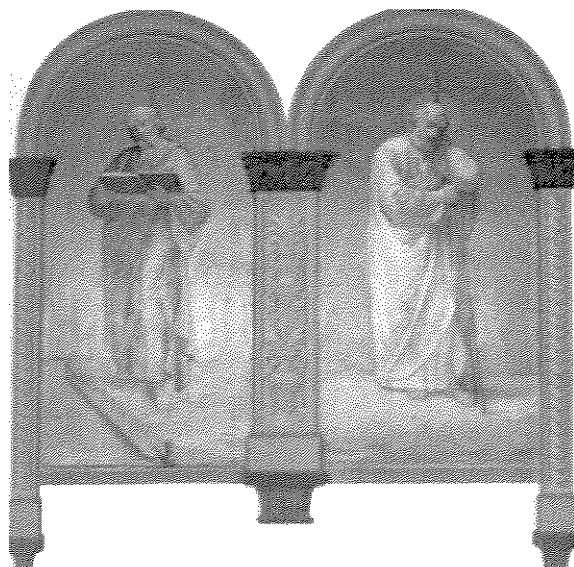
Reprodução com detalhe da tela antes do restauro.



Marcos era amigo de São Pedro, que o chamava 'meu filho'. Não ouviu diretamente Jesus, mas através de S. Pedro escreveu seu evangelho. Provavelmente, sofreu martírio nas ruas de Alexandria.

28 m e n- São Simão e São Matias

Óleo/tela; 200x100 (cada tela); assinado - B. Calixto; s/d; 1925



Um dos primeiros discípulos de Jesus, São Simão foi bispo em Jerusalém, pregou no Egito e na Pérsia. Foi martirizado serrado ao meio. São Matias é o 13º. discípulo, escolhido para substituir Judas Iscariotes. Testemunhou a ressurreição de Cristo. Foi morto a pedradas em Jerusalém.

28 o e p -São Jacó Menor e São Judas Tadeu

Óleo/tela; 200x100cm (cada tela); assinado - B. Calixto; s/d; 1925



Jacó, o menor, era filho de Alfeu, provavelmente era chamado de 'o menor' por ser mais novo e de estatura menor que o outro Jacó. Era também chamado 'o justo' devido a sua grande piedade. São Judas Tadeu era apóstolo e primo de Jesus. No ano de 70 foi martirizado por se negara prestar culto a deusa Diana. É representado escrevendo em sinal da sua pregação.

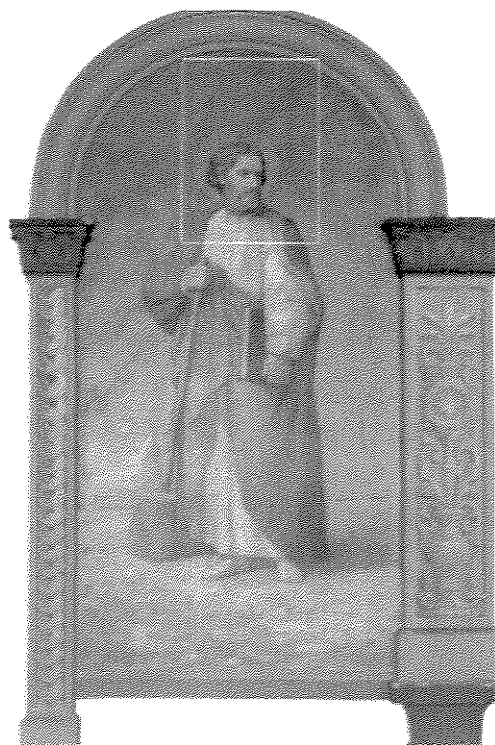
28q- São Mateus

Óleo/tela; 200x100cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925



Coletor de impostos antes de seguir Cristo, Mateus é o autor do primeiro evangelho. Pregou em Jerusalém e Etiópia e é tradicionalmente representado com um anjo que o inspira nas sagradas escrituras.

28r- São Tomás



Tomás também chamado Dídimo ou Gêmeo, era o terceiro apóstolo em idade depois de Pedro. Depois da crucificação passou a pregar na Pérsia e na Índia.

O quadro de São Tomás encerra a galeria da Direita.

28s- Batismo de Cristo

Óleo/tela; 200x200cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925.

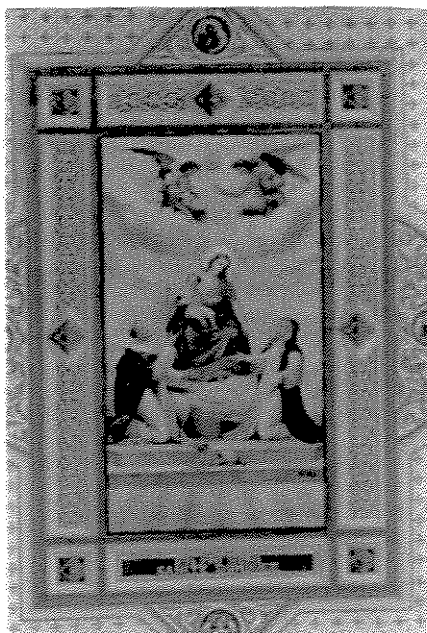


Localiza-se no batistério da Matriz, é bem diferente se compararmos com o 'Batismo' na Matriz de Atibaia. Aqui, muito provavelmente, Calixto utilizou como modelo do 'Batismo' de Almeida Junior. Hoje na Pinacoteca do Estado de São Paulo, o quadro de Almeida Junior pertencia à Matriz de Amparo. Em 1918, quando Calixto lá esteve para pintar as duas telas para aquela Matriz, pôde apreciá-lo.

Ver: Almeida Junior, *O Batismo de Cristo*, 1892, Pinacoteca do Estado de São Paulo.

28t- São Domingos

Óleo/tela; 550x300cm; assinado - B. Calixto; s/d; 1925; com inscrição: "ORA PRO NOBIS SANCTE DOMINICE" (São Domingos ora por nós)



Esta segunda maior obra sacra de Calixto, a primeira é o 'Batismo' na Matriz de Atibaia, encontra-se no teto da nave principal da igreja que é patrono. São Domingos (1170-1221), contemporâneo de São Francisco, nasceu em Castela e morreu em Bolonha. De família nobre, pregava a pobreza e o estudo como doutrina de vida e de fé. Era o primeiro a dar o exemplo: andava descalço, dormia no chão, jejuava e vivia de esmola, sempre pregando aos mais humildes.

Fonte: 1- Bolinelli, Sergio L.P. Alguns fatos e curiosidades. *Jornal da Matriz*. Catanduva, no. 6, Junho de 2002.

2- *O Século* (revista), Catanduva, 29/02/1948.

3- *Telas de Benedito Calixto*. Catanduva, Ramon Nobalbos Ed. Gráfica, 1996.

29 – Convento de Nossa Senhora da Penha – Vila Velha ES

Foi em 1558, com a chegada do Frei Franciscano Pedro Palácios, que se fundou o Santuário de Nossa Senhora da Penha, na então sede da capitania do Espírito Santo, Vila Velha. Em 1568, encomendada por Frei Palácios, chega de Portugal a imagem de Nossa Senhora e em 1570 realiza-se a primeira festa da Penha, com a entronização da imagem. A donatária D. Luiza Grinaldi doou em 1591 o morro da Penha para os franciscanos que começaram a

construção do Convento. Calixto foi convidado em 1926 para realizar quatro grandes telas relatando fatos históricos da vida do convento. Estes quadros decoram hoje o corredor principal do convento.

29a- Chegada do Frei Pedro Palácios

Óleo/tela; 170x305cm; assinado - B. Calixto, datado, 1926.



Frei Pedro Palácios foi o grande fundador do Santuário de Nossa Senhora da Penha. Homem de extrema bondade, estava sempre disposto a ajudar e orientar os mais necessitados.

29b- O Milagre da Seca em 1769

Óleo/tela; 170x305cm; assinado - B. Calixto, datado, 1926.



No ano de 1769, uma terrível seca se abatera sobre a ilha de Vitória. Organizou-se, assim, uma procissão

que levou a imagem de Nossa Senhora da Penha de Vila Velha até Vitória, assim que a imagem chegou em Vitória a chuva caiu em abundância, acabando com a seca.

29c- A Gruta de Frei Palácios

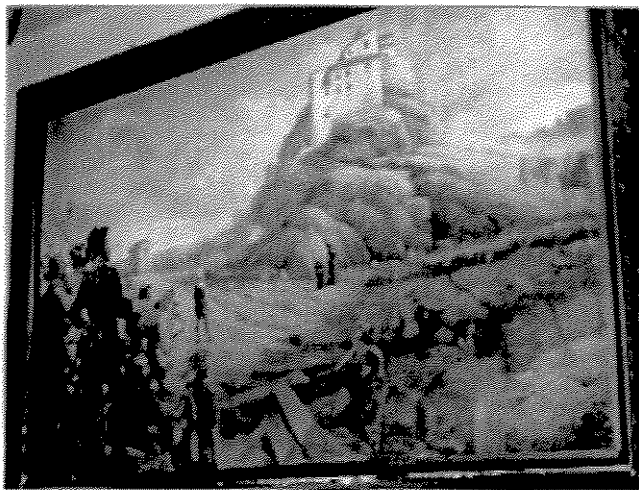
Óleo/tela; 170x305cm; assinado - B. Calixto, datado, 1927.



Esta gruta é uma lapa de pedra, localizada na Prainha, bem no início da caminhada para se subir ao convento. Foi nesta gruta que Frei Palácios inicialmente morou, despojado de qualquer conforto, quando chegou a Vila Velha em 1558, sendo tal abrigo muito utilizado no início da colonização pelos forasteiros que ali chegassem e não tivessem pouso. Ao seu lado fora colocada a imagem de Nossa Senhora, quando chegou de Portugal, até ser construída sua primeira capela.

29d- A Visão dos Holandeses

Óleo/tela; 170x305cm; assinado - B. Calixto, datado, 1927.



Em 1643, o Convento da Penha estava cercado por um exército holandês, que teriam tomado e saqueado o convento não fosse a visão que tiveram de um exército celestial que corria em defesa do convento, fazendo-os bater em retirada e deixando o convento a salvo.

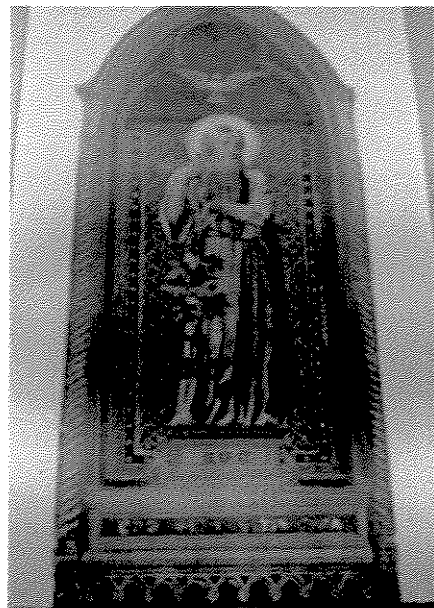
Fonte: 1- Arquivos do Convento de Nossa Senhora da Penha – Vila Velha ES

30 – Catedral de Santos

A Catedral de Santos começou a ser erguida em 1909 em substituição a velha Matriz, que fora demolida para a construção da atual Praça Antonio Teles. A nova Matriz foi inaugurada em 1924, embora suas obras tenham sido concluídas em 1967. Sua planta foi traçada pelo engenheiro prussiano Maximiliano Hell, responsável pela arquitetura da Catedral da Sé em São Paulo, vem daí a semelhança entre ambas. As obras de Calixto que estão na Catedral de Santos foram as últimas obras sacras que realizou. Ao falecer elas ainda estavam em seu ateliê, sendo postumamente conduzidas à Catedral. Localizam-se na capela do santíssimo e tratam os temas da aliança de Deus com o Homem (Noé); das oferendas do dízimo e a eucaristia. (Melquisedeque e Cristo).

30a-Noé

Óleo/tela; 250x100cm; assinado - B. Calixto, datado, 1927; inscrição: “NOE – EGO SUM VITIS VERA” (Noé - Eu sou a verdadeira vida)



Tela com formato bem característico, acompanhando o arco ogival da arquitetura neogótica da igreja, vemos Noé, que selou uma nova aliança dos homens com Deus, repovoando de animais e plantas o mundo destruído pelo dilúvio, sobre um pedestal com sua longa barba de ancião.

30b- Melquisedeque

Óleo/tela; 250x100cm; assinado - B. Calixto, datado, 1927; inscrição: "MELCHISEDECH - TUES SACERDOS IN AETERNUM" (Melquisedeque – Tu és sacerdote para sempre)



Do mesmo formato do 'Noé', também dá-nos a impressão de mural, não de tela fixada na parede, efeito reforçado pelas colunas salomônicas pintadas nas paredes, que os ladeiam. Melquisedeque rei de Salém, sacerdote de Deus, ao abençoar Abraão que voltava vitorioso de várias guerras, recebeu deste o dízimo em agradecimento pelas vitórias e bens conseguidos nas guerras, instituindo assim esta oferenda ao senhor. É retratado aqui ofertando pão e vinho.

30c- Ceia de Emaús

Óleo/tela; 215x215cm; assinado - B. Calixto, datado, 1927; inscrição: "COENA EMMAUS – ACCEPTIT PANEM ET BENEDICIT AC FREGIT ET PORRIGEBAT ILLIS. ET APERTI SUNT OCULI EORUM, ET COGNOVERUNT EUM" (Ceia de Emaús – Ele tomou o pão em suas mãos, abençoou-o, partiu –o e distribuiu-o a eles, então seus olhos se abriram e o reconheceram)



Tema várias vezes representado por Calixto, esta 'Ceia' segue nos personagens o mesmo desenho e atitudes da 'Ceia' da Igreja da Consolação em São Paulo.

Ver: *Ceia de Emaús*, Igreja de Santa Ifigênia, 1912.

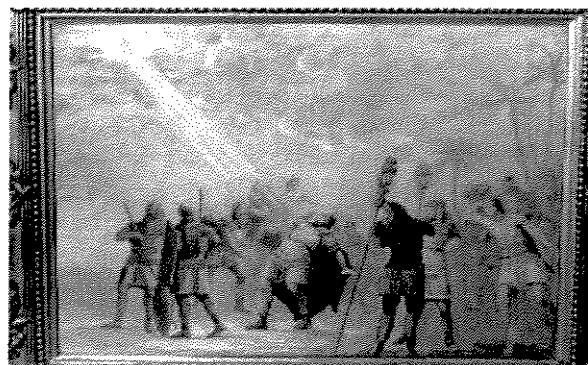
Ceia de Emaús, Igreja da Consolação, 1918.

DEMAIS OBRAS

Nesta parte estão colocados esboços, desenhos para revistas e obras cujo original não se conseguiu encontrar.

31- Estudo para a "Conversão de São Paulo"

Óleo/tela; 31x36cm; s/assin.; s/d.

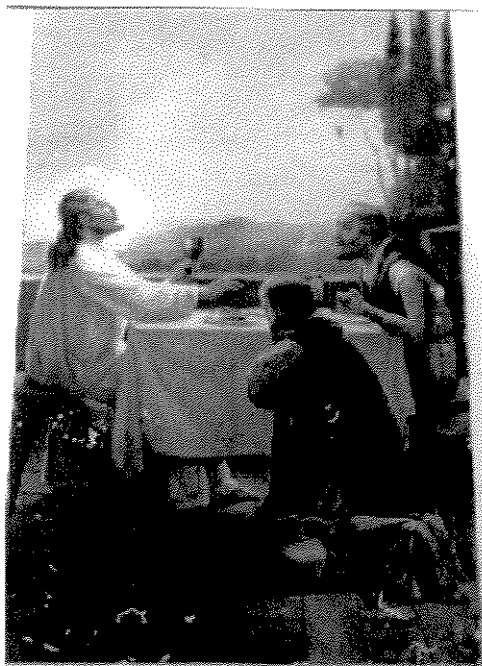


Este quadro foi adquirido pela Pinacoteca Benedito Calixto em Dezembro de 2000 do Sr. José Carlos Calixto de Jesus, juntamente com os estudos da Catedral de São Sebastião em Ribeirão Preto. Este quadro teria participado de um concurso, sobre este tema, para a Catedral da Sé em São Paulo, em 1887. O concurso foi vencido por Almeida Júnior. Esta obra foi restaurada por Pedrina Calixto.
Fonte: 1- Pinacoteca Benedito Calixto.

32 – Álbum de Fotografia de Celso Calixto Rios

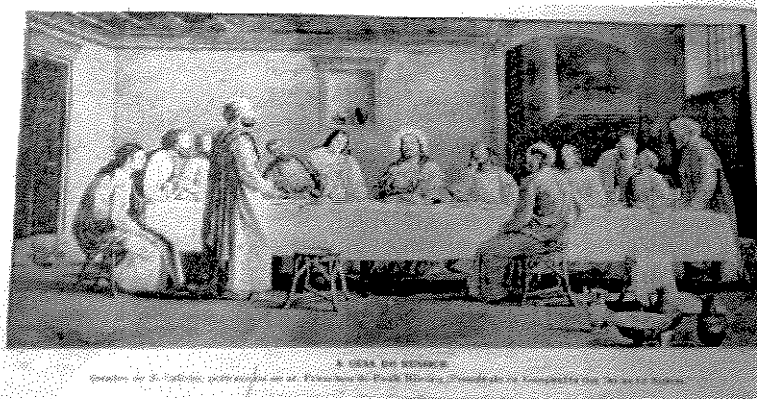
O Bisneto de Calixto, Celso Calixto Rios, restaurador e também pintor, dentre outras relíquias de seu bisavô, tem um extenso álbum de fotografias das várias obras que saíam do seu ateliê. Celso Calixto gentilmente, deixou que fossem aqui reproduzidas as de temáticas religiosas que ainda não contavam desta catalogação, por não terem sido encontradas ou delas não se ter notícias ou mais referências.

32a- Ceia de Emaús



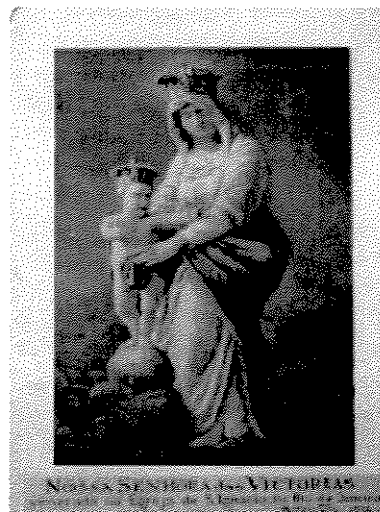
Na fotografia desta obra apenas se tem a indicação do nome e “pertencente a Dna. Olga de Souza Queiroz”.

32b- A Ceia do Senhor



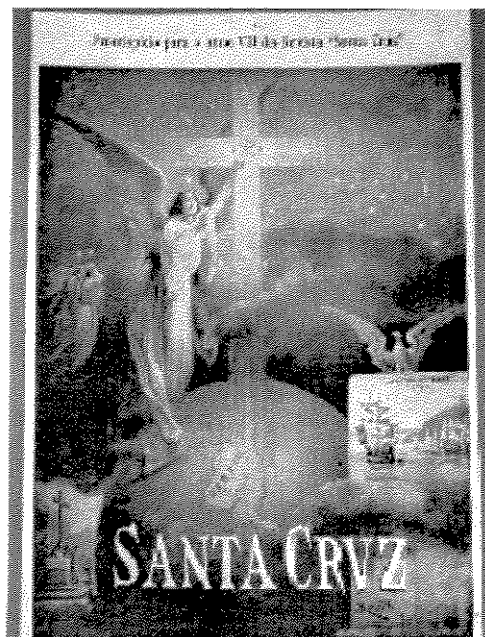
Também a indicação do nome e que pertence ao Sr. Francisco de Paula Ribeiro (Presidente da Companhia das Docas de Santos).

32c- Nossa Senhora das Vitórias



Na foto temos a indicação, além do nome, “venerada na Igreja de S. Ignácio, no Rio de Janeiro – B. Calixto 1926”.

32d- Frontispício para o ano VII da Revista Santa Cruz



Assim nos explica o texto que acompanha a foto: “SANTA CRUZ – B. Calixto 1906 – Composição do pintor Benedito Calixto. O Fundo da composição é cortado pela Via Láctea e a constelação do Cruzeiro do Sul no Zenith. Ao lado vêm-se as estrelas duplas do Centauro, guardas fiéis do Cruzeiro em seu giro sideral. Em baixo nota-se uma grande parte do hemisfério meridional, destacando-se o Brasil, sobre o qual ardeja o Archanjo da paz, da felicidade e da concórdia, apontando o monograma grego. – Ainda em baixo à direita e à esquerda, lêem-se duas páginas solenes da história pátria, fregmentos de conhecidos quadros de V. Meirelles e do autor. Finalmente, Atalaia fiel e destemido, figura também no inspirado trabalho de B. Calixto, o condor americano symbolizando a pátria de gênios e da liberdade.”

32e- O Natal



Apenas com a indicação: “composição para uma revista – 1906.”

33- Sagrado Coração de Jesus

Óleo/tela; 80x60cm; assinado - B. Calixto, data 1925.

Particular



Constante do catálogo do livro da Yara Petrella, não se conseguiu maiores informações sobre a obra.

Fonte: 1- Petrella, Yara L.M.M., Opus cit.

Bibliografia:

Alves, Caleb Faria. *Benedito Calixto e a Construção do Imaginário Republicano*. Tese apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Ori. Prof. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda. São Paulo, 2000.

Arroyo, Leonardo. *Memória e Tempo das Igrejas de São Paulo*. São Paulo, Cia Ed. Nacional/Edusp. 1971.

Arte no Brasil (coleção). Abril Cultural Editora. São Paulo, 1979, Fascículo no. 30.

Ayala, Waldir. *Dicionário de Pintores Brasileiros*. Rio de Janeiro, Spala Ed. Ltda, 1986.

Braga, Theodoro. *Artistas Pintores no Brasil*. São Paulo, Editora Limitada, 1942.

Bardi, Pietro M. *História da Arte Brasileira*. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1975.

Benedito Calixto: um pintor à beira-mar. Coord. Marli Nunes de Souza: textos Caleb Faria Alves e Tadeu Chiarelli. Santos. Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, 2002.

Bienal Brasil Século XX, Catálogo da Exposição. MEC-FAE, 1994.

Borges, Maria Elizia. *A pintura na "Capital do Café": sua história e evolução no período da Primeira República*. São Paulo. Dissertação de mestrado, Escola de Pós-graduação de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política, 1983.

Calixto de Jesus, Benedito. *Capitanias Paulistas*. São Paulo, Duprat e Mendonça, 1927.

_____. *Memória e História sobre a Igreja e o Convento da Imaculada Conceição de Itanhaém*. Santos, 1915.

_____. *Vila de Itanhaém*. Santos, Diário de Santos, 1895.

Calixto de Jesus Neto, Benedito. *Manuscrito sobre as obras sacras de Benedito Calixto*. Museu Paulista/USP.

Campofiorito, História da Pintura Brasileira no séc. XIX. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1983.

Cavalcanti, Carlos. *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos*, Brasília, INL, 1973, vol. 2.

Conceição, Júlio. *Benedito Calixto (1853-1927) – Traços Biográficos*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1932. Separata do tomo XVII, parte 2 da Revista do Museu Paulista.

Dan Galeira, *Benedito Calixto – obras inéditas*. São Paulo, Dan Galeria, 1984

Fernandes, Ari Vicente. *Calixto*. Monografia apresentada à FAU-USP, 1966.

Gombrich, Ernest H. *A História da Arte*. Rio de Janeiro, LTC Ed., 1999, 16ª. edição.

Guedes, Emmanuel. *A Arte de Benedito Calixto*. 1946.

Gullar, Ferreira. *150 anos de Pintura Brasileira*. Rio de Janeiro, Colorama Editora, 1989.

Laureano, Mons. João. *Bispos e Arcebispos de Ribeirão Preto*. Publ. Da Cúria Metropolitana de Ribeirão Preto, 1972.

Leite, José R. Teixeira. *Dicionário Crítico da Pintura no Brasil*. Rio de Janeiro, Artlivre, 1988.

Massarini, Emanuel von Lauenstein. *A paisagem paulistana à época do telefone: São Paulo em 1884 – a visão de dois consagrados artistas; Benedito Calixto e José Wasth Rodrigues*. São Paulo, Telesp, 1984.

Menezes, UTB. *Benedito Calixto como Documento: sugestões para uma releitura histórica*. São Paulo. Pinacoteca do Estado. 1990.

Migliaccio, Luciano. *O Século XIX*. in Mostra do Redescobrimento: Século XIX. São Paulo. Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Catálogo. Arte do Brasil e demais coleções. Coordenação Geral Luiz Marques. São Paulo, Premio, 1998.

Petrella, Yara Lúcia M.M. *A linguagem das Cores nas Paisagens Urbanas e Marinhas de Benedito Calixto*. São Paulo, FAU-USP, 1999. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1999.

Pinacoteca do Estado, São Paulo. *Benedito Calixto: Memória Paulista*. São Paulo. Pinacoteca do Estado, 1990.

Pontual, Roberto. *Dicionário das Artes Plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969.

Reis Júnior, José Maria dos. *História da Pintura no Brasil*, São Paulo, Ed. Leia, 1944.

Sgarbossa, Mário. *Um Santo para cada dia*. São Paulo, Ed. Paulus, 1983.

Tarasantchi, Ruth Sprung. *Pintores Paisagistas – São Paulo 1890 a 1920*. São Paulo, Edusp, 2002.

Teixeira, Milton. *Benedito Calixto: imortalidade*. Santos, Ed. da UNICEB, 1992.

The Dictionary of Art. Jane Turner Editor, New York, 1996, vol. 24.

Viotti, Pe. Hélio Abranches. *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. Editora Loyola, São Paulo, 1968.

Zanini, Walter (org). *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo, Instituto Walter Moreira Salles, 1983, vol. 2.

Jornais, Revistas e Guias:

A Cidade, Ribeirão Preto, 1915-1922.

Associação Paulista de Belas Artes, Boletim da. São Paulo, Setembro e Outubro de 1948, no. 30.

Auto-retrato: espelho do artista. Guia da exposição na galeria de arte do Sesi de 19/03 à 08/09/2001. São Paulo.

Bolinelli, Sergio L.P. *Alguns fatos e curiosidades*. Jornal da matriz, Catanduva, no. 6, Junho de 2002.

Benedito Calixto: trabalhos sobre papel. Catálogo da exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo. São Paulo, 1985.

Correio Paulistano. São Paulo; 29/07/1890, 13/06/1902, 13/01/1910.

Diário Popular, São Paulo, 17.07.1890.

Lima, Roberto Pastana Teixeira. *Guia da Catedral de Nossa Senhora do Amparo*. Amparo, Secretaria de Desenvolvimento Cultural e Turístico. 2002.

O Século (revista), Catanduva, fev. de 1948

Paróquia de São João Batista. Revista Comemorativa dos 340 anos. Atibaia, 2002.

Revista Galeria. no. 22, São Paulo, 1989.

Telas de Benedito Calixto. Catanduva, Ramon Nobalbus Ed. Gráfica, 1996.

Arquivos de Instituições e Museus:

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Carlos - SP

Catedral de Santos

Convento do Carmo de Santos

Colégio São Luis – São Paulo SP

Convento de Nossa Senhora da Penha – Vila Velha ES

Museu de Arte Sacra de São Paulo

Museu de Arte Sacra de Santos

Museu Paulista/USP

Palácio São Joaquim – Rio de Janeiro RJ

Pinacoteca Benedito Calixto – Santos

Pinacoteca do Estado de São Paulo – Setor de Documentação do Serviço de Museologia

Prefeitura Municipal de Itanhaém

Prefeitura Municipal de São Carlos